

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Ao Encontro da Palavra.
Através da Arquitetura na Liturgia:
Reabilitação da Igreja de N^a S^a.do Amparo, Portimão

Dissertação de Mestrado em Arquitetura

Aluno: Arlete Maria Conceição Jorge Escudeiro

Orientador: Professora Doutora Ana Moya Pellitero

Área Científica / Projeto de Arquitetura

Maio de 2015

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Ao Encontro da Palavra.
Através da Arquitetura na Liturgia:
Reabilitação da Igreja de N^a S^a.do Amparo, Portimão



Dissertação de Mestrado em Arquitetura

Aluno: Arlete Maria Conceição Jorge Escudeiro

Orientador: Professora Doutora Ana Moya Pellitero

Área Científica / Projeto de Arquitetura

Maio de 2015

ARLETE MARIA DA CONCEIÇÃO JORGE ESCUDEIRO

**AO ENCONTRO DA PALAVRA. ATRAVÉS DA
ARQUITETURA NA LITURGIA: REABILITAÇÃO DA
IGREJA DE N^a. S^a. DO AMPARO, PORTIMÃO.**

Dissertação defendida em provas públicas no
Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia
13/07/2015 perante o júri nomeado pelo Despacho de
Nomeação nº. 08/2015, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof.^a Doutora Clara Germana Ramalho
Moutinho Gonçalves

Vogais:

Prof. Doutor Mostafa Zekri (Arguente)

Orientador:

Prof.^a Doutora Ana Maria Moya Pellitero

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão

2015

Dedico este meu trabalho, aos meus netos Vicente e Lucas.

A Igreja precisa de arte

“Para transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou, a Igreja tem necessidade de arte. De fato, deve tornar perceptível e o mais fascinante possível o mundo do espírito, do invisível, de Deus. Por isso, tem de transpor para fórmulas significativas aquilo que, em si mesmo, é inefável. Ora, a arte possui uma capacidade muito própria de captar os diversos aspetos da mensagem, traduzindo-os em cores, formas, sons que estimulam a intuição de quem os vê e ouve. E isso, sem privar a própria mensagem de seu valor transcendente e de seu halo de mistério.

(...) A Igreja precisa de arquitetos, porque tem necessidade de espaços onde congregar o povo cristão e celebrar os mistérios da salvação. Depois das terríveis destruições da última guerra mundial e com o crescimento das cidades, uma nova geração de arquitetos se amalgamou com as exigências do culto cristão, confirmando a capacidade de inspiração que o tema religioso demonstra ter sobre os critérios arquitetónicos de nosso tempo. De fato, não raro se construíram templos, que são simultaneamente lugares de oração e autênticas obras de arte.”

(Carta do Papa João Paulo II aos artistas, 1999)

RESUMO

Palavras-chave: Reabilitação de Edifícios Religiosos, Ordem Jesuíta, Espaço Sagrado, Simbolismo e Liturgia, Igrejas Salão.

A presente dissertação, desenvolve-se a partir da importância da palavra falada, para os homens como elemento de união, intercâmbio de conhecimentos e de relações interpessoais. Também na sua relação com espaços sagrados, que acontece na transmissão da tradição oral e na proclamação da palavra escrita especialmente na liturgia.

Este trabalho reflete sobre a reabilitação da Igreja Nossa Senhora do Amparo, edifício religioso, construído junto a uma capela já existente, num bairro dos anos 70, na cidade de Portimão. A presente dissertação tem como objetivo melhorar o seu funcionamento programático, aspetos visuais arquitetónicos e simbólicos e por último melhorar o entendimento da Palavra Sagrada no conceito de “ Igreja salão”.

Na presente dissertação será tratado dois tipos de intervenção: uma em que o papel da cobertura altera completamente a imagem do edifício e uma segunda onde a cobertura se integra com a identidade arquitetónica do edificado existente.

O objetivo da presente dissertação será melhorar a forma do espaço sagrado da Igreja Nossa Senhora do Amparo para assim permitir uma melhor experiência no encontro com o transcendente e com o outro.

ABSTRACT

Key-words: Rehabilitation of Religious Buildings, Jesuit Order, Sacred Space, Symbolism and Liturgy, Hall Churches.

The present dissertation is developed based on the importance of the sacred Spoken Word. For people the spoken word is an element of union, an exchange of knowledge and personal relationships. Also in its relation with sacred spaces which takes place in the transmission of the oral tradition and in the proclamation of the Written Word especially in the liturgy.

This work reflects on the rehabilitation of the church of "Nossa Senhora do Amparo", a religious building built next to an existing chapel, in a neighborhood of the seventies, in the city of Portimão. The present dissertation aims to improve the functional program, and the architectural and symbolic visual aspects of the church, including the improvement of the understanding of the Holy Word in the concept of "Hall Church".

In the present dissertation will be treated two intervention approaches: one in which the role of the roof design changes completely the building's image and a second one where the roof style is integrated within the architectural identity of the new building rehabilitation.

The purpose of the present dissertation aims to improve the shape of the sacred space of "Nossa Senhora do Amparo" church thus enabling a better experience of the encounter with the transcendent and with the mystical other.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Igreja do Colégio de Portimão - Planta do R/C. Fonte: FIGUEIREDO, Ana. <i>O Colégio Jesuíta de Vila Nova de Portimão: Comunidade e Património (1659 – 1759)</i> . Lisboa: Colibri, 2010	25
Figura 2 - Vista geral do interior da Igreja do Colégio, (2011). Francisco Lameira. Fonte: Câmara Municipal de Portimão	25
Figura 3 - Planta do Piso 1 - Fonte: Câmara Municipal de Portimão (n.d.)	27
Figura 4 - Planta da Cave – Fonte: Câmara Municipal de Portimão (n.d.)	27
Figura 5 – Igreja Nossa Senhora do Amparo – Portimão. AlçadoNascente.Fonte:O Autor	28
Figura 6 – Igreja Nossa Senhora do Amparo (Interior, vista do altar). Fonte: O Autor	28
Figura 7 - Catacumba cristã em Roma, meados do séc.IV. Fonte: http://www.catolicidad.com/2011/06/las-catacumbas.html	33
Figura 8 - Planta da Basílica de São João de Laterano. Roma, 318 D.C. Fonte: https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/09/22/morfologia-da-igreja-barroca-no-brasil-i/	34
Figura 9 - Interior da Basílica de São João de Laterano. Roma, 318 D.C. Fonte: http://tesourosdaigrejabatolica.blogspot.pt/2011_07_01_archive.html	34
Figura 10 - Corte da Basílica de Santa Sofia de Constantinopla, 532-537 d.C. Fonte: http://scriptoriumciberico5.blogspot.de/2005/05/as-idades-do-espao-4.html	35
Figura 11 - Interior da Basílica de Santa Sofia de Constantinopla, 532-537 d.C. Fonte: http://viagem-fotos.1-my.com/fotos-de-viagens/fotos-Hagia-Sophia-fotos-turismo-pt-hv_p211.shtml	35
Figura 12 - Planta da catedral de Santiago de Compostela, construída entre os anos de 1075 e 1128. Fonte: http://socialesmoriles.blogspot.pt/2012_05_01_archive.html	37
Figura 13 - Interior da catedral de Santiago de Compostela, construída entre os anos de 1075 e 1128. Fonte: http://pt.slideshare.net/abaj/santiago-de-compostela-11718949	37

Figura 14 e 15 - Planta e interior da Igreja da Catedral de São Patrício, Manhattan, Estados Unidos. Fonte: http://jcspedreira.blogspot.pt/2013/04/saint-patrick-cathedral-new-york-usa.html , roteiroutil.com.br	38
Figura 16 - Planta da Basílica de S. Pedro em Roma. Iniciada a sua construção em 1506 com uma planta de cruz grega. Fonte: http://linhaderumo.blogspot.pt/2011/05/roma-basilica-de-s-pedro.html	39
Figura 17 - Interior da Basílica de S. Pedro em Roma. Iniciada a sua construção em 1506 com uma planta de cruz grega. Fonte: http://viajeconescalas.blogspot.pt/2011/07/las-luces-de-san-pedro.html	39
Figura 18 - Planta da Igreja de São Francisco, Salvador, na Bahia, Brasil. Fonte: https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2012/05/09/morfologia-das-igrejas-barrocas-ii/	40
Figura 19 - Interior da Igreja de São Francisco, Salvador, na Bahia, Brasil. Fonte: http://www.pbase.com/alexuchoa/image/52730862	40
Figura 20 e 21 - Planta e Interior da Capela de Nôtre Dame du Haut, Ronchamp (1950 – 1955). Fonte: https://histarq.wordpress.com/2012/11/23/aula-5-le-corbusier-2a-parte-1930-1960/	42
Figura 22 - Planta da Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, Brasília (1958). Fonte: http://www.planta1.com/blog/oscar-niemeyer-the-man-who-loved-curves-for-more-than-a-hundred-years/	42
Figura 23 - Interior da Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, Brasília (1958). Fonte: www.universoarquitettura.com	42
Figura 24 - Sinagoga no tempo de Jesus. Fonte: Wilmsen em Silva; Siviski, (2001, p. 213)	49
Figura 25 - Casa romana. Fonte: Schubert, 1978, p. 42	50
Figura 26 - Basílica pagã. Fonte: Schubert, 1978, p. 43	51
Figura 27 - Basílica cristã. Fonte: Schubert, 1978, p. 44	51
Figura 28 - Representação esquemática – igreja do período românico. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Coro_(arquitetura)	53

Figura 29 - Sacrário e Retábulo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição Angra do Heroísmo, Açores. Fonte: https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.../Tese%20Cristina%20Santos.pdf ..54	54
Figura 30 - Vitral na Igreja Matriz de Espinho, Portugal. Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Espinho_vitral.jpg54	54
Figura 31 - Altar, escultura em madeira, Nuernberg. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Escultura_do_gótico54	54
Figura 32 - Igreja de São Vicente de Fora, Lisboa. Murete com balaustradas- separação entre assembleia e presbitério. Fonte: http://auren.blogs.sapo.pt/1747677.html55	55
Figura 33 - Confessionário na Basílica de São Pedro. Fonte: http://catedraismedievais.blogspot.de/2013/06/visibilidade-hierarquia-e-simbolismo-da.html56	56
Figura 34 - Púlpito da igreja de Gesù, Roma. Fonte: http://infocatomica.com/blog/germinans.php/1109221116-de-capitulo-34-ambon-pulpito56	56
Figura 35 - Mapa dos anos 70, com a Delimitação dos Bairros Sociais de Portimão. Fonte: Dossier Temático sobre os Bairros Operários. Centro de Documentação e Arquivo Histórico do Museu de Portimão71	71
Figura 36 e 37 - Capela N ^a S ^a do Amparo, 1950. Vista geral da cidade de Portimão, assinala a Capela N ^a S ^a do Amparo (antes do espaço ser urbanizado) Fonte: Autor Desconhecido (n.d.)72	72
Figura 38 - Mapa de 1947. Fonte: Câmara Municipal de Portimão73	73
Figura 39 - Mapa de 1964-1966. Fonte: Câmara Municipal de Portimão73	73
Figura 40 - Mapa de 1964-1966. Fonte: Câmara Municipal de Portimão73	73
Figura 41 - Mapa de 1972. Fonte: Câmara Municipal de Portimão73	73
Figura 42 - Mapa de 1977. Fonte: Câmara Municipal de Portimão74	74
Figura 43 - Mapa de 1987. Fonte: Câmara Municipal de Portimão74	74
Figura 44 - Mapa de 2001. Fonte: Câmara Municipal de Portimão75	75
Figura 45 - Mapa de 2006. Fonte: Câmara Municipal de Portimão75	75
Figura 46 - Caracterização da atual zona de implantação da Igreja com área desportiva, área verde e edificação envolvente. Fonte: Câmara Municipal de Portimão75	75

Figura 47 - Vista do jardim junto à capela. Fonte : O Autor	76
Figura 48 - Vista do equipamento de recreio e lazer. Fonte : O Autor	76
Figura 49 - Vista da capela e o jardim envolvente. Fonte : O Autor	77
Figura 50 - Vista do jardim e da Igreja a partir da capela. Fonte : O Autor	77
Figura 51 - Entrada principal da Igreja. Fonte : O Autor	77
Figura 52 - Capela N ^a S ^a do Amparo. Fonte : O Autor	77
Figura 53 - Vista do espaço aberto com o acesso da Rua N ^o S ^o do Amparo. Fonte: O Autor	78
Figura 54 - Vista das janelas das salas de catequese. Fonte: O Autor	78
Figura 55 - Vista da entrada da Sacristia e Cartório. Fonte: O Autor	78
Figura 56 e 57 - 1981- Benção e cerimónia do lançamento da primeira pedra para a construção da Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Amparo. Fonte: Autor Anónimo	81
Figura 58 - Cripta. Fonte: Autor Anónimo	81
Figura 59 - Início das obras da Igreja. Fonte: Autor Anónimo	81
Figura 60 - Celebração no edifício ainda em obra. Fonte: Autor Anónimo	81
Figura 61 - Altar. Fonte: Autor Anónimo	81
Figura 62 - Projecto da Igreja de N ^a S ^a do Amparo CMP (n.d.). Alçado Sul. Fonte: Câmara Municipal de Portimão	83
Figura 63 - Projecto da Igreja de N ^a S ^a do Amparo CMP (n.d.). Alçado Poente. Fonte: Câmara Municipal de Portimão	83
Figura 64 - Projecto da Igreja de N ^a S ^a do Amparo CMP (n.d.). Alçado Norte. Fonte: Câmara Municipal de Portimão	84
Figura 65 - Projecto da Igreja de N ^a S ^a do Amparo CMP (n.d.). Corte Longitudinal. Fonte: Câmara Municipal de Portimão	84
Figura 66 - Projecto da Igreja de N ^a S ^a do Amparo CMP (n.d.). Planta da Cobertura. Fonte: Câmara Municipal de Portimão	85
Figura 67 - Projecto da Igreja de N ^a S ^a do Amparo CMP (n.d.). Planta do Piso 1. Fonte: Câmara Municipal de Portimão	85
Figura 68 - Projecto da Igreja de N ^a S ^a do Amparo CMP (n.d.). Planta da Cave. Fonte: Câmara Municipal de Portimão	86
Figura 69 - Entrada da Capela do Santissimo. Fonte: Autor Anónimo	87
Figura 70 - Capela do Santissimo. Fonte: Autor Anónimo	87

Figura 71 - Figura 71: Batistério. Fonte: Autor Anónimo	87
Figura 72 - Capela de Reconciliação Fonte: Autor Anónimo	87
Figura 73 - Altar e zona do coro. Fonte: Autor Anónimo	87
Figura 74 - Altar. Fonte: Autor Anónimo	87
Figura 75 - Planta e fotografia do jardim "Padre Arsénio C. da Silva (s.j)", junto à Igreja. Fonte: Câmara Municipal de Portimão e o Autor	89
Figura 76 - Fotografia e Planta do lado Poente da Igreja. Fonte: O Autor e Câmara Municipal de Portimão	90
Figura 77 - Fotografias e Planta do Jardim junto à capela e entrada da Igreja. Fonte: O Autor e Câmara Municipal de Portimão	90
Figura 78 - Planta e Fotografias da zona do jardim junto ao espaço da pré-escola. Fonte: Câmara Municipal de Portimão e o Autor	91
Figura 79 - Jardim. Fonte: O Autor	92
Figura 80 - Capela N ^a S ^a do Amparo. Fonte: O Autor	92
Figura 81 - Entrada da Casa do Padre. Fonte: O Auto	92
Figura 82 - Alçado e entrada para a Cave. Fonte: O Autor	92
Figura 83 - 84 - Janelas das catequese danificadas. Fonte: O Autor	93
Figura 85 - Teto, zona mais alta junto ao altar. Fonte: O Autor	93
Figura 86 - Teto, por cima do altar. Fonte: O Autor	93
Figura 87 - 88 - Patologias junto às estruturas do teto em cascas. Fonte: Autor Anónimo	94
Figura 89 - Humidades no espaço da Cáritas. Autor Anónimo	94
Figura 90 - Humidades no espaço da Sacristia. Autor Anónimo	94
Figura 91 - Igreja Nossa Senhora da Conceição (Igreja Matriz). Fonte: Empresa STAP e Monumenta	96
Figura 92 - Planta da Igreja Matriz de Portimão. Fonte: Empresa STAP e Monumenta	97
Figura 93 - Alçado norte. Fonte: Empresa STAP e Monumenta	99
Figura 94 - Porta da entrada principal. Fonte: Empresa STAP e Monumenta	99
Figura 95 - Telhas argamassadas e sua irregularidade. Fonte: Empresa STAP e Monumenta	100
Figura 96 - Caleira obstruída. Fonte: Empresa STAP e Monumenta	100
Figura 97 - Telha rachada. Fonte: Empresa STAP e Monumenta	100

Figura 98 - Estrutura de madeira deformada. Fonte: Empresa STAP e Monumenta	101
Figura 99 - Incapacidade de suportar a carga da cobertura. Fonte: Empresa STAP e Monumenta	101
Figura 100 - Viga de suporte infestada de insetos. Fonte: Empresa STAP e Monumenta	101
Figura 101 - Nave central.Fonte: Autor Anónimo	103
Figura 102 - Nave lateral (Capela Santissimo). Fonte: Autor Anónimo	103
Figura 103 - Alçado Norte.Fonte: Autor Anónimo	103
Figuar 104 - Alçado Nascente. Fonte: Autor Anónimo	103
Figura 105 - Igrejade Nossa Senhora da Conceição, na Figueira (Mexilhoeira Grande). Fonte: Câmara Municipal de Portimão	104
Figura 106 - Planta do piso 0 da Igreja da Figueira. Fonte: Câmara Municipal de Portimão	105
Figura 107 - Alçado Principal. Fonte: Câmara Municipal de Portimão	105
Figura 108 - Planta da Cobertura. Fonte: Câmara Municipal de Portimão	106
Figura 109 e 110 - Colocação da estrutura de suspensão. Fonte: Empresa Castelhana & Ferreira S.A. – Industria de Tetos Falsos e Divisórias	108
Figura 111 e 112 - Estrutura de suporte e isolamento. Fonte: Empresa Castelhana & Ferreira S.A. – Industria de Tetos Falsos e Divisórias.....	108
Figura 113 e 114 - Interior da Igreja da Figueira uma vez concluida a obra. Fonte: Empresa Castelhana & Ferreira S.A – Industria de Tetos Falsos e Divisórias .	109
Figura 115 e 116 - Teto da Igreja da Figueira, após a conclusão da obra. Fonte: Empresa Castelhana & Ferreira S.A – Industria de Tetos Falsos e Divisórias .	109
Figura 117 e 118 - Imagem de N ^a S ^a do Amparo (encontra-se no altar da Igreja N ^a S ^a do Amparo). Fonte: O Autor	113
Figura 119 - Primeiro manto bordado a ouro e pedras preciosas (1953). Fonte: www.ormnews.com.br/noticia.asp?noticia_id=286616	113
Figura 120, 121 e 122 – Desenho de Manto de Nossa Senhora de Nazaré (Pará, Brasil). De esquerda a direita, manto no ano de 2010, 2011 e 2014. Fonte:	

https://edenice.wordpress.com/2010/10/07/manto-da-irgem-de-nazare-2010/	
http://noticias.orm.com.br/noticia.asp?id=556879& apresentado+o+manto+que+envolverá+a+imagem+peregrina#.VWy4_hvbLIU	
http://galerias.orm.com.br/galeria.asp?id=1736&%7CFi%E9is+conhecem+novo+manto+da+imagem+de+Nossa+Senhora	114
Figura 123 - Desenho de estudo do espaço interior. Fonte : O Autor	115
Figura 124 e 125 - Desenho de estudo do manto, lateral e cobertura. Fonte: O Autor	115
Figura 126 - Maqueta de estuda da volumetria da Igrejano seu estado atual. Fonte: O Autor	116
Figura 127 e 128: - De esquerda a direita, maquetes de estudo, versão A e versão B. Fonte: O Autor	116
Figura 129 e 130 - De esquerda a dereita, estudio FR-EE, duas vistas da nova Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe em Miami (2012), Florida, EUA. Fonte: www.archtendencias.com.br/arquitetura/capela-miami-free-florida-eua	117
Figura 131 - Studio FR-EE, nova Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe em Miami (2012), Florida, EUA. Fonte: www.archtendencias.com.br/arquitetura/capela-miami-free-florida-eua	117
Figura 132 - HS Arquitetos, Santuário de Santa Paulina em Nova Trento (2006), Santa Catarina, Brasil. Fonte: https://geolocation.ws/v/P/22164178/santurio-santa-paulina-nova-trento-sc/en	117
Figura 133 e 134: Da esquerda à direita, HS Arquitetos , duas vistas do interior do Santuário de Santa Paulina em Nova Trento (2006), Santa Catarina, Brasil. Fonte: http://archtendencias.com.br/arquitetura/santuario-de-santa-paulina-hs-arquitetos#.VW4x5BvbLIV	118
Figura 135 - Reabilitação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo. Nova distribuição em planta, Piso 1, O “Manto”. Fonte: O Autor	120
Figura 136: Reabilitação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo. Nova distribuição em planta, Planta da Cave, O “Manto”. Fonte: O Autor	121
Figura 137 - Planta de amarelos e vermelhos. Fonte: O Autor	122
Figura 138 - Corte Longitudinal - amarelos e vermelhos. Fonte: O Autor	122
Figura 139 - Alçado Nascente. Fonte: O Autor	123

Figura 140 - Alçado Poente. Fonte: O Autor	123
Figura 141 - Alçado Norte Fonte: O Autor	124
Figura 142 - Alçado Sul. Fonte: O Autor	124
Figura 143 - Corte Longitudinal. Fonte: O Autor	125
Figura 144 - Corte Transversal. Fonte: O Autor	125
Figura 145 - Maquete de estudo, Zona Sul e Poente. Fonte: O Autor	126
Figura 146 - Maquete de estudo, Zona Nascente. Fonte: O Autor	126
Figura 147 - Estrutura em madeira. Fonte: O Autor	127
Figura 148 - Cobertura inclinada com revestimento final em Zinco. Fonte: O Autor.....	128
Figura 149 - Concha vieira. Fonte: http://pt.aliexpress.com/w/wholesale-white-scallop-shells.html	129
Figura 150 - Forma de concha com as mãos. Fonte: http://tertuliasalareira.blogspot.pt/2013/07/rimas-e-poesia-concha-perfeita-das-tuas.html	129
Figura 151 - Desenho de estudo da cobertura “Concha”- Fonte: O Autor	130
Figura 152 - Desenho de estudo da cobertura “Concha”- II. Fonte: O Autor...	130
Figura 153 - Desenho de estudo da cobertura “Concha”- III. Fonte: O Autor ..	130
Figura 154- Desenho de estudo da cobertura “Concha”- IV. Fonte: O Autor ..	131
Figura 155 - Maquete da Igreja existente. Fonte: O Autor	131
Figura 156 - Maquete de estudo, versão A. Fonte: O Autor	131
Figura 157 - Maquete de estudo, versão B. Fonte: O Autor	131
Figura 158 e 159 - Eladio Dieste, Interior da Igreja do Cristo Operário, Uruguai, Atlántida, (1958). Fonte: http://www.docomomo.org.br/ivdocomomosul/pdfs/24%20Leonardo%20Fitz.pdf	132
Figura 160 e 161 - Eladio Dieste, Igreja do Cristo Operário e seu interior, Uruguai, Atlántida, (1958). Fonte: http://www.docomomo.org.br/ivdocomomosul/pdfs/24%20Leonardo%20Fitz.pdf	132
Figura 162 e 163 - Igreja Padre Pio Pilgrimage e Interior. Fonte: http://www.arcspace.com/features/renzo-piano-/padre-pio-pilgrimage-church/	133

Figura 164 - Igreja Padre Pio Pilgrimage, SanGiovanni Rotondo, Itália. Fonte: (Disponível em: http://www.arcspace.com/features/renzo-piano-/padre-pio-pilgrimage-church/).	133
Figura 165 - Nova distribuição em planta Igreja N ^a S ^a do Amparo, Piso 1, "A Concha". Fonte: O Autor	135
Figura 166 - Nova distribuição em planta Igreja N ^a S ^a do Amparo, Planta Cave, "A Concha". Fonte: O Autor	136
Figura 167 - Alçado Norte. Fonte: O Autor	137
Figura 168 - Alçado Sul. Fonte: O Autor	137
Figura 169 - Alçado Nascente. Fonte: O Autor	138
Figura 170 - Alçado Poente. Fonte: O Autor	138
Figura 171 - Corte Transversal. Fonte: O Autor	139
Figura 172 - Corte Longitudinal. Fonte: O Autor	139
Figura 173 - Planta do Piso 1 – Amarelos e Vermelhos. Fonte: O Autor	140
Figura 174 - Alçado Sul – Amarelos e Vermelhos. Fonte: O Autor	140
Figura 175 - de estudo, zona Sul e Poente.5: Maquete Fonte: O Autor	141
Figura 176 - Maqueta de estudo, zona Norte e Nascente. Fonte: O Autor	141
Figura 177 - Sky Tunnel, visualização da sua colocação. Fonte: http://www.velux.co.nz/Homeowners/Products/Sun_Tunnel	142
Figura 178 - Sky Tunnel, aplicação na cobertura. Fonte: http://www.theconstructioncentre.co.uk/companies/velux-company-ltd/1/	142
Figura 179 - Pormenor da cobertura – Corte Longitudinal. Fonte: O Autor ...	143
Figura 180 – Pormenor da cobertura – "A Concha" Corte Transversal	143
Figura 181 - Cobertura em madeira do Centro Comercial Iguatemi, Fortaleza, La Guarda LowArchitects, (2013). Fonte: http://arcoweb.com.br/noticias/arquitetura/guarda-low-carpinteria-moretti-interholz-cobertura-shopping-iguatemi-fortaleza).....	144
Figura 182 - Corte Transversal da concha suspensa na cobertura. Fonte: O Autor	144
Figura 183 - Planta da estrutura da Concha. Fonte: O Autor	145
Figura 184 - Maquete da Cobertura, vista interior da concha. Fonte: O Autor	145
Figura 185 - Reflexão do som nas diferentes superfícies. Fonte: http://melhoracustica.com.br/acustica-e-arquitetura/	148

Figura 186 - Reflexão do som na igreja N ^a S ^a do Amparo no seu estado atual.	
Fonte: Autor Anónimo	150
Figura 187 - Reflexão do som, na proposta 1, “O Manto”. Fonte: Autor Anónimo	
Figura 188 - Reflexão do som, na proposta 2, “A Concha”. Fonte:	
Autor Anónimo	151
Figura 189 - Beethovenhalle, Bonn (1959). Fonte:	
http://gsd.ime.usp.br/acmus/publi/textos/07_bistafa.pdf)	152
Figura 190 - W. Disney Hall, LA (2003). Fonte:	
http://gsd.ime.usp.br/acmus/publi/textos/07_bistafa.pdf)	152
Figura 191 - Vista geral da Igreja N ^a . S ^a do Amparo, “O Manto”. Norte - Sul.	
Fonte: O Autor	168
Figura 192 - Vista geral da Igreja N ^a . S ^a do Amparo, “O Manto”. Nascente –	
Poente	168
Figura 193 - Igreja “O Manto”, zona Sul. Fonte: O Autor	169
Figura 194 - Igreja “O Manto”, zona Sul - Nascente. Fonte: O Autor	169
Figura 195 - Igreja “O Manto”, zona Norte. Fonte: O Autor	169
Figura 196 - Igreja “O Manto”, zona Poente. Fonte: O Autor	169
Figura 197 - Igreja “O Manto”, interior – nave e sacristia. Fonte: O Autor	169
Figura 198 - Igreja “O Manto”, interior – nave e altar Fonte: O Autor	169
Figura 199 - Igreja “O Manto”, interior – cobertura. Fonte: O Autor	170
Figura 200 - Igreja “O Manto”, cave. Fonte: O Autor	170
Figura 201 - Vista gera da Igreja N ^a . S ^a . Amparo, “A Concha”. Nascente -	
Poente. Fonte: O Autor	171
Figura 202 - Vista geral da Igreja N ^a . S ^a do Amparo, “A Concha”. Fonte: O Autor	
Figura 203 - Igreja “A Concha”, zona Norte. Fonte: O Autor	171
Figura 204 - Igreja “A Concha”, zona Poente. Fonte: O Autor	172
Figura 205 - Igreja “A Concha”, zona Sul. Fonte: O Autor.....	172
Figura 206 - Igreja “A Concha”, zona Sul - Nascente. Fonte: O Autor	172
Figura 207 - Igreja “A Concha”, interior – nave, sacristia, capela. Fonte: O	
Autor.....	172
Figura 208 - Igreja “A Concha”, interior -nave, altar, capela. Fonte: O	
Autor.....	172

Ao Encontro da Palavra. Através da Arquitetura na Liturgia:
Reabilitação da Igreja de N^a Sra. do Amparo, Portimão

AGRADECIMENTOS

A realização desta Dissertação de Mestrado, marca mais uma etapa importante na minha vida, em que algumas pessoas direta ou indiretamente ajudaram-me a cumprir o meu objetivo. Desta forma, deixo algumas palavras, poucas, de agradecimento.

A Deus, pela força interior que me concedeu, ao longo destes anos, na minha caminhada académica, para superar as dificuldades nos momentos difíceis.

Ao ISMAT, pela possibilidade da formação académica efetuada nesta instituição, sem isso não seria possível a realização deste sonho.

Aos professores que me acompanharam neste percurso, pela sua disponibilidade, partilha de conhecimentos, interesse, atenção e dedicação ao ensino.

Aos funcionários desta instituição por toda a sua simpatia e boa disposição no seu contato pessoal.

Aos colegas que durante estes anos de formação partilharam e conviveram comigo, enriquecendo-me no crescimento como ser.

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Moya Pellitero, o meu profundo agradecimento pelo apoio incondicional e inestimável, que me proporcionou maior conhecimento e interesse por saber mais, numa constante procura de fazer melhor. Pela confiança, que em mim depositou desde o início, pelas palavras de incentivo nos momentos de desânimo, pela sua amizade e consideração.

Ao Arquiteto João Paulo, por acreditar em mim, neste meu caminho acadêmico, com as suas críticas estimulantes, disponibilidade e incentivo. Também pela sua amizade e entusiasmo em partilhar o seu conhecimento.

Ao Arquiteto Carlos Pereira, pela disponibilidade e ajuda incondicional de amigo, pelas revisões e impressão do trabalho. Pelas horas de reflexão, paciência e de partilha de conhecimentos.

Ao Padre Domingos da Costa, sj, pelo interesse, pela pronta colaboração na informação para o desenvolvimento do trabalho.

Ao Padre Luis Ferreira do Amaral, sj, pela disponibilidade, pelas opiniões e sugestões, ajudando no entendimento das diversas fases do trabalho, pela partilha de conhecimentos, pelo seu dinamismo e incentivo.

À Doutora Anabela Borges, minha médica e amiga que sempre me apoiou nos momentos mais críticos, incentivando-me a continuar a minha caminhada, dizendo sempre “o que se começa, tem que se acabar”.

À família na pessoa dos meus pais, Beatriz e Bráulio (in memoriam) por serem modelos de coragem e persistência, pela sua ajuda inestimável e paciência na superação de algumas faltas de presença familiar neste meu percurso, ao Agostinho, meu companheiro de vida e aos meus filhos José, Cintia e Lara por estarem presentes sempre que precisei, pela paciência, compreensão amor e carinho que sempre me dedicaram.

INDICE

INTRODUÇÃO

CAPITULO I – Edifícios Religiosos	23
1.1 – História da Igreja e sua Evolução	33
1.1.1 A Basílica Cristã	34
1.1.2 A Igreja Bizantina	35
1.1.3 A Igreja Românica	36
1.1.4 A Igreja Gótica	37
1.1.5 A Igreja de Cruz Grega	38
1.1.6 A Igreja Barroca	39
1.1.7 A Igreja Moderna	41
1.2 – Liturgia e Disposição Espacial e Programática	
1.2.1 A Liturgia	43
1.2.2 Elementos da Liturgia	43
1.2.3 Liturgia e Espaço Celebrativo	48
1.3 – Espaço Sagrado e Simbolismo	57
1.4 – A Ordem Jesuíta	
1.4.1 História dos Jesuítas	61
1.4.2 Os Jesuítas em Portugal	62
1.4.2 Os Jesuítas e a Arquitetura	65
 CAPITULO II – Igreja de N ^a S ^a do Amparo em Portimão	
2.1 – Quinta do Amparo, Evolução do Contexto Urbano	69
2.2 – O Lugar de Implantação da Nova Igreja	72
2.3 – Análise e Caracterização do Contexto Urbano	76
2.4 – Evolução do Edificado e Relação com a Cidade	79
2.5 – Relação da Comunidade Cristã como Espaço Urbano	82
2.6 – Projeto de Execução da Igreja de N ^a S ^a do Amparo	82
2.7 – Estado Atual da Edificação da Igreja e as suas Patologias	89

CAPITULO III – Casos de estudo de Reabilitação de Edifícios Religiosos no
Concelho de Portimão

3.1 –Casos de Estudo	95
3.1.1 – Reabilitação da Igreja de N ^a S ^a da Conceição, Portimão	96
3.1.2 – Reabilitação da Igreja de N ^a S ^a da Conceição, Figueira	104
3.2 – Comparação dos dois Casos de Estudo	110

CAPITULO IV – Reabilitação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, Portimão

4.1 – O Papel da Cobertura na Reabilitação do Edificado	111
4.2– A Cobertura: Imagem e Identidade Exterior do Edificado	112
4.3–A Cobertura: Reinterpretação do Espaço Litúrgico	129
4.4 – Reflexão entre dois conceitos de Reabilitação	146
4.5 - Reflexão sobre a acústica na forma arquitetónica da igreja	148

CONCLUSÃO	154
-----------------	-----

BIBLIOGRAFIA	157
--------------------	-----

INDICE de PLANTAS	165
-------------------------	-----

ANEXOS	168
--------------	-----

Fotos da Maquete

INTRODUÇÃO

Estamos, com a presente investigação sobre a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, na presença de um espaço religioso, que se caracteriza por ser um espaço pensado segundo uma orientação, uma referência, em que toda a sua organização espacial converge para um ponto central, o altar, para poder dar resposta aos rituais litúrgicos e ao mesmo tempo em função dos mesmos, assim estabelece-se o posicionamento de toda a simbologia, e o conjunto de códigos religiosos em volta dela. É no espaço sagrado que se torna possível a comunicação com Deus, na vertical. Apesar de existir várias funcionalidades neste espaço, ele se experimenta de forma contínua, homogênea e total.

O espaço religioso na Igreja católica está relacionado especialmente com a palavra falada durante a liturgia. É na liturgia que a comunidade se reúne em assembleia para fazer memória do mistério Pascal onde se proclama a palavra lendo as sagradas escrituras, refletindo e celebrando. Durante a liturgia acontece vários ritos, cada um com a sua função, significado e objetivo na celebração. No entanto, esta liturgia desenvolveu-se e vivenciou-se de maneiras diferentes, ao longo dos tempos. Durante o primeiro milénio, até o séc. VIII, a comunidade cristã tinha um carácter comunitário, em que participava ativamente na liturgia. A sua centralidade era a Palavra adaptada às diferentes culturas, que decorriam com simplicidade, garantindo o essencial, o Mistério Pascal. Nos dois últimos séculos do primeiro milénio a liturgia é mudada pela influência dos povos franco-germânicos, entrando numa fase nova com os movimentos culturais da Reforma protestante e Contra-Reforma da Igreja, e no Concílio de Trento. Prolongando-se pelo segundo milénio, acontece uma separação entre a comunidade e o clero, aparecendo um individualismo religioso, uma uniformidade Romana, com o latim como língua obrigatória, muito cerimonial e complicada, valorizando os elementos exteriores do culto. Nestas atitudes a comunidade assistia passivamente à liturgia. Foi também neste período que a homilia vira sermão e aparece o púlpito, espaço elevado que fica numa parede afastado do altar, também usado fora da liturgia para a catequese. Nesta altura

o altar afasta-se cada vez mais do contato com a comunidade assim como o padre coloca-se de costas para a assembleia, sendo a centralidade litúrgica a adoração ao Santíssimo. Só após o Concílio do Vaticano II, no início do séc. XX que acontece uma reforma em que se passa de uma liturgia estática privada, liturgia do clero, com a sua própria língua e o povo como espectador, para uma liturgia compreendida, comunitária, ativa, participativa, voltando-se ao espírito da Igreja primitiva. Esta liturgia do clero centra-se na Palavra e no Mistério Pascal, procurando a simplicidade. Indo ao encontro das novas ideias propostas, o espaço físico também se torna importante, na sua organização, procurando harmonizar a simplicidade, simbolismo e funcionalidade para uma melhor participação dos fiéis nas celebrações litúrgicas e na procura do encontro do homem com o transcendente.

A presente dissertação de mestrado aborda a reabilitação da Igreja jesuíta de Nossa Senhora do Amparo construída junto a uma capela já existente, num bairro dos anos 70, na cidade de Portimão. É assim um edifício de natureza religiosa, concebido com características próprias. Essas características foram estabelecidas “[...] a partir da Sétima Congregação Geral Jesuíta, em 1558, em que as fábricas de nova construção deveriam ter: salubridade, simplicidade, economia, modéstia e funcionalidade”.(PATTETA, 2003, p. 393) A Sétima Congregação, em 1558, também determinava o programa das novas Igrejas, quanto construções relativamente simples (Fig. 1). Dividiam-se em três partes, correspondendo cada uma destas a uma determinada utilização: para o culto, a Igreja com o coro e a sacristia; para o trabalho, as aulas e oficinas; para residência, os “cubículos”, a enfermaria e mais dependências de serviço, além da “cerca”, com horta e pomar (COSTA, 1941, p.13).

A tipologia em planta usada nas Igrejas Jesuítas deviam ser um vasto espaço interior, livre de pilares ou colunas, que acentuava a convergência visual para o altar maior, permitindo uma mais profunda participação no evento litúrgico e ainda com a finalidade de abrigar um maior número de convertidos e curiosos. Ainda no seu interior, ao longo das paredes, por cima das capelas abrem-se os coretos, que se situam ao mesmo plano dos locais de habitação da comunidade e em ligação direta com os mesmos (Fig. 2). “Estes espaços proporcionavam

aos padres e alunos a possibilidade de assistir às cerimónias religiosas sem ter de se misturar obrigatoriamente com a multidão de fiéis presentes na Igreja” (PATTETA, 2003, p.394).

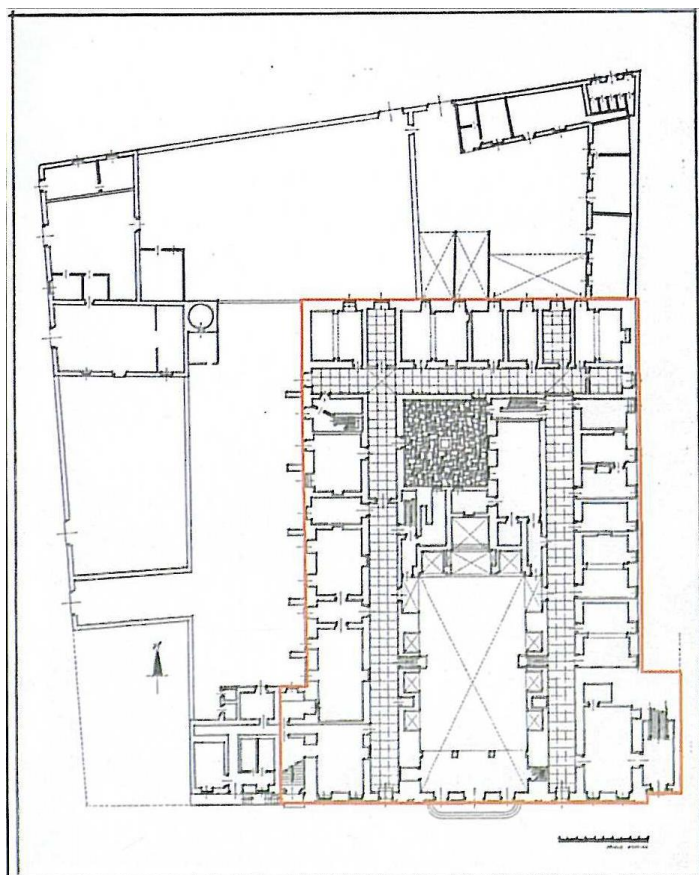


Figura 1: Igreja do Colégio de Portimão - Planta do R/C.

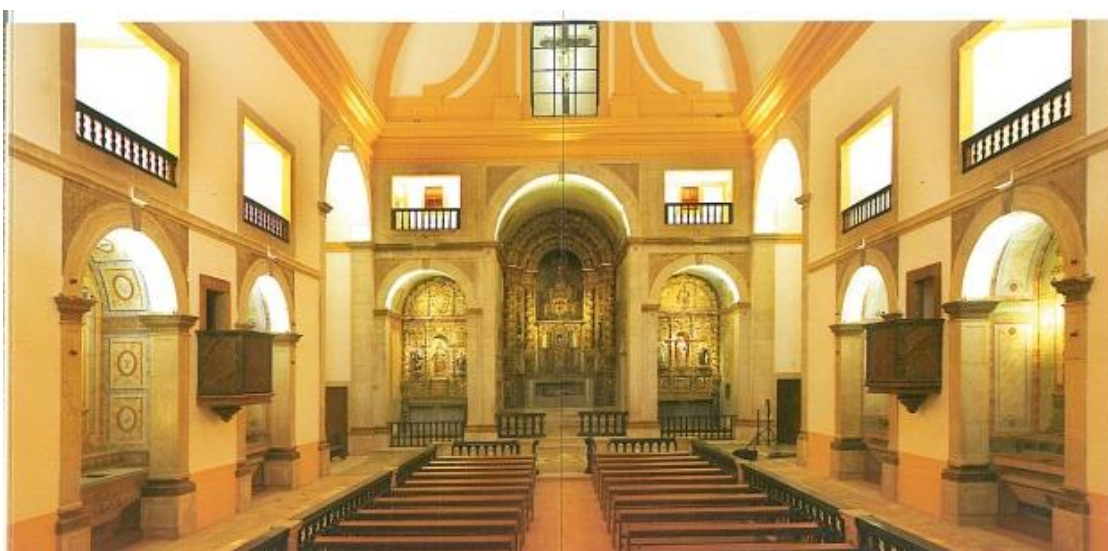


Figura 2: Vista geral do interior da Igreja do Colégio, (2011).

Quanto à sua localização era fundamental, no caso de edifícios religiosos Jesuítas, que o edificado se situasse sobre espaços públicos da cidade, praças ou ruas, de preferência, em frente a um espaço aberto - um terreiro - onde o povo se pudesse reunir e andar livremente. "Os Jesuítas apresentam-se com palácios e não com conventos, com pátios e não com claustros. Ao contrário de outras ordens religiosas conseguem sempre construir no centro da cidade" (PATTETA, 2003,p.394).

Assim no edificado da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Portimão, estamos na presença de um espaço religioso com características em planta da chamada *IgrejaSalão* (Fig. 3, 4). A Igreja em estudo é então, ampla, com um pé direito que vai crescendo em altura desde a entrada para o altar. Por cima do espaço do coro e do Batistério tem vários vitrais que deixa entrar luz direcionada para o altar. Lateralmente, a meio da nave, desenvolvem-se a Capela do Santíssimo de um lado, e no outro a Capela de Reconciliação. Exteriormente a sua volumetria crescente do seu alçado anterior para o posterior, nos mostra a ligação do homem com o Divino. No seu interior, encontrar-se-á, uma cobertura constituída por uma estrutura de elementos de betão prefabricado, de forma abaulada (cascas de betão), intercaladas com placas de fibrocimento, que fazem a ligação entre as mesmas. Estas cascas de betão, dispõem-se seguindo o movimento ascendente da entrada para o altar, local onde a cobertura se torna plana.

Ao Encontro da Palavra. Através da Arquitetura na Liturgia:
Reabilitação da Igreja de Nª Sra. do Amparo, Portimão

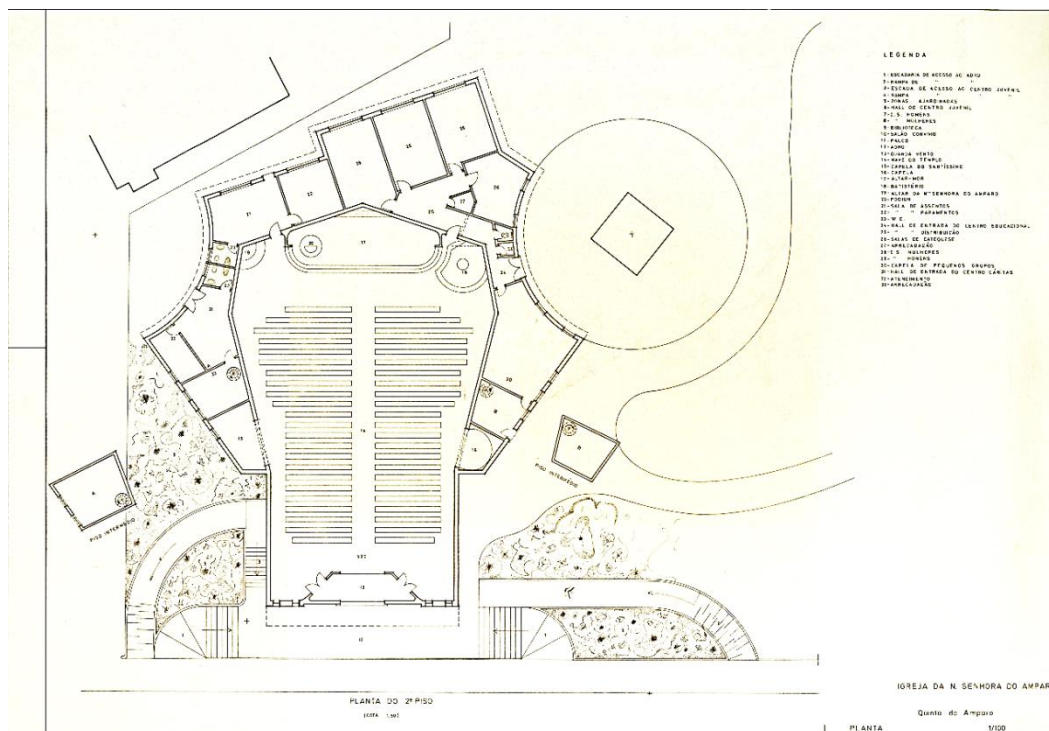


Figura 3: Planta do Piso 1 da Igreja Nª Sª do Amparo. Archivo da CMP, (n.d).

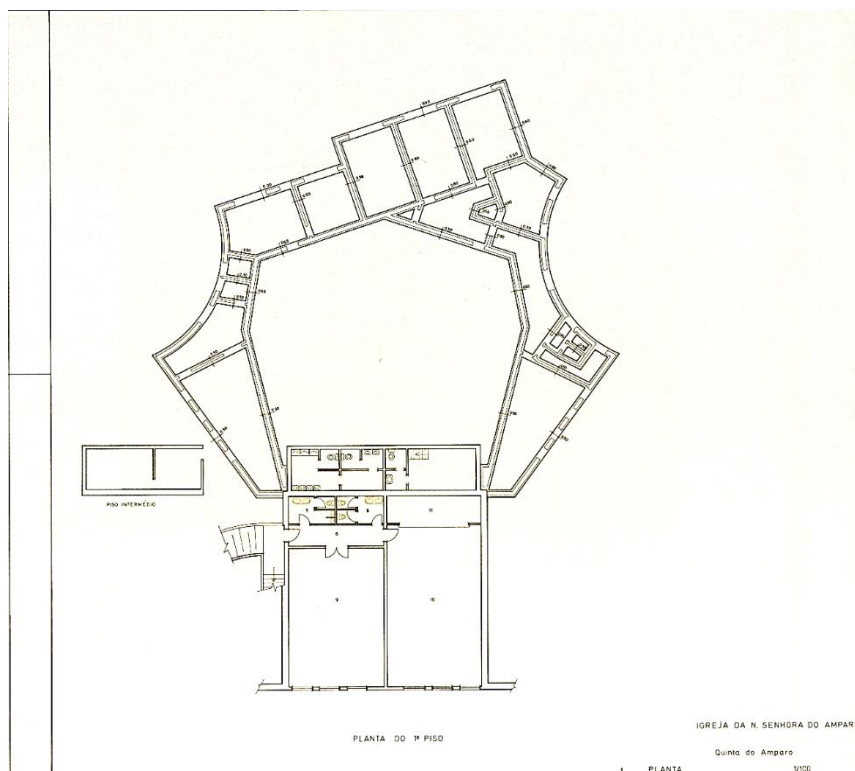


Figura 4: Panta da Cave da Igreja N.S. do Amparo. Archivo da CMP, (n.d).



Figura 5: Igreja Nossa Senhora do Amparo – Portimão. Alçado nascente.

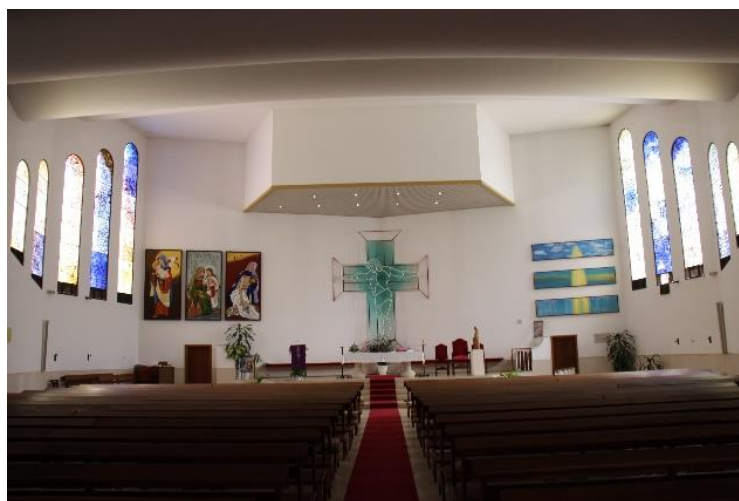


Figura 6: Igreja Nossa Senhora do Amparo (Interior, vista do altar).

Problemática

Destacamos como problemática o facto de que ao longo dos anos se tem visto no presente edifício religioso a necessidade de melhora do seu funcionamento programático, a sua qualidade espacial, incluindo a melhora na transmissão da Palavra Sagrada. Tem sido desde sempre constatado na Igreja de Nossa Senhora do Amparo que a palavra falada não é escutada harmoniosamente no espaço interior, quando proclamada a partir do seu espaço central, o presbitério. A cobertura não desempenha convenientemente as funções a que foi destinada, quer as suas condições acústicas quer as condições térmicas e ventilação. Assim sendo estamos na presença de vários fatores que necessitam de uma reflexão que nos leve à solução ideal e conciliadora dos diferentes problemas. Começamos por nos questionar, quais são os parâmetros a ter em conta na reabilitação de um edifício religioso?

A reabilitação da Igreja de N^a S^a do Amparo, deve conciliar o pré-existente com a nova intervenção de maneira a obter-se o melhor desempenho, desde o ponto de vista ritual, simbólico e funcional da Igreja. Na conceção, formalização e materialização dos edifícios religiosos, podemos refletir numa evolução no papel da cobertura. Relativamente a este tema, as Igrejas ao longo dos tempos foram formalizando diferentes soluções de cobertura, não havendo inicialmente grande preocupação com a acústica das mesmas, pois que a maioria dos fiéis não compreendia o latim, língua oficial da Igreja Católica. Com o Concilio Vaticano II, verifica-se uma preocupação na melhoria da acústica destes edifícios religiosos, pois a liturgia passou a ser proferida na língua de cada país e a música dentro da Igreja cantada por todos.

Objetivos

Desde o ponto de vista funcional e programático, a reabilitação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, deve melhorar o seu uso programático em planta, e o conforto acústico e térmico do edificado. Desde o ponto de vista simbólico, a reabilitação da Igreja deve melhorar e conseguir proporcionar um espaço litúrgico e sagrado apto para a reunião e a celebração do memorial de Cristo. Toda a organização espacial e tudo o que compõe o local da celebração devem

criar um ambiente que nos leva à vivência da realidade simbólica ali expressa, onde se faz o encontro e a experiência de Deus. Ainda pela sua forma, a Igreja deve manifestar o simbolismo nele contido. Um espaço de diálogo entre Fé, Liturgia e Sociedade. Desde o ponto de vista do ritual, a reabilitação da Igreja de N^a S^a do Amparo deve melhorar, considerar e integrar o espaço da cave que inicialmente serviu de cripta. O espaço da cave poderá contribuir para um melhor desempenho das atividades inerentes do programa do edificado. Assim como o jardim envolvente, e que contém uma pequena capela centenária, poderá converter-se num espaço de meditação e reflexão.

Hipótese

Deve salientar-se que o objetivo da presente dissertação não está na intervenção unicamente na cobertura para a substituir, reparar e melhorar. Na realidade a cobertura vai ter um papel protagonista na reformulação espacial do edificado e através da cobertura conseguiremos repensar, reformular, reconsiderar, em suma, reabilitar o espaço sagrado. Considera-se a cobertura, ao mesmo tempo, um elemento funcional e conceptual ligado ao espaço ritual e à significação espacial sagrada. É o elemento central da reabilitação que vem configurar um novo espaço interior sagrado e reformular a volumetria exterior e consequentemente a renovação da imagem da Igreja, tanto no seu espaço interior como no seu papel identitário como elemento arquitetónico referencial que terá uma influência na transformação do espaço urbano circundante.

Metodologia

A presente dissertação sobre a reabilitação de um espaço religioso jesuíta em Portimão desenvolve-se através de dois tipos de abordagem de intervenção. Numa primeira abordagem de reabilitação a cobertura altera a imagem total do edificado, do espaço interior e do exterior, transformando a identidade arquitetónica do edificado. Numa segunda abordagem, a intervenção de reabilitação centra-se na transformação do espaço interior, e a nova cobertura preserva a identidade exterior do edificado existente.

Estrutura

Apresente dissertação estrutura-se e desenvolve-se em quatro capítulos. No primeiro, referente aos *“Edifícios Religiosos”*, analisaremos estes espaços religiosos, partindo da sua evolução histórica. Também procuraremos entender a sua disposição espacial e programática relacionando-a com a liturgia e com o simbolismo no espaço sagrado. Finalmente, e dentro de este mesmo capítulo, abordaremos o estudo da Ordem Jesuíta, e a relação com o espaço religioso. No segundo capítulo, sobre a *“Igreja de N^aS^a do Amparo em Portimão”*, abordar-se-á os parâmetros arquitetónicos desta Igreja, o seu relacionamento com a comunidade cristã e com a envolvente urbana em que se integra. Também será referido, neste segundo capítulo, o estado atual deste espaço religioso, com deficiências no seu estado de conservação e funcionamento programático. No terceiro capítulo, em que é referenciado os *“Casos de estudo de Reabilitação de Edifícios Religiosos no Concelho de Portimão”*, refletiremos sobre os problemas de patologias que mais afectam os edifícios religiosos, assim como será apresentado dois estudos de caso, escolhidos no concelho de Portimão que vem um pouco ao encontro da problemática sobre a reabilitação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo. No capítulo quarto, que nos reporta para o tema da *“Reabilitação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, Portimão”*, utiliza-se a pesquisa arquitetónica através do projeto, onde explicaremos as estratégias de intervenção no edificado, analisando os pros e contras de cada uma das duas soluções, no que respeita à melhoria do espaço litúrgico e da palavra falada, o espaço simbólico, o papel da cobertura na transformação ou preservação da identidade da Igreja e a integração com a sua envolvente urbana. Ainda se refletirá sobre a acústica na forma arquitetónica das duas propostas arquitetónicas de reabilitação da Igreja, no entendimento da comparação do seu desempenho acústico, na problemática apresentada.

Relevância

Encontra-se na reflexão sobre o papel da reabilitação, nos edifícios religiosos, nos seus diferentes níveis de intervenção, os quais partem de aspetos que

podem incluir desde a sua restauração na melhora da sua conservação até a reabilitação integral do edifício e a nova conceptualização do espaço sagrado. Toda a reabilitação integral de um edifício religioso incorpora mudanças e melhora o espaço litúrgico, simbólico e funcional.

CAPITULO I – EDIFÍCIOS RELIGIOSOS

1.1 HISTÓRIA DA IGREJA E SUA EVOLUÇÃO

No entendimento da história da Igreja e sua evolução, começaremos por refletir sobre o que é um edifício religioso, seu significado e sua representação com todo o seu simbolismo.

Igreja quer dizer, reunião ou assembleia do povo para o culto divino, e não propriamente à construção de um edifício. Tanto que até 200 anos d.C., não existiam Igrejas como hoje as compreendemos, já que o cristianismo desenvolveu-se no seio do paganismo imperial e da religião estatal. Era muito difícil, naquela altura ser cristão, pois que ao não serem, esta comunidade religiosa, reconhecida, viviam um pouco à margem da vida pública, por conseguinte, muito mais complicado seria construir Igrejas.

Começemos por refletir, como se desenvolveu a Igreja ao longo dos tempos. Desde sempre, o homem teve necessidade de possuir um lugar próprio para orar e fazer o encontro com Deus. Sendo assim os primeiros cristãos reuniam-se em casas comuns emprestadas ou doadas, estas eram chamadas “Igrejas domésticas”. Também eram usados para o culto as capelas mortuárias dos cemitérios, chamadas Catacumbas Romanas.



Figura 7: Catacumba cristã em Roma, meados do séc.IV.

1.1.1 A Basílica Cristã

Com o “Édito de Milão” no ano 313, no século III d.C., foi reconhecida a inteira liberdade de culto a todos os cidadãos do império e uma nova era começa para o cristianismo. O Palácio de Latrão é oferecido por Constantino ao papa e o seu tribunal foi transformado em salão de culto. A partir desta altura outros espaços foram construídos à sua semelhança. As *Basílicas* que começaram a construir-se tinham a mesma forma que um típico tribunal de justiça romano. Eram grandes salões que se destinavam a acomodar grandes congregações. Possuíam uma nave central com longas fileiras de colunas, naves laterais e um “arco do triunfo” entre a nave principal e o santuário. O altar fica separado das paredes da abside semicircular sob um baldaquino apoiado em quatro colunas. O interior das Igrejas eram ornamentados com mosaicos de vidro nas paredes, anteparos do altar, cadeira do bispo e castiçal pascal, visando criar um efeito reluzente e rico, provocando uma sensação de majestade. Havia ainda a utilização de metais preciosos e marfim em objetos litúrgicos. Mais tarde, por volta de 590 a 604, com o papa Gregório Magno e com o culto dos mártires, foi elevado o pavimento da abside, construindo um altar permanente de pedra logo acima do túmulo, ficando por baixo uma cripta onde se colocava as relíquias do santo.(ANSON e LASSUS, *A Igreja através dos tempos*, Em [www.eclesia.com.br/biblioteca/história da Igreja](http://www.eclesia.com.br/biblioteca/história_da_Igreja). Parte II, acesso em 21 de Fevereiro de 2015).

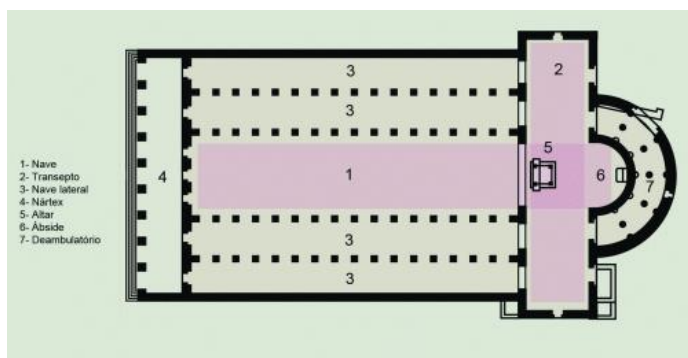


Figura 8 e 9 : Planta e interior da Basílica de São João de Laterano. Roma, 318 D.C.

1.1.2 A Igreja Bizantina

Quinze anos depois do Édito de Milão, a sede do governo do império foi transferido para Bizâncio, onde as novas Igrejas tinham como característica a cúpula de formas variadas. Havia uma cúpula central e outras cúpulas menores agrupadas ao seu redor e além disso a sua forma era quadrangular. Ainda o imperador Justiniano mandou erguer um anteparo de colunas altas criando uma barreira que atravessava a Igreja e separava o clero da assembleia. Tornou-se o traço marcante da arquitetura bizantina, muito diferente das basílicas romanas. Na sua decoração interior, as paredes eram cobertas com mosaicos de figuras simbólicas, sobre um fundo dourado, proporcionando uma rara beleza assim como a sua majestosa decoração de superfície, criando assim uma atmosfera de um lugar de culto tipicamente bizantino. As figuras planas vieram substituir as estátuas proibidas, pois estas poderiam levar os fiéis à idolatria. (ANSON e LASSUS, *A Igreja através dos tempos*, Em [www.eclesia.com.br/biblioteca/história da Igreja](http://www.eclesia.com.br/biblioteca/história%20da%20Igreja). Parte III e IV, acesso em 21 de Fevereiro de 2015).

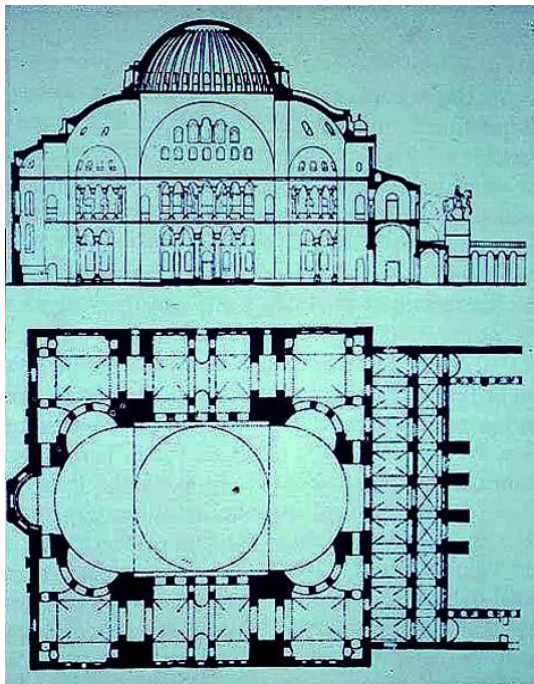


Figura 10 e 11: Corte e planta e interior da Basílica de Santa Sofia de Constantinopla, 532-537 d.C.

1.1.3 A Igreja Românica

Durante a Idade Média (século V ao XV), desenvolveu-se um período de ascensão relativamente à arquitetura religiosa, pois que as catedrais dominavam a cidade com seu volume e altura, caracterizando a religião católica e o poder e riqueza da mesma. A Igreja era a instituição mais influente da época. Defendiam o teocentrismo, em que o homem tinha em Deus o centro das suas preocupações. Foi durante este período que se constituiu o Estado do Vaticano, em Itália, onde surgiu uma basílica no lugar em que foi enterrado o primeiro dos apóstolos. Esta basílica deu origem à Igreja mais importante de toda a cristandade, a Basílica de S. Pedro.

O que mais se evidenciou neste período histórico foi a introdução do transepto, o corpo saliente perpendicular à nave que confere à planta a sua forma de cruz, as torres de cruzeiro e um pórtico monumental de entrada no templo, na fachada ocidental. No entanto, às grandes basílicas do século IV, sucede-se um período de súbita diminuição de escala nas edificações religiosas. Inicialmente as Igrejas eram construções simples, pouco elaboradas, em madeira e mais tarde, com o desenvolvimento de novas técnicas de construção, foram substituídas por pedra e carvalho. No século X as basílicas romanas passaram a servir de base para a construção de novas Igrejas, procurando que as mesmas fossem cada vez mais imponentes e grandiosas. Surge então o estilo Românico, um novo entendimento das formas romanas clássicas que tem como características: a construção de paredes maciças, pilares muito grossos que sustentam arcos semicirculares, teto abobadado de pedra, janelas pequenas, com interiores pouco iluminados e muito compartimentado separando os religiosos e o coro dos leigos, e com a predominância das linhas horizontais. Estas Igrejas eram construídas em pedra que proporcionava ao templo solidez e perpetuidade, passando a ideia de construções “pesadas”. Chamada a “fortaleza de Deus”, as Igrejas deviam ser fortes e resistentes para barrar “as forças do mal”. Vive-se uma forte espiritualidade nesta época. No entanto poucos sabiam ler, e com objetivo de ensinar os princípios da religião católica foi utilizado, esculturas e pinturas dentro das Igrejas que transmitisse tal conhecimento. Esta tipologia construtiva predominou até ao século XII. (ANSON

e LASSUS, *A Igreja através dos tempos*, Em [www.eclesia.com.br/biblioteca/história da Igreja](http://www.eclesia.com.br/biblioteca/história_da_Igreja). Parte VII, acesso em 21 de Fevereiro de 2015).

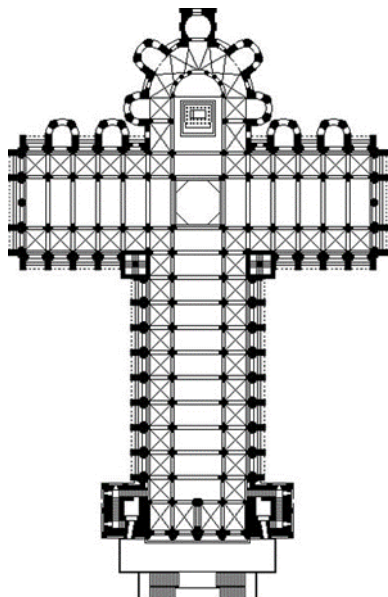


Figura 12 e 13 : Planta e interior da catedral de Santiago de Compostela, construída entre os anos de 1075 e 1128.

1.1.4 A Igreja Gótica

Já no século XIII, com o aumento da riqueza e o progresso cultural, a Igreja católica procurou um estilo arquitetónico que exprimisse as ideias de uma nova época, em que o verdadeiro centro dogmático e intelectual da cristandade passou a ser a Universidade de Paris, surgindo assim em França, o estilo Gótico que tem como características, o seu formato - vertical, demonstrando a proximidade com Deus. As janelas em grande quantidade rendilhadas de pedra, preenchidas por vitrais coloridos proporcionavam uma maior iluminação no interior. A leveza e a harmonia dos traços, arcos de volta quebrada e ogivas, paredes mais finas e de aspeto mais leve. As fachadas são primorosamente esculpidas, apresentando na parte inferior três grandes portas, ao centro grandes janelas e uma rosácea, encimadas por ogivas. Usavam o plano cruciforme, com uma nave central longa e outras laterais. Os tetos ogivais das naves de grande altura eram apoiados em pilastras compostas por várias

colunas finas que proporcionavam resistência e elasticidade. Assim pelas características referidas estas Igrejas, são de construções complexas, requintadas, formalmente rigorosas e ricas de pormenor, proporcionando na sua imensa verticalidade leveza e reflexão sobre a transcendência celeste. Estes templos grandiosos eram o orgulho dos bispos e dos burgueses ricos das grandes cidades, visíveis a quilómetros de distância.(GOZZOLLI,1978,p.8).

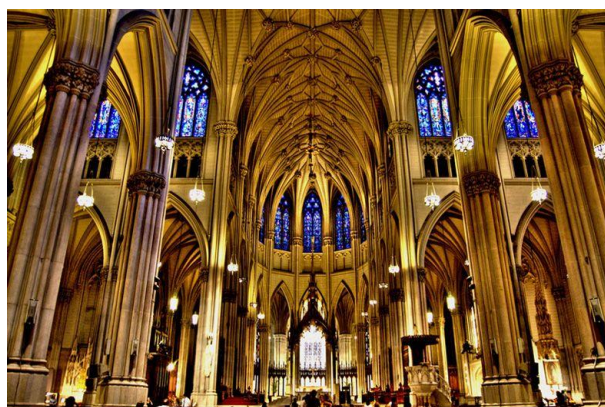
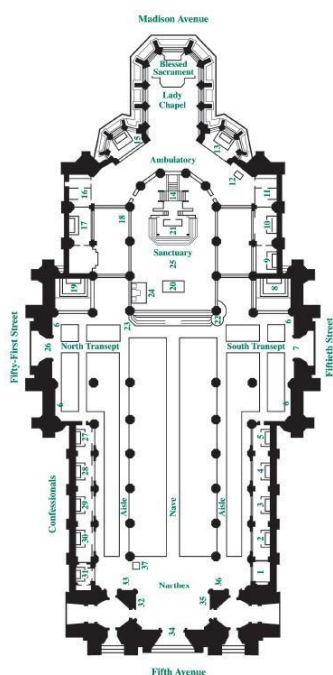


Figura 14 e 15: Planta e interior da Igreja da. Catedral de São Patrício,Manhattan, Estados Unidos.

1.1.5 A Igreja de Cruz Grega

Entre o século XIII e XVIII, aconteceram grandes mudanças culturais. É o período do Renascimento, onde se procurava o renascer da cultura da Antiguidade Clássica greco-romana. A Igreja Católica perdeu muito poder político e prestígio no seu meio religioso. O homem era o centro de todas as atenções e não Deus, como era anteriormente. Entretanto aparece o movimento Protestante e Calvinista que contribuíram para a alteração da expressão exterior do catolicismo medieval nas Igrejas, no ritual e no cerimonial. A partir do século XV, a Igreja evoluiu da planta basilical em cruz latina para plantas quadradas ou de cruz grega e centrada (a procura da perfeição e do absoluto). (Em

<http://pt.slideshare.net/ccosta62/arquitetura-renascentista-14543442>, acesso em 04.05.2014) As paredes eram decoradas com pinturas e esculturas, a cobertura usavam-se abóbadas de berço e aresta, preferencialmente as cúpulas, a fachada e o portal eram a entrada triunfal.

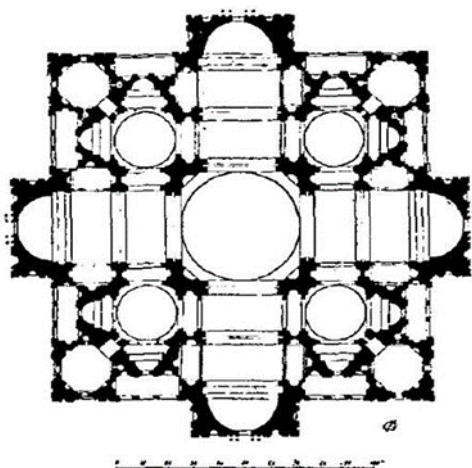


Figura 16 e 17: Planta e interior da Basílica de S. Pedro em Roma. Iniciada a sua construção em 1506 com uma planta de cruz grega, Donato Bramante.

1.1.6 A Igreja Barroca

Já no século XVI, seguindo as orientações do Concílio de Trento no ano de 1546, foi imposta na construção das Igrejas a nave única, criando a visão do espaço absoluto, com o objetivo de permitir que um maior número de fiéis vejam o altar-mor. Este novo tipo de Igreja era ideal para levar a religião às massas. Atingiu-se nesta altura a perfeição, mostrando solenidade e grandeza, é uma arquitetura arrojada e esplendida. Assim foi neste período que começou a ser construída a maior e sumptuosa Igreja do mundo, a Basílica de São Pedro.

No desenvolvimento do estilo Renascentista, movimento que se interessa pelos elementos artísticos e culturais da Antiguidade Clássica, procurando a harmonia e simplicidade surge em sua oposição, o estilo Barroco (séc. XVI, séc. XVIII), aparecendo inicialmente em Itália e depois espalhando-se por toda a Europa. É um período em que a Igreja procura recuperar o seu espaço perdido, é uma resposta à Reforma Protestante. Tem como características: a planta oval, utilizava-se a perspectiva falsa ou ilusão ótica, através da pedra,

mármore, estuque, gesso, pintura, folhas de prata, ouro e estanho. Introduziram-se o máximo de linhas sinuosas e curvas. Foi abandonado a disposição tradicional do altar e do coro. Sendo projetada para criar um efeito dramático houve um grande cuidado na iluminação interior. O exterior possui colunas assentadas em curvas convexas e côncavas, a estrutura inteira parece oscilar e torcer-se. Todas as artes foram utilizadas para transformar estas Igrejas numa obra de arte total obtendo uma maravilhosa unidade. (Em [www.eclesia.com.br/biblioteca/história da Igreja](http://www.eclesia.com.br/biblioteca/história%20da%20Igreja). Parte VIII). Visavam dar uma impressão de movimento e espaço, criando efeitos óticos deslumbrantes nos eus interiores. Era uma arquitetura mais acessível às emoções e também uma declaração visível da riqueza e do poder da Igreja. Volta-se às questões espirituais em oposição ao racionalismo renascentista. Era a arte da Contra Reforma, aparece em finais do séc. XVI, muito luxo, colorido e ouro, além de ter um caráter didático visto que a maioria da população era analfabeta.

A partir do século XVIII, houve um período de cem anos que ficou conhecido como a "Batalha dos Estilos", em que se debatiam entre os adeptos do estilo Gótico e o estilo Clássico, cada um querendo se impor quando da construção de uma nova Igreja. Os defensores da Renovação Gótica defendiam que "somente sob arcos ogivais se poderia adorar Deus" (ANSON e LASSUS, *A Igreja através dos tempos*, Em [www.eclesia.com.br/biblioteca/história da Igreja](http://www.eclesia.com.br/biblioteca/história%20da%20Igreja). Parte IX, acesso em 21 de Fevereiro de 2015).

No final do século XIX, ansiava-se por algo mais original, pois que sentia-se um certo cansaço relativamente aos estilos usados até aquela altura.



Figura 18 e 19: Planta e interior da Igreja de São Francisco, Salvador, na Bahia, Brasil.

1.1.7 A Igreja Moderna

No século XX e após a Primeira Guerra Mundial, gerou-se um movimento teológico-litúrgico na Alemanha e Suíça, que colocava a celebração da missa no centro do culto cristão. Este facto seria o responsável pelo “Renascimento” de uma nova-arquitetura religiosa no século XX. Esta orientação doutrinal refletia-se nas novas Igrejas, em que se tinha em conta a centralidade espacial do altar em planta. O espaço litúrgico era participativo, em que o espaço do padre se entrosava com a presença e participação dos fiéis, utilizando para isso a forma do anfiteatro. Procurava-se que a espacialidade fosse mais informal, orgânica, atraente, moderna e contemporânea. É o Movimento de Renovação da Arquitetura Religiosa que impulsionou a atualização da liturgia e da arquitetura religiosa, confirmada e oficializada pelo Concílio Ecuménico. O Papa Pio XII, em 1947, escreveu a encíclica “*Mediator Dei*” em que aborda os aspetos do culto e dá orientações aos arquitetos sobre restauro e reconstrução de todas as Igrejas na altura danificadas na guerra. (Em [www.eclesia.com.br/biblioteca/história da Igreja](http://www.eclesia.com.br/biblioteca/história_da_Igreja). Parte X, acesso em 19.04.2014).

Segundo a Encíclica referida podemos constatar as suas indicações sobre as artes em geral no culto litúrgico que iam à procura do equilíbrio entre o pensamento do novo movimento litúrgico, a modernidade e a própria liturgia.

«As imagens e formas modernas... não se devem desprezar nem proibir-se em geral por meros preconceitos, mas é de todo necessário que, adotando-se equilibrado meio termo entre um servil realismo e um exagerado simbolismo, com a vista mais posta em proveito da comunidade cristã que no gosto e critérios pessoais do artista, tenha livre campo a arte moderna, para que também sirva, dentro da reverência e decoros devidos aos lugares e atos litúrgicos... Por outra parte... nos sentimos precisados a ter que reprovar e condenar certas imagens e formas ultimamente introduzidas por alguns que à sua extravagância e degeneração estética unem o ofender claramente mais de uma vez ao decoro e à piedade e modéstia cristã, e ofendem ao mesmo sentimento religioso, tudo isso deve afastar-se e desterrar-se em absoluto de nossas Igrejas, e em geral, tudo o que nega a santidade do lugar»(PIO XII, *Encíclica Mediator Dei*, em www.ebah.com.br/content/ABAAAgRb8AJ/espaco-arte-sacra?part=2, acesso em 16 de Fevereiro de 2015).

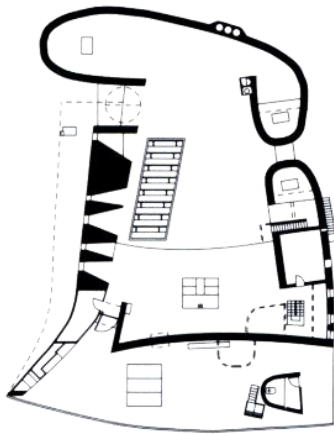


Figura 20 e 21: Planta e Interior da Capela de Nôtre Dame du Haut, Ronchamp, Le Corbusier, (1950 – 1955).

As novas Igrejas construídas no séc. XX tem como características, a centralidade do altar e a sua proximidade da assembleia dos fiéis. A utilização dos modernos métodos de engenharia permite a existência de grandes espaços sem interrupção de colunas, com a utilização de materiais como o betão, o aço e o vidro. Assim é possível o aparecimento das Igrejas com a planta salão. A Igreja deve expressar as virtudes cristãs da pobreza, humildade e simplicidade assim como a majestade de Deus

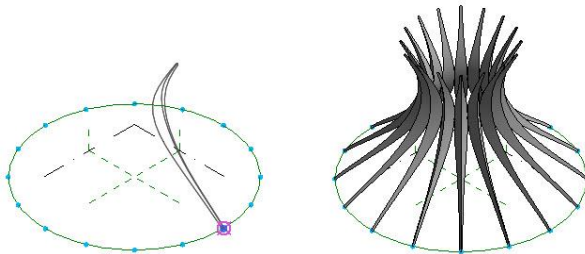


Figura 22 e 23: Planta e interior da Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, Brasília, Oscar Niemeyer (1958).

1.2 – LITURGIA E DISPOSIÇÃO ESPACIAL PROGRAMÁTICA

1.2.1 A Liturgia

O conceito de Liturgia, transporta-nos para serviço, ação, trabalho. Liturgia no sentido civil, é um “serviço feito para o povo” ou “serviço diretamente prestado para o bem comum”. No sentido religioso, liturgia refere-se ao culto que os antigos sacerdotes prestavam a Deus em nome do povo. Sendo a Liturgia ação, implica movimento que se vai expressar mediante palavras e gestos feitos de sinais sensíveis. É a ação do povo reunido que procura expressar a sua fé em Deus, celebrando momentos especiais. Como momento especial, na liturgia católica, celebra-se o mistério de Cristo. O centro da liturgia, é a páscoa de Cristo, sua vivência, morte, ressurreição e ascensão. Na liturgia católica faz-se memória da história da salvação.

“A memória é realizada com as ações rituais que comportam leitura e interpretação das Sagradas Escrituras, num contexto de diálogo íntimo entre os parceiros da aliança (o Senhor Deus e o seu povo), na espera da vinda e intervenção definitiva do Senhor na história”. (BUYST; FRANCISCO, 2004, p. 15)

Para celebrar a liturgia, as pessoas reúnem-se num espaço celebrativo, o lugar do encontro e da relação do homem consigo mesmo e com os outros, e de todos com o Todo. É a comunidade reunida em assembleia, formada pela liturgia. Na Igreja cristã, é o local onde os fiéis se reúnem, é o templo que acolhe, abriga e protege toda uma comunidade nas suas celebrações litúrgicas.

“Para o cristão, é claro que o templo em si não é o lugar da presença de Deus (Jo 4,23) mas precisamente o lugar da assembleia em que Deus se faz presente.” (BARÓBIO, 1990, p.176)

1.2.2 Elementos da Liturgia

Na *assembleia cristã reunida*, encontramos o primeiro elemento que constitui uma celebração litúrgica, o encontro reunindo todos os fiéis para celebrar o mistério pascal, a páscoa de Jesus Cristo. Nesse encontro, aparece um outro

elemento litúrgico, que é quem preside à reunião de toda uma comunidade, o *ministro* (padre) que representa a Igreja reunida.

“(…) Estes servidores são escolhidos e consagrados pelo sacramento da Ordem, pelo qual o Espírito Santo os torna aptos a agir na pessoa de Cristo-Cabeça ao serviço de todos os membros da Igreja. O ministro ordenado é como que o «ícone» de Cristo-sacerdote. Uma vez que é na Eucaristia que se manifesta plenamente o sacramento da Igreja, é em primeiro lugar na presidência da Eucaristia, que aparece o ministério do bispo, e, em comunhão com ele, o dos presbíteros e diáconos. (Secretariado da Conferência Episcopal Portuguesa [CEP], *Catecismo da Igreja Católica*, 1993, item 1142).

Esta Igreja reunida, é a celebração da Eucaristia, ação litúrgica central da fé cristã, ou seja a missa. Esta é realizada no tempo, ontem, hoje e amanhã, num determinado momento do dia, da semana, do ano, em momentos especiais da vida ou da história. O *tempo litúrgico*, é outro elemento a referir. Assim o ano litúrgico organiza-se por vários ciclos com significados e vivências diferentes, próprias no entendimento da fé e na sua expressão. Fazem parte dele o ciclo do Natal, que tem uma preparação durante quatro semanas, chamado Advento; o ciclo da Páscoa, com uma preparação de 40 dias, a Quaresma, o Tríduo Pascal, pilar de toda a história da salvação e por fim o Tempo Pascal, durante 50 dias terminando no Domingo de Pentecostes; o ciclo do Tempo Comum que decorre por 33 a 34 domingos em que se divide por duas partes, o primeiro entre o Natal e a Quaresma e o segundo entre a Páscoa e o Advento.

“Partindo do Tríduo Pascal, como da sua fonte de Luz, o tempo novo da Ressurreição enche todo o ano litúrgico da sua claridade. Ininterruptamente, dum lado e doutro desta fonte, o ano é transfigurado pela Liturgia. É realmente «ano da graça do Senhor».(…)” (CEP, *Catecismo da Igreja Católica*, 1993, item 1168)

Na sequência do tempo litúrgico, é na celebração eucarística, que se faz memória de Jesus sobre a última ceia com os seus discípulos. Na sua entrega

ao Pai por amor de toda a humanidade, desenvolve-se momentos muito ricos em simbolismo que são repetidos para sempre pela vontade de Jesus Cristo.

A Eucaristia divide-se em *liturgia da palavra* e *liturgia eucarística* começando pelos *ritos iniciais* e tendo como conclusão os *ritos finais*. É na Liturgia da palavra que se encontra outro elemento litúrgico, onde acontece a leitura das Sagradas Escrituras e sua explanação, refletindo sobre os ensinamentos transmitidos e criando um diálogo de toda a comunidade com Deus.

“A Liturgia da Palavra é parte integrante das celebrações sacramentais. Para alimentar a fé dos fiéis, os sinais da Palavra de Deus devem ser valorizados: (...) , a homilia do ministro, que prolonga a sua proclamação, as resposta da assembleia (...)” (CEP, *Catecismo da Igreja Católica*, 1993, item 1154)

“Os ritos e os textos litúrgicos são como um roteiro, um esquema celebrativo, no qual devemos colocar entusiasmo, participação, sentido, vida.” (MELO em SILVA e SIVINSKI, 2001, p.41)

Também na Eucaristia, encontramos um outro elemento litúrgico: o *canto*. Este desenvolve-se desde o início do ofício religioso até ao seu término. O canto ajuda a celebrar o culto eucarístico na procura de Deus através da Igreja. A sua função é criar comunhão convocando a assembleia que pela fusão das vozes junta cada um no encontro com o transcendente, e que no final esta ação litúrgica leva o cristão a sentir-se mais comprometido, com esperança e a sensação de ter crescido em fraternidade.

“O canto e a música desempenham a sua função de sinais, de um modo tanto mais expressivo, quanto é certo que estão «intimamente unida (s) (...) à ação litúrgica» (SC 112), segundo três critérios principais: a beleza expressiva da oração, a participação unânime da assembleia nos momentos previstos e o caráter solene da celebração. Participa, assim, na finalidade das palavras e das ações litúrgicas: a glória de Deus e a santificação dos fiéis.” (CEP, *Catecismo da Igreja Católica*, 1993, item 1157)

No caminho da Igreja, a liturgia acompanha o percurso de fé de cada um, com gestos feitos de sinais sensíveis, ações simbólicas para cada momento especial aí vivido. Outro elemento litúrgico, os sacramentos, dividem-se por: Batismo, Confirmação, Eucaristia (sacramentos da iniciação cristã), Reconciliação, Unção dos enfermos (sacramentos de cura), Ordem e Matrimónio (sacramentos dos que estão ao serviço da comunhão e da missão dos fieis).

“(...) Os sete sacramentos têm a ver com todas as fases e momentos importantes da vida do cristão: conferem nascimento e crescimento, cura e missão à vida de fé dos cristãos. Existe uma certa semelhança entre as fases da vida natural e as da vida espiritual.” (CEP, *Catecismo da Igreja Católica*, 1993, item 1210)

Para terminar ainda temos o elemento litúrgico do próprio *espaço religioso*, aquele onde todos se congregam, se reúnem, que atrai, que cria ambiente, que vivência todos os elementos anteriormente referidos.

O culto, não estava ligado ao espaço religioso, porque inicialmente a liturgia estava ligada à Igreja-assembleia, e Cristo era o verdadeiro templo de Deus, assim como toda a Igreja. No entanto a Igreja terrestre tem necessidade de um espaço físico de acordo com as vivências da sua fé.

“O culto «em espírito e verdade» (Jo 4,24) da Nova Aliança não está ligado a um lugar exclusivo. Toda a Terra é santa e confiada aos filhos dos homens.” (CEP, *Catecismo da Igreja Católica*, 1993, item 1179)

“Na sua condição terrena, a Igreja tem necessidade de lugares em que a comunidade possa reunir-se: as nossas Igrejas visíveis, lugares sagrados, imagens da Cidade Santa, ...” (CEP, *Catecismo da Igreja Católica*, 1993, item 1198)

A Igreja católica na sua edificação apresenta um espaço de reunião, celebrativo e de meditação, tendo que ser funcional e confortável, para se poder desenvolveras ações litúrgicas e a participação de toda a comunidade.

“(…) Na construção de edifícios sagrados, tenha-se grande preocupação de sejam aptos para lá se realizarem as ações litúrgicas e permitam a participação ativa dos fieis”. (Secretariado Nacional do Apostolado da Oração (AO). *Concílio Ecuménico Vaticano II*, 1963, item 124)

Este *espaço religioso* é uno, hierarquizado e dinâmico, apesar de ser composto por diferentes espaços relacionados com os diversos ministérios de acordo com a liturgia e que formam o ambiente litúrgico total. A sua organização interna, a arquitetura interior, o mobiliário, a arte, o visual compõem o local de celebração de maneira a ser entendido e vivenciado com o simbolismo dos rituais.

“(…) a Igreja-construção abriga a Igreja-gente. A construção de uma Igreja expressa a Igreja-comunidade, sua estrutura deve transparecer o mistério que dá vida às comunidades cristãs.” (BUYST, 2001, p.135)

Assim o programa de uma edificação religiosa propõe a existência de um espaço amplo, a *nave principal*, em que se acede por um átrio ou hall de entrada. Dessa nave então encontramos outros espaços como o *presbitério*, onde se celebra a liturgia e onde se situa o celebrante e os seus ministros. O presbitério contém o altar, a cadeira da presidência e o ambão. No *batistério*, espaço onde se realiza o batismo, com a fonte batismal, pode-se situar numa capela lateral, na entrada da Igreja ou na frente da assembleia. A *capela do santíssimo*, é um espaço destinado ao sacrário, onde se conserva a Santíssima Eucaristia. A *capela de reconciliação*, é o local de diálogo entre o crente e o padre na sua confissão individual. O *coro*, é o espaço destinado aos cantores e músicos que acompanham as celebrações litúrgicas. A *sacristia*, é o espaço de apoio e de preparação para as funções litúrgicas.

Podemos constatar a grande interligação programática do espaço religioso com a liturgia em que os seus elementos se encadeiam, sucedem-se, dependem uns dos outros e se completam para formar o Todo e ir ao encontro de Deus.

“A Liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força.” (AO, *Concílio Ecuménico Vaticano II*, 1963, item 10)

1.2.3 Liturgia e espaço celebrativo

A liturgia desde sempre teve grande influência na organização espacial no interior do edifício religioso. Tem a sua origem na liturgia hebraica, em que se reuniam em memória da libertação do povo de Israel da escravidão do Egito – ceia pascal judaica.

Sinagoga

Estas reuniões aconteciam nas sinagogas, durante o exílio dos judeus, pois não tinham acesso ao Templo. Sinagoga, significava “assembleia”. Era a sinagoga, o local escolhido por Jesus, para pregar e ensinar sobre o Reino de Deus.

“Jesus percorria toda a Galileia, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino (...)” (Novo Testamento, Mateus 4,23)

No espaço litúrgico das sinagogas vivia-se o conceito de assembleia, eram simples espaços, organizados por uma zona central, com uma arca onde se guardava os rolos das Escrituras Sagradas, perto da arca, e voltados para a assistência, encontrava-se o lugar do presidente da sinagoga e convidados importantes, ainda ao centro uma plataforma com uma tribuna para o orador, para a leitura das Sagradas Escrituras. Em volta desta zona central em três lados havia bancos para a assembleia.

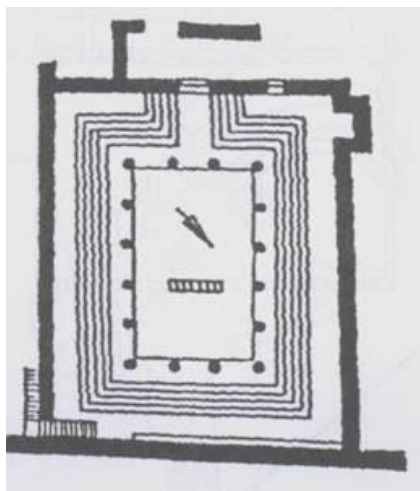


Figura 24: Sinagoga no tempo de Jesus.

A partir do mistério de Cristo, os primeiros cristãos reuniam-se para fazer memória da última Ceia do Senhor, um novo entendimento da ceia pascal judaica, no entanto herdaram algumas características do culto judaico como por exemplo, a organização da liturgia da Palavra na sinagoga. Assim continuaram até surgirem diferenças entre eles, o que provocou o afastamento dos cristãos.

Casa Romana

Para estes primeiros cristãos, tinham no seu culto como principal característica litúrgica, a "reunião". O seu templo era a sua própria assembleia. Começaram então a utilizar casas de famílias abastadas, oferecidas para se realizar as reuniões da comunidade cristã, em que o seu espaço se organizava por:

- 1 - Átrio;
- 2- Tablínio – uma espécie de santuário familiar - passa a ser o local do celebrante;
- 3- Peristilo - o pátio interno – a assembleia se reúne neste lugar para a pregação
- 4- Triclínio – o refeitório da casa - onde o povo celebra a última ceia em memória de Jesus.

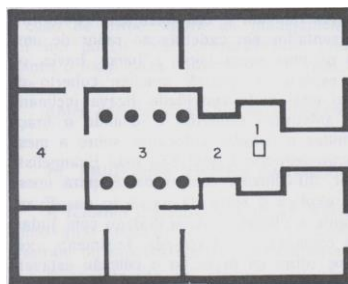


Figura 25: Casa romana.

Casa da Igreja

Entretanto o número de fieis aumenta e surgem novos locais, a "casa da Igreja" a "domus ecclesiae", são salas maiores adaptadas ao culto.

O templo enquanto edifício material será denominado, por essa razão, nos primórdios do cristianismo, não Igreja, mas "casa da Igreja", "domus ecclesiae", isto é morada da comunidade convocada. Só através dessa mediação é que o templo é lugar da presença divina. A Igreja-edifício é apenas a expressão da Igreja-assembleia e, precisamente por ser assembleia casa, morada de Deus, o edifício é o templo. Daí a fácil mudança no nome Igreja, que acaba sendo transferido da assembleia para as paredes materiais que a abrigam, para o templo. (BARÓBIO, 1990, p.176).

É a celebração do mistério de Cristo que estrutura o espaço celebrativo e também a liturgia. O grande foco dos cristãos é a reunião. Assim utilizavam uma sala para a proclamação da Palavra, outra sala para a celebração da ceia do Senhor e ainda outra para o batismo, muito à semelhança das sinagogas. Também nestes espaços, são inseridos alguns elementos litúrgicos como a cátedra - cadeira da presidência; o ambão – a mesa da Palavra; o altar – mesa da eucaristia; e a fonte batismal.

Basilica

Os espaços existentes tornam-se insuficientes para o número de cristãos e estes começam a utilizar as basílicas, que eram edifícios com outras funcionalidades, como tribunal, sala de negócios e ponto de encontro.

Na organização do seu espaço, poucas alterações sofreram, como se pode verificar pelas valências adaptadas. Na abside localizou-se a cadeira do bispo e os assentos dos presbíteros, no começo da nave foi colocado o ambão, o altar próximo da abside, entre o clero e o povo. O átrio passou a ser um espaço de transição entre o mundo externo e o espaço de oração.

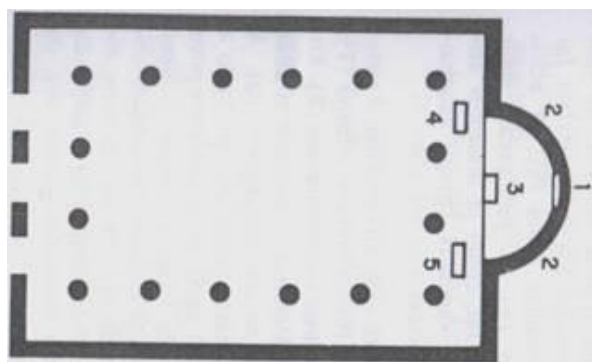


Figura 26: Basílica pagã.

- 1- Pretor
- 2- Juízes assistentes
- 3- Altar de Minerva
- 4- Ambão de testemunhas
- 5- Ambão de advogados

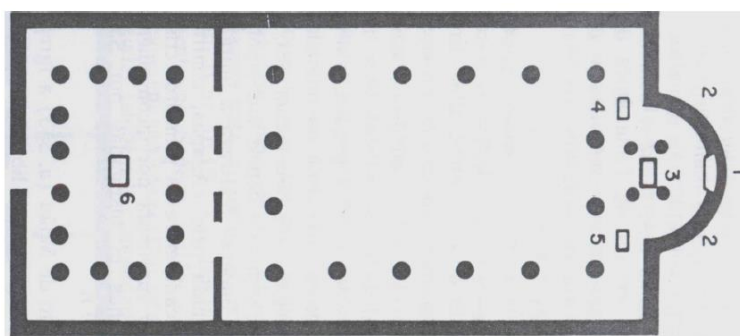


Figura 27: Basílica cristã.

- 1- Bispo
- 2- Clero
- 3- Altar
- 4- Ambão do Evangelho
- 5- Ambão da Epístola
- 6- Batistério

Este é o modelo do espaço para o culto do cristão. É a “eclésia”, o local da reunião, agora com a mesma importância que era dada à celebração. A liturgia é influenciada pela cultura de cada comunidade criando as suas formas celebrativas.

Depois de uma época de perseguições, em que os cristãos se reuniam nas catacumbas, o cristianismo se transforma na religião oficial do Império com o imperador Constantino, no ano 313. A liturgia sofre alterações por influência da cultura romana, no entanto e vai-se adaptando em função dos grandes

espaços agora utilizados, as basílicas, onde as celebrações desenvolvem-se com solenidade, imponência e sumptuosidade. O clero institucionaliza-se, surgem os primeiros livros litúrgicos, introduzem-se ritos e criam-se orações. Assim no primeiro milénio a Igreja cristã tem como centralidade, a liturgia do Mistério Pascal e a liturgia da Palavra, com carácter comunitário e participativo. A liturgia romana é simplificada, adaptando-se às diferentes culturas. Os sacramentos são vivenciados como celebração e atualização do mistério Pascal.

Nos dois últimos séculos do primeiro milénio acontece algumas transformações na liturgia romana por influência dos povos nórdicos, entrando a Igreja numa nova fase.

Nesta fusão, a liturgia romana passa por profundas transformações: passa de um cunho pascal e comunitário (eclesial), com nobre simplicidade, para um carácter eminentemente devocionista e individualista, com sortidas complicações. Trata-se de uma “passagem” sumamente significativa, pois determinará os rumos da liturgia ocidental em praticamente todo o segundo milénio da era cristã, [...] (BUYST; SILVA, 2003, p. 41)

Também no espaço físico acontecem alterações. O altar aproxima-se da cátedra desenvolvendo-se na abside a liturgia da palavra e a liturgia da eucaristia, passando esta a ser por excelência o lugar do clero e um lugar privilegiado da presença de Deus. A nave é o lugar da comunidade que se distancia do altar pela sua nova localização. A celebração deixa de ser comunitária para ser uma devoção privada do sacerdote assim como dos fiéis presentes na devoção dos santos, é o individualismo religioso.

Na Idade Média acentua-se o distanciamento entre a liturgia e a comunidade, pela linguagem litúrgica, o latim como língua obrigatória, privando os fiéis de participar nas ações litúrgicas por falta de entendimento. A comunidade apenas assiste passivamente. Também houve alterações relativamente ao posicionamento do altar, deixando de se situar no meio do presbitério para o fundo da abside, obrigando assim a que a cátedra e as cadeiras dos presbíteros se deslocassem para as laterais da abside. Assim o

presbitério terá que ter maior profundidade. O sacerdote passará a celebrar a liturgia de costas para a comunidade, e entretanto multiplica-se as missas privadas assim como os altares construídos nas naves laterais.

As plantas das Igrejas do período do *Românico* apresentam formas variadas como: longitudinais; cruz latina; cruz grega, formada por naves iguais; circulares ou poligonais. No exemplo apresentado na (Fig. 28), o transepto ao cortar a nave principal, visualiza-se a forma simbólica de cruz, ficando ao fundo a abside onde se localiza o altar com grande separação espacial para a nave.

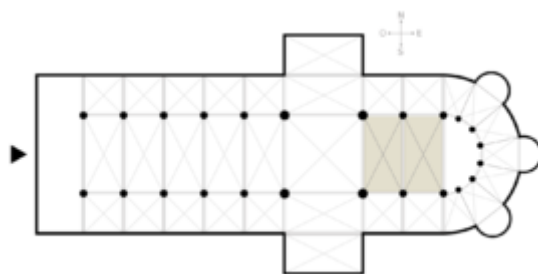


Figura 28: Representação esquemática – Igreja do período românico.

Nesta altura aparecem as paredes de divisão entre o coro e a comunidade, ficando o altar fora da visibilidade dos fiéis.

O surgimento de uma verdadeira separação (gradis, grades, gradeados, cancelas, degraus, escada, balaustradas) entre altar, presbitério e nave ao longo da Idade Média foi uma das principais causas ou sintomas decisivos (a depender do ponto de vista) da crise litúrgica multissecular de que a Igreja padeceu. (BAROBIO, 1990, p.178).

A reserva eucarística, (o pão consagrado na missa), torna-se muito importante nos séc. XII e XIII, sendo colocada em vários locais tais como: na sacristia, num nicho de parede, num cofre suspenso acima do altar e finalmente sobre o altar (séc. XVI), fixou-se o *sacrário*. A comunidade não participa na liturgia e nem na comunhão, apenas faz-se a adoração da hóstia quando o padre a levanta na hora da consagração, isto por estar distante.



Figura 29: Sacrário e Retábulo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição
Angra do Heroísmo, Açores.

Com as *Igrejas góticas*, desde o séc.XII até o séc. XVI, apresenta-se uma Igreja com o seu volume em altura, a sua iluminação colorida através dos vitrais, o seu presbitério é maior, com amplo espaço para os monges. A catequese é transmitida ao povo através das imagens dos vitrais e da decoração exuberante com estátuas de santos.



Figura 30: Vitral na Igreja Matriz de Espinho,
Portugal.



Figura 31: Altar, escultura em madeira
Nuernberg.

Com o surgimento do *Renascimento*, desde o séc XIV até o séc.XVII, valoriza-se a luz branca e indireta nas Igrejas, as linhas mais horizontais que são harmonizadas com as verticais, originando edifícios mais amplos. No entanto o altar continua no fundo da abside, junto à parede e agora aparece um murete de balustradas que separa a assembleia do presbitério.

“A Igreja deixa de ter o caráter místico, espiritualizado, para se transformar numa realidade grandiosa”. (MACHADO, 2001, p.23).



Figura 32: Igreja de São Vicente de Fora, Lisboa.
Murete com balaustradas- separação entre assembleia e presbitério.

No séc XVI dá-se a Reforma Protestante, em que se procura uma mudança referente à anarquia existente na Igreja e o afastamento da assembleia à liturgia. A Igreja promove algumas reformas com o Concílio de Trento, realizado em 1545-1563, um pouco insuficientes para uma maior vivência da Igreja. Na procura de uma revitalização do cristianismo surge a contra-reforma e também o Barroco, no séc XVII.

“As celebrações litúrgicas barrocas são brilhantes e espetaculares, mas cada vez mais distantes do verdadeiro espírito da liturgia” (BUYST; SILVA, 2003, p. 51)

Neste período, o presbitério menos profundo, contém o altar e sobre ele o sacrário que se transforma numa peça que ocupa toda a parede do fundo, o *retábulo*. O altar fica irreconhecível. Nas laterais da nave, as várias capelas contêm retábulos. A comunhão passa a ser uma devoção privada, passando a ser recebida na Capela do Santíssimo Sacramento. A Igreja apresenta um espaço amplo com galerias. Surge o púlpito para a pregação do sermão, afastado do altar, acima da comunidade, assim como o coro, onde se ouvia a música sacra. Também aparece um outro elemento, o *confessionário*, que na sua forma, separa o penitente do padre. Desenvolve-se a devoção à Via Sacra e

surge nas paredes as catorze estações da paixão e morte de Jesus Cristo. Valoriza-se ostensivamente os elementos exteriores.



Figura 33: Confessionário na Basilica de São Pedro de Roma.



Figura 34: Púlpito da Igreja de Gesù, Roma.

Por tudo o que foi referenciado anteriormente, durante o segundo milénio a Igreja Cristã tem como centralidade, na liturgia, os santos e o Santíssimo Sacramento. Individualismo religioso - devoção privada. Centralismo romano – latim como língua litúrgica. Não existe participação da comunidade, existindo um cerimonial complicadíssimo, sendo o seu auge no Barroco, com a valorização dos elementos exteriores do culto

Durante o séc. XIX e XX, a Igreja procura voltar ao passado construindo com estilos de outros séculos. No entanto, surge o movimento litúrgico, no início do séc. XX, que mobiliza uma reforma, concretizada pelo *Concilio Vaticano II*, com o Papa João XIII. É então com Constituição “*Sacrosanctum Concilium*” que as mudanças acontecem tanto a nível litúrgico como na organização espacial da Igreja, pois eles estão interligados.

Assim a liturgia volta à sua centralidade inicial, o mistério pascal, a participação ativa da comunidade, a simplicidade da liturgia entendida por todos, adaptada às diferentes culturas e tendo como Cristo o centro de toda ação. Relativamente à organização espacial, voltou a ter outra importância, na procura

de uma melhor funcionalidade para a reunião da comunidade e orientação dos espaços litúrgicos para que toda a envolvência fosse integralmente vivenciada.

Para maior aproximação, desaparecem os muretes e grades entre presbitério e nave. O altar sai do fundo da abside e torna-se mais central e próximo do povo, com tudo, preserva o seu valor simbólico, único. O sacrário é retirado do altar e é colocado na capela do Santíssimo Sacramento. O ambão, a mesa da Palavra, volta a ter a sua importância do anúncio da mesma. A cadeira do celebrante, lugar da presidência deve estar visível por toda a assembleia. A pia batismal é colocada na nave, para que todos possam vivenciar o ritual da iniciação cristã. Procura-se assim, após o Concílio Vaticano II, que os novos espaços religiosos tenham em atenção à liturgia renovada e as antigas se adaptem à melhor funcionalidade das novas vivências.

1.3 – ESPAÇO SAGRADO E SIMBOLISMO

Espaço como conceito remete-nos para uma “Dimensão Indefinida, (...) tudo faz o espaço, nós fazemos o espaço, o espaço sou eu” (PASTRO, 1999, p.15).No entanto o espaço sagrado, nos seus aspetos funcionais, não tem as mesmas características, e assim, podemos distingui-los com especificidades e funcionalidades diferentes. Nestas diferenças vamos ter dois tipos de espaço: o *espaço sagrado* e o *espaço profano*.

Apesar do homem desde sempre ter uma certa ligação ao sagrado, hoje o homem moderno, não entende muito bem o sentido do *espaço sagrado*, pois pensa mais em função do *espaço profano*. Ele vê o espaço sagrado como profano. Para ele, Sinagoga, Igreja ou Templo é um “edifício”, no entanto, para o homem religioso é uma ligação com outra dimensão.

Sagrado e Profano, são duas realidades. Duas opções diferentes de ver o mundo relativamente à nossa maneira de ser e estar existenciais. Têm uma relação oposta, no entanto, a sua interação leva-nos a um maior entendimento das suas expressões. A sua diferença é tão marcante que na transposição de um *espaço profano* para um *espaço sagrado*, mesmo um homem não religioso

sente a existência de um limite entre eles. Assim o *espaço sagrado* é um espaço que se distingue do mundo cotidiano, sendo especial e tendo uma força inerente. Pois que no *espaço sagrado* encontramos significado, valor, sentido em tudo o que nos rodeia enquanto no *espaço profano* tudo é igual, nada tem mais ou menos importância que outro. Então o *espaço sagrado* é heterogêneo. Nele existe hierarquia no seu estar e na sua vivência enquanto o *espaço profano* é homogêneo, todos os seus espaços servem para construir e para todos os tipos de construção.¹

O edifício religioso e o seu *espaço sagrado* não pode ser construído em qualquer lugar. Este tem que ter sempre uma significância, um lugar específico de manifestação do sagrado ou um lugar para abrigar o sagrado e reverencia-lo. A sua edificação é feita segundo um ponto de referência, um eixo, que tem uma orientação, o sol ou uma direção determinada. Esse ponto fixo é o centro do espaço,- Na Igreja católica o centro do espaço sagrado é o altar, a partir do qual tudo se organiza e para onde tudo converge.

O *espaço sagrado* é um espaço exclusivo. Abriga o sagrado e continua com a mesma função desde a sua fundação mesmo que este espaço seja reutilizado, sendo Templo grego, Igreja cristã ou Mesquita. A sua organização espacial procura a harmonia através do encadeamento de outros pequenos espaços carregados de simbolismo e significância, formando um todo como o cosmo, um espaço total.

É um espaço que se diferencia pela qualidade em contrapartida com o *espaço profano* que prevalece pela quantidade. Este *espaço profano* é relativo, podendo mudar em qualquer momento, servindo para muita coisa, não tendo especificidades, e sendo um espaço geométrico cortado e delimitado em qualquer direção. Em definitivo, é um espaço fragmentado. Aqui o ponto fixo não goza do mesmo estatuto que no *espaço sagrado*.

Sendo o edifício religioso a entrada do sagrado, temos acesso ao céu, a Deus. Um ponto de partida para algo distinto. Entramos para continuar um

¹ Aula teórica dada pelo Professor Doutor Mustafa Zekri, na cadeira de Arquitetura do Espaço Sagrado no ano de 2012/2013, durante o 1º semestre do 2º ano 2º ciclo do Mestrado Integrado de Arquitetura no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes.

caminho. A porta, é a fronteira entre o fora e o dentro, permite a passagem a outra situação, assim como o edifício em si é a porta para aceder a outro mundo; é o entrar na casa de Deus.

No interior do *espaço sagrado*, o profano não existe, apenas a imitação de Jerusalém celeste, um paraíso, onde se torna possível a comunicação na vertical do homem com Deus. A edificação do *espaço sagrado* é feita sempre com base em rituais que determina a configuração do espaço, a passagem de um estado para outro onde acontece a delimitação do espaço sagrado e profano.

“O primeiro passo para uma boa construção será padre, fieis, arquiteto, engenheiros, todos juntos, lerem o Ritual de Dedicção, refletirem e meditaremsobre os textos e o sentido de ser cristão. Só bem mais tarde, será possível ver o terreno, pensar em suas exigências práticas e económicas.” (PASTRO, 1999, p.54).

O ritual do *espaço sagrado* está relacionado com a sua fundação. Inicialmente este é culturalmente construído. A sua concretização feita pelos homens nas suas ações, são um símbolo do sagrado (Igrejas). É pelos símbolos que se faz a vivência e o entendimento com o sagrado e também proporciona a percepção da grande diferença relativamente ao *espaço profano*. Eles são o meio pelo qual o divino se revela.

No espaço da Igreja cristã, o altar organiza todo o espaço sagrado, para poder dar resposta aos rituais e ao mesmo tempo, em função dos mesmos, posicionar toda a sua simbologia, conjunto de códigos ou sinais, importantes para o crente. Assim podemos ver simbolismos no espaço sagrado de uma Igreja cristã, que se baseiam na liturgia do mistério pascal.

” A celebração litúrgica comporta sinais e símbolos que se referem à criação (luz, água, fogo), à vida humana (lavar, ungir, partir o pão) e à história da salvação (os ritos da Páscoa).” (CEP, *Catecismo da Igreja Católica*, 1993, item 1189)

O edifício religioso cristão começa por representar a Cidade Santa, o Paraíso, a imitação do cosmos, sendo a sua manifestação física o ser da sua comunidade. Também na sua visibilidade exterior, o *sino* é a identificação de um edifício religioso, mesmo a grande distância. Esta torre sineira simboliza “uma lanterna”, um farol identificando o “porto seguro”. Nesta torre temos o som dos sinos em bronze que identifica-se com o “som da divindade” é o chamamento e anúncio das horas cristãs, marcos silenciosos de esperança e vida (PASTRO, 1999, p.71).

Para acedermos ao interior do edifício religioso cristão encontramos o *atrium*, espaço de transição entre o mundo profano e o sagrado em que a porta simboliza “a passagem do limiar”, que permite a passagem a outra situação. (PASTRO, 1999, p.70). No interior do edifício religioso cristão, na sua organização espacial o *presbitério* é um espaço central e elevado, simbolizando a subida ao céu. O *altar* é interpretado como “o centro do mundo”, “Cristo” “a mesa da ceia do senhor” onde foi instituída a Eucaristia, “a pedra angular do edifício de pedras vivas”. A *cátedra* onde senta-se o padre simboliza a “cadeira d’Aquele que vem” e preside à celebração, o Cristo. O *ambão* é o lugar alto, do anúncio da Palavra, “anúncio e testemunho do próprio Senhor” (PASTRO, 1999, p.68). A *nave* é o espaço onde a assembleia se reúne na escuta da Palavra ou em meditação no mistério de Cristo, e simboliza o “corpo místico do Senhor”, é ainda lugar “dos assinalados que com suas vestes brancas e palmas estão na frente do Trono e do Cordeiro”. (PASTRO, 1999, p.69). O *batistério*, com a pia batismal, é o lugar do rito da iniciação, “o nascimento do cristão”, também simboliza a “porta de entrada na assembleia cristã”. O batismo simboliza a “passagem do homem velho ao homem novo”. Este espaço pode se localizar na entrada da Igreja. Esta relacionado com o “início” e localizado de maneira que a comunidade se associe ao ato celebrativo. No batistério encontrar-se-á o *cirio Pascal* que simboliza “fogo novo”, “nova luz”, “início na nova criação”. (PASTRO, 1999, pp.74 e 75). A *capela do Santíssimo*, e onde se encontra o *Sacrário*. Este é um pequeno compartimento em que se guarda as partículas consagradas, colocado num local de maior dignidade do espaço religioso. A sua conceção deve exprimir a “riqueza do tesouro que cotem”. Simboliza “o pão que alimenta

e dá vida”. A lâmpada vermelha junto do sacrário lembra-nos ali a presença de Jesus no Santíssimo Sacramento. É o ponto de encontro com Jesus. (PASTRO, 1999, p. 75). A *capela da Reconciliação*, é um espaço recatado mas aberto para a assembleia, é a capela “do retorno, do perdão”, onde o fiel se sente como “filho, herdeiro dos bens celestes”. (PASTRO, 1999, p. 76)

Ainda pode-se referenciar a percepção do vertical no interior do espaço sagrado, que nos transmite uma sensação de leveza com a decoração existente de belos vitrais inundados de luz, e o conceito do subir ao alto e a ligação com o transcendente.

“Enquanto criaturas, essas realidades sensíveis podem tornar-se o lugar de expressão da ação de Deus que santifica os homens, e da ação dos homens que prestam seu culto a Deus. Acontece o mesmo com os sinais e os símbolos da vida social dos homens: lavar e ungir, partir o pão e partilhar o cálice podem exprimir a presença santificante de Deus e a gratidão do homem diante de seu criador.” (CEP, *Catecismo da Igreja Católica*, 1993, item 1148)

Por tudo o que foi referido, o homem necessita representar o impercetível, e dar-lhe uma forma palpável. Acontece assim a materialização do espiritual na transcendência, porque o objeto simbolizado tem algo misterioso. Esse simbolismo encontrado nestes espaços transmite um código que exprime uma realidade abstrata. Vem assim materializar as ideias do sagrado e dar sentido à vida do ser humano nas suas questões existências. É a ligação entre a forma e o sentir.

1.4 – A ORDEM JESUÍTA

1.4.1 História dos Jesuítas

A Companhia de Jesus é uma ordem religiosa, fundada por Inácio de Loyola, e aprovada pelo Papa Paulo III, em 1540. Em 1521, Inácio de Loyola foi ferido quando defendia a fortaleza de Pamplona, contra os franceses. Durante a convalescença, aproveitou para ler livros religiosos, E foi-se interrogando, sobre o importante papel na sociedade dos homes religiosos. Após a convalescença,

decidiu-se a desprezar os bens terrenos em busca de uma vida religiosa em serviço dos outros. No santuário de Monserrat, submeteu-se a uma confissão geral e substituiu a indumentária fidalga pela dos mendicantes. Retirando-se para a gruta de Manresa, e ali se entregou a penitência e escreveu o Livro de Exercícios Espirituais (séc. XVI). Em 1534, Inácio e seis outros estudantes (o francês Pedro Fabro, espanhóis Francisco Xavier, Alfonso Salmerón, Diego Laynez, Nicolau de Bobadilla e o português Simão Rodrigues) fundam a Companhia de Jesus, na capela dos Mártires, na colina de Montmartre (Paris), para "desenvolver trabalho de acompanhamento hospitalar e missionário em Jerusalém, ou para ir aonde o Papa nos enviar. A ordem foi aprovada pelo Papa Paulo III, em 1540. Em 1554 eram aprovadas as Constituições, que deram origem a uma Ordem rigidamente disciplinada, em que se destacava a obediência ao Papa e aos seus superiores. (COSTA, 2015, nº 487, p. 1)

Esta ordem religiosa surge, como muitas outras, em tempos de grande crise da Igreja. A ordem da Companhia de Jesus, foi fundada na altura em que uma parte da Europa, defendia a Reforma da Igreja promulgada por Lutero. Os primeiros Jesuítas participaram ativamente da Reforma Católica e do esforço de renovação da Igreja. Dois deles – Pedro Faber e Pedro Canísio – são enviados para a Alemanha, devendo-se a eles que as dioceses de Mainz e Munique se tenham mantido fiéis a Roma. Por esta razão a companhia foi conhecida como uma Ordem da Contra-Reforma. (COSTA, 2015, nº 487, p. 2)

1.4.2 Os Jesuítas em Portugal

O percurso dos Jesuítas em Portugal divide-se por quatro períodos: o primeiro vai de 1540, ano da sua fundação, a 1759; o segundo de 1829 a 1834; o terceiro, de 1848 a 1910; e o quarto, do exílio à atualidade.» (COSTA, 2015, nº 487, p. 2)

Período de 1540 a 1759

Foi através do rei D. João III que os Jesuítas vieram para Portugal, depois de saber da existência de um grupo de clérigos, com capacidade para converter a Índia. Em Portugal, os Jesuítas desenvolviam a sua ação em vários campos

como: educação, davam catequese, entregavam-se ao serviço religioso, obras de caridade, visitavam hospitais e presos e assistiam a condenados à morte. Eram muito generosos e indiferentes aos perigos por ocasião de epidemias e calamidades. Sendo a sua prioridade a atividade missionária, acompanharam a expansão Portuguesa à medida que iam conquistando o mundo.

Em 1759, o Marquês de Pombal, decretou a sua expulsão de todos os territórios portugueses, por motivos ideológicos e políticos, pois que a Companhia de Jesus era um obstáculo relativamente ao seu projeto político iluminista e centralizador. Os Jesuítas, dominavam o sistema de ensino em Portugal e no Ultramar e sendo o seu património cultural invejável, tornaram-se uma ameaça. Assim foi lançada uma campanha anti-jesuíta, em toda a Europa por parte do Marquês, levando à supressão da Ordem, em 21 de Julho de 1773 (com o Papa Clemente XIV), apesar de não ser desejada pelo Papa, foi fruto da pressão das Cortes católicas europeias, sobretudo da espanhola. Assim termina a Santa Aliança entre o poder espiritual (Igreja) e o terreno (Político).

No entanto na Rússia Ortodoxa (Igreja separada da Católica), com Catarina II e na Silésia de Frederico da Prússia, o decreto da extinção da Ordem, não entrou em vigor por os Soberanos não obrigarem os Bispos a promulga-lo. Assim muitos Jesuítas, expulsos de outros países, encontraram refúgio na Rússia e na Polónia, continuando a sua atividade religiosa. Quando a Companhia de Jesus, foi restaurada por Pio VII, a 7 de Agosto de 1814, pela Bula *Sollicitudo omnium ecclesiarum*, havia uns 600 jesuítas vivos, espalhados pela Rússia, Reino das Duas Sicílias, Estados Unidos, Inglaterra e França.» (COSTA, 2015, nº 487, pp. 2 e 3)

Período de 1829 a 1834

Apesar da restauração da Companhia de Jesus, em 1814, o seu regresso a Portugal só acontece em 1829. No entanto Coimbra foi ocupada pelo o exército liberal em 1834, os Jesuítas foram expulsos de novo, presos e escoltados até Lisboa, partiramem direção a Itália. (COSTA, 2015, nº 487, p. 4)

Período de 1848 a 1910

A Companhia de Jesus volta a Portugal, através do Padre Carlos João Rademaker, alemão, que se tornou jesuíta em 1846, em Itália. Veio restaurar a Companhia. No entanto voltou a existir perseguição e em Outubro de 1910, a Companhia de Jesus foi expulsa e espoliada dos seus bens. Acontece depois da Implantação da República (1910) que o governo provisório restaurou a Lei Pombalina de 1759. (COSTA, 2015, nº 487, p. 5)

Período de 1910 ate a Atualidade

Depois desta última expulsão ano de 1910, a Ordem procura seguir a política de: conservar, na Europa, o núcleo central da Província (divisão pelo numero de religiosos relativamente às Ordens e Congregações) e reforçar as missões na Índia. Assim com a Constituição de 1933, que aboliu as leis de exceção, por motivos religiosos, e o Decreto de 12 de Maio de 1941, veio permitir a normalização da situação jurídica dos Jesuítas em Portugal, reconhecendo a Companhia de Jesus como corporação missionária. Nos anos quarenta e cinquenta do século XX, os Jesuitas, adquiriram o estatuto que ainda hoje mantêm nos seus principais centros. Nos anos setenta, a Sul do Tejo, em zonas mais desfavorecidas foi notório a sua presença, apesar da existência de menos religiosos. A Companhia de Jesus, durante os séculos XIX e XX, cresceu enormemente, atingindo o pico 36.000 religiosos, isto anos 50 do século XX. Sendo a sua caraterística muito especial, a forte ligação à Educação, possuem numerosos estabelecimentos de ensino, incluindo o superior. (COSTA, 2015, nº 487, p. 6)

Sob a direção do Superior Geral Pedro Arrupe, a Companhia, após o Concilio Vaticano II, veio previlgiar a defesa dos direitos humanos, sendo alguns jesuitas rotulados de subversivos e perseguidos. Também a Companhia deve evitar cargos eclesiásticos, segundo as suas Constituições, por isso nunca ter havido um Papa Jesuita, ao longo da sua longa história. No entanto a 13 de Março de 2013, após a renúncia do Papa Bento XVI, foi eleito o argentino Jorge Mário Bergoglio, o Papa Francisco. (COSTA, 2015, N° 487, p. 7)

No que respeita à região do Algarve, em Setembro de 1975, vieram dois jesuítas: os Padres Arsénio Castro da Silva e Domingos Monteiro da Costa, que desenvolveram a sua ação de apostulado, o primeiro em Portimão, criando e fazendo crescer uma nova comunidade que em conjunto construíram uma nova igreja, a de Nossa Senhora do Amparo, assim como a edificação de um Centro de Dia e Refeitório Social. O segundo na Mexilhoeira, fazendo crescer e evoluir a comunidade existente, construindo um Jardim Infantil com Creche e ATL, criando o Lar para a Terceira Idade, um Posto Médico e mais tarde a Aldeia de S.José e ainda a construção da Igreja da Figueira. (COSTA, 2015, N^o 498, p. 2).

1.4.3 Os Jesuítas e a Arquitetura

Quando da formação da Companhia de Jesus, e no seu percurso pelos quatro continentes os jesuítas foram “a companhia religiosa mais bem sucedida do seu tempo em qualquer área de atividade”, deixando como marca por onde passaram, o conhecimento. O que os jesuítas tinham de valioso era “Um empenho firme em relação a uma forma única de trabalhar e de viver, uma vida que integrava os quatro princípios de liderança – autoconhecimento, engenho, amor e heroísmo”. (LOWNEY, 2006, pp. 259 e 261)

Das várias atividades que desenvolveram pelo mundo, pode-se destacar a sua ação no ensino, em que criaram a maior rede de estabelecimentos de ensino do mundo, e incluiu a edificação de edifícios religiosos. Foram muitas as suas construções tanto em Itália onde começaram a sua atividade como pelo resto do mundo.

“Em Itália, construíram mais de 200 Igrejas, casas professoras, colégios e noviciados e quase 1200 no mundo (...)”. (PATTETA, 2003, p. 389)

A sua capacidade de adaptação e inovação tiveram sempre a preocupação do lugar e a cultura em que se inseriam.

“(…) os Jesuítas nunca tiveram na arquitetura « um estilo » propriamente dito, nem existem documentos na Ordem em que se faça referência a um estilo, desejável ou

a ser adotado ou a impor; que, pelo contrário, os Jesuítas foram uma das Ordens mais «flexíveis», tendo escolhido de se adaptar, às situações históricas, às evoluções culturais e às condições da sociedade;” (PATTETA,2003, p. 391)

Apesar da Companhia de Jesus servir-se de arquitetos “internos” nos projetos e direção dos trabalhos, foi sempre aberta à colaboração de profissionais e todos “puderam trabalhar com plena liberdade de expressão” (PATTETA,2003, p. 392). A sua filosofia era desde sempre procurar construir edificações religiosas com programas relativamente simples e económicos.

“Desde a sétima Congregação Geral (1558), foram estabelecidas as características que deveriam ter as fábricas de nova construção: salubridade, simplicidade, economia, modéstia e funcionalidade:” (...) “caraterizada por um vasto espaço interno, livre de pilares ou colunas, acentuava a convergência para o altar maior permitindo uma mais profunda participação ao evento litúrgico. (...) O teto era plano, considerado economicamente mais conveniente, fácil de construir e acusticamente mais indicado para ouvir o sermão, momento fundamental na doutrina jesuítica. Não era previsto a cúpula.” (PATTETA, 2003, pp. 393-394)

Ainda havia a preocupação na sua localização para uma melhor inter-relação entre o espaço religioso e a comunidade.

“Sendo o objetivo da Companhia a doutrina e catequese, a Igreja devia ser ampla, a fim de abrigar número sempre crescente de convertidos e curiosos e localizada, de preferência, em frente a um espaço aberto – um terreiro – onde o povo se pudesse reunir e andar livremente, não se prevendo, o mais das vezes, a construção ordenada de casas em volta dessa praça.” (COSTA, 1941, p. 131)

Pela sua maneira de estar e viver, sempre integrados na sociedade, com dinamismo e liberdade de ação, tiveram a capacidade de procurar novas abordagens explorando outras ideias, mantendo o seu espírito inicial.

“Na construção de suas Igrejas os padres, embora acompanhassem, como os demais religiosos, a evolução normal do estilo de cada época, atuaram em numerosos casos como autênticos renovadores, apoiando e adotando as

concepções artísticas mais modernas e «avançadas»;" (...) "E se devêssemos resumir, numa só palavra, qual o traço marcante da arquitetura dos padres, diríamos que foi a *sobriedade*." (COSTA, 1941, pp. 143e152)

As características referenciadas anteriormente, relativamente à construção de um edifício religioso pela Companhia de Jesus, remontam ao século XVI, no entanto podemos encontra-las de novo, na Igreja Nossa Senhora do Amparo, em Portimão, mandada construir por o padre Arsénio Castro da Silva, sj, nos anos 80. Na edificação da Igreja em Portimão, tanto no exterior como no interior, está presente a simplicidade nas formas e nos materiais utilizados. O seu interior é um espaço amplo, de atenção e convergência para o altar, onde celebra-se a Eucaristia. Na sua organização espacial outros espaços litúrgicos aparecem onde se faz a vivência dos sacramentos, cada um com o seu simbolismo, formando um todo. Pela sua atmosfera interior criada pelos vitrais que iluminam o altar, a simplicidade e sobriedade na decoração litúrgica, o crente encontra um espaço de meditação e de participação nas solenidades religiosas. Ali faz o encontro com o transcendente e com os outros. Todo o seu conjunto é funcional e encontra-se integrado na envolvente urbana, numa zona de edificação consolidada. A imagem desta Igreja de N^a S^a do Amparo e toda a sua vivência, também, reporta-nos a renovação da liturgia com a Constituição *Sacrossanctum Concilium* promulgada pelo Concílio Vaticano II, na procura de melhor chegar ao homem contemporâneo. Ainda podemos identifica-la com o programa do Movimento de Renovação de Arte Religiosa (MRAR), formado em Portugal, no século XX (1953), que procurava a renovação cultural da Igreja através de edificações religiosas modernas, com programas que apresentavam um novo conceito eclesiológico, uma nova funcionalidade, e uma nova vivência do espaço sagrado.

"A Igreja, nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. Seja também cultivada livremente 'na Igreja a arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e regiões, desde que sirva com a devida

reverência e a devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados. Assim poderá ela unir a sua voz ao admirável cântico de glória que grandes homens elevaram à fé católica em séculos passados.”(AO, *Concílio Ecuménico Vaticano II*, 1963, item 123)

A Igreja N^a S^a do Amparo, sendo uma paróquia a cargo dos Jesuítas e mandada construir pelos mesmos, mostra-nos que não existe uma tipologia própria da Companhia de Jesus, mas sim uma adaptação ao local, à cultura, ao tempo daquela comunidade, sempre com o fim de servir os demais, como sempre fizeram desde a sua formação.

CAPITULO II – A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO EM PORTIMÃO

2.1 QUINTA DO AMPARO, EVOLUÇÃO DO CONTEXTO URBANO

No final do século XIX, cresce o número de fábricas de conservas de peixe junto ao rio Arade, considerando-se Portimão uma das localidades de indústria conserveira de maior importância do Algarve.

“O crescimento urbano, determinado pela implantação das unidades fabris e pela extensão das principais vias de comunicação, alterou o aspeto da cidade, assim como os seus modos de vida.” (VENTURA E MARQUES, 1993, p.181).

Desta indústria surgiu uma classe social com poder económico e também influência política que marcaram a cidade, a região e o próprio tecido urbano, com a criação de bairros operários, quase auto-suficientes, que ainda hoje existem. Em 1901, o industrial António Feu Marchena, descendente de uma importante família andaluza, nascido em Ayamonte, fixou-se em Portimão. Distinguiu-se pelo seu espírito criativo e empreendedor, além de ser benemérito local. Um exemplo de elo foi a retribuição do esforço comum e dedicação dos seus operários com a construção do Bairro Operário de Portimão, na altura considerado como um modelo de qualidade e conforto no estilo da habitação fabril.

O Bairro Operário, construído com colaboração estatal e da Câmara Municipal de Portimão, localiza-se numa zona periférica e isolada da cidade, entre o centro urbano da cidade e a Praia da Rocha. Local que ao longo da primeira metade do século XX, foi acompanhando-se de outros bairros sociais, como: o Bairro dos Pescadores, construído nos anos 50, destinado aos trabalhadores da pesca, naturais de Portimão e residentes na freguesia. O Bairro do Pontal, construído nas décadas de 40 e 50, que deu abrigo à população mais desfavorecida do concelho e às classes trabalhadoras vindas de fora; e o Bairro Económico construído por volta dos anos 70, também um bairro social.

Nos anos 70, iniciou-se a formação da urbanização da Quinta do Amparo, delimitada a nascente pela Avenida 25 de Abril, a poente pela Avenida do Brasil, a norte pela Rua Poeta António Aleixo e a sul pelo Bairro do Bernardo. Na sua escritura, a 11/05773 ficou deliberado entre os seus proprietários (União Conserveira do Algarve, Empresa de Pesca Ribamar e mais dois comerciantes, Srs. Elidido António e José Liberato) e a Câmara:

“... todo o terreno destinado a parque público, a arborizar pela Câmara, o qual rodeia uma Capela e tem a área de sete mil cento e cinquenta e seis, virgula vinte e cinco metros quadrados, Disseram mais os “segundos outorgantes” que fazem esta doação com a condição de que os terrenos doados para ruas, parques de estacionamento, zonas públicas e parque público, não poderão ser futuramente alienados pela Câmara a terceiros, com destino a construção urbana, sob pena de reverterem para eles doadores ou seus sucessores e, ainda, que se a Câmara no prazo de cinco anos a contar de hoje, não arborizar e aplicar a jardim ou parque público o terreno que rodeia a Capela, dar-se-á em relação a eles idêntica reversão. ...” (Em Processo 153/70, *Quinta do Amparo- Portimão – Estudo de Ocupação Projeto*, José Liberato e Outros, Arquivo de Portimão).

Assim se cria o espaço onde será mais tarde implantado a Igreja Nossa Senhora do Amparo, sendo o ponto de encontro, de comunicação de inter-relacionamento em toda a envolvente. Com estes bairros sociais, deu-se o crescimento da cidade que com o passar dos anos acabaram integrados na malha urbana da cidade.

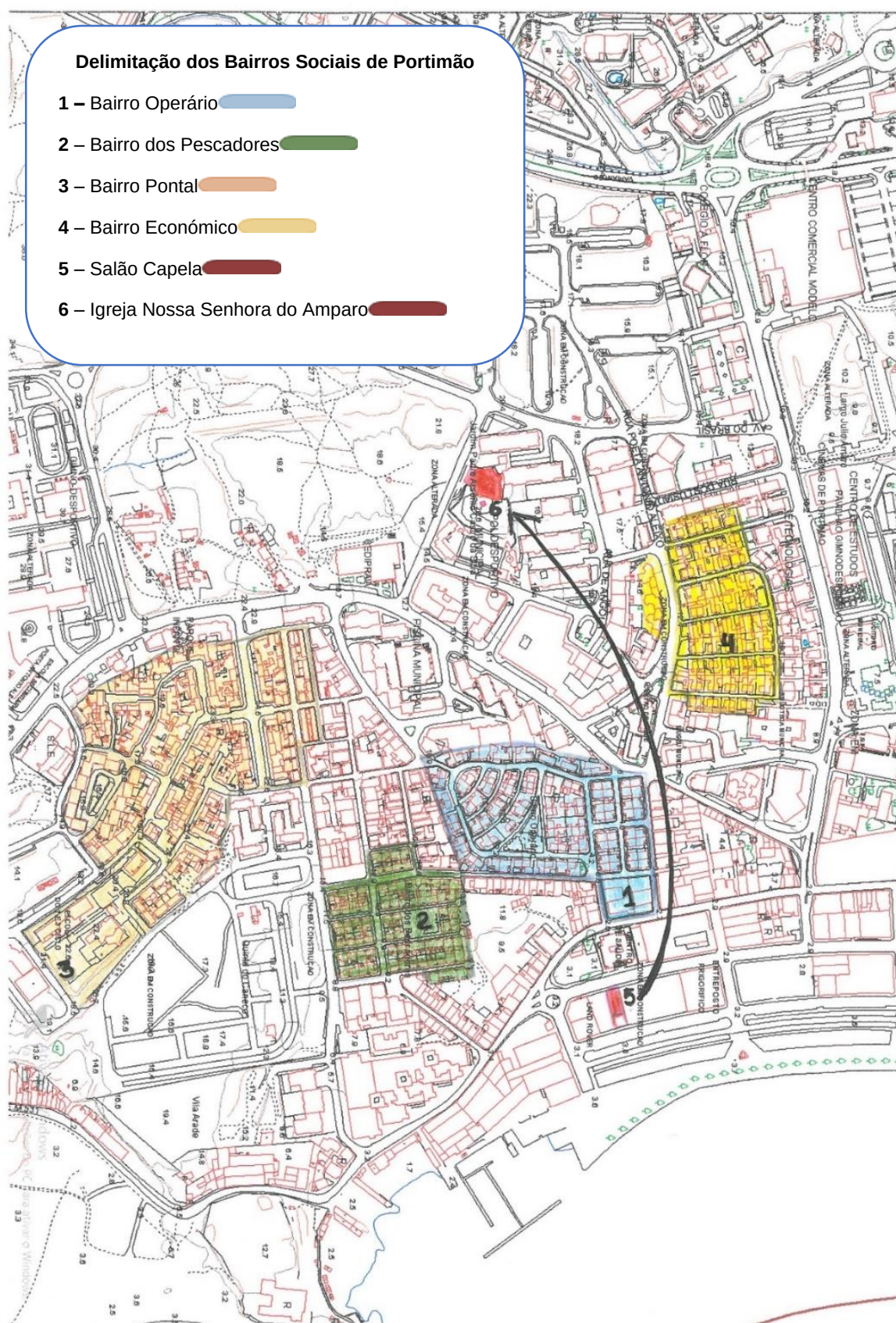


Figura 35 : Mapa dos anos 70, com a Delimitação dos Bairros Sociais de Portimão.

2.2 O LUGAR DE IMPLANTAÇÃO DA NOVA IGREJA

O lugar da Quinta do Amparo era um espaço que continha uma capela já existente. Nos anos 1970 começou a crescer neste lugar um bairro habitacional. A quinta do Amparo era no passado um espaço de exploração agrícola. Em meados dos anos setenta a propriedade, Quinta do Amparo, foi submetida a loteamento de onde resultou a constituição de vários lotes destinando-se aquele que rodeava uma Capela (Capela Nossa Senhora do Amparo) como parque público. Nos anos 1980 este espaço foi cedido pela Câmara Municipal de Portimão, para a edificação de um novo templo, devido ao crescimento urbano e a necessidade da existência de um lugar de culto nesta zona da cidade. Foi assim que em 1981 lançava-se a primeira pedra para a edificação de uma Igreja, a de Nossa Senhora do Amparo.

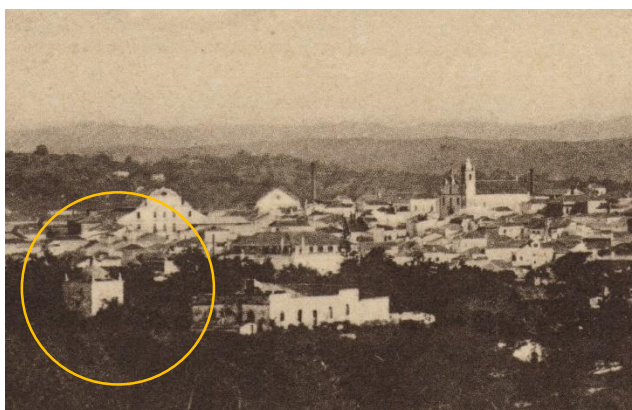


Figura 36 e 37: Capela Nª Sª do Amparo, 1950. Vista geral da cidade de Portimão, assinala a Capela Nª Sª do Amparo (antes do espaço ser urbanizado)

O lote onde se encontra a Igreja de Nossa Senhora do Amparo tem uma área de 4.551m² que se divide em três partes distintas, uma zona verde, o jardim da envolvente logo a seguir ao complexo desportivo, a zona de edificação da Igreja e capela, e uma outra zona de calçada junto ao edificado envolvente. É delimitada pela Rua Nª Sª do Amparo a sul, a este por um complexo desportivo e edificação que confina com a Rua de Moçambique, e a norte e oeste por edificações com impasses entre elas, que proporcionam ligação entre estas zonas residenciais e o espaço onde se desenvolve o edificado religioso. Nos

mapas apresentados pode verificar-se a sua evolução desde o ano de 1943 até hoje.

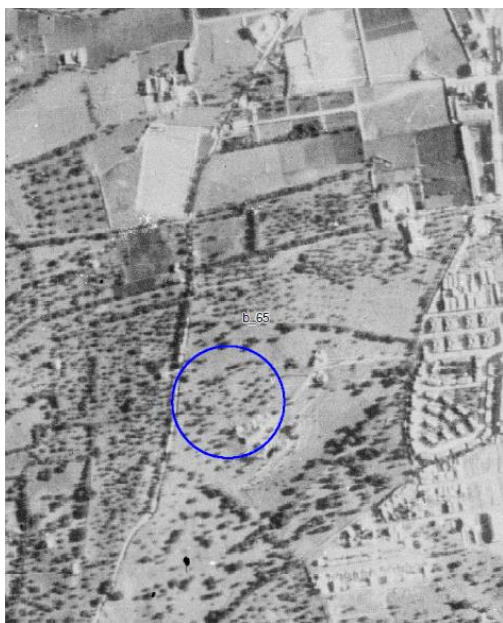


Figura 38: Mapa de 1947.

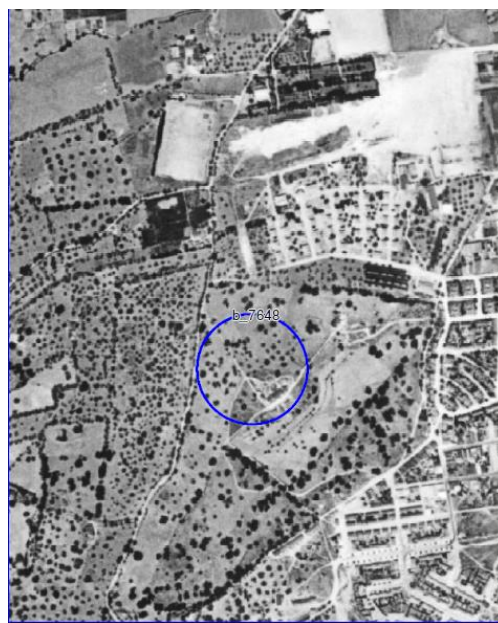


Figura 39: Mapa de 1964-1966.

No mapa de 1947 aparece a Quinta do Amparo e o Bairro Operário (Fig.38). No mapa seguinte do ano de 1966 verifica-se a existência do Bairro Pontal e a 1^a Fase do Bairro Económico (Fig.39).



Figura 40: Mapa de 1964-1966.

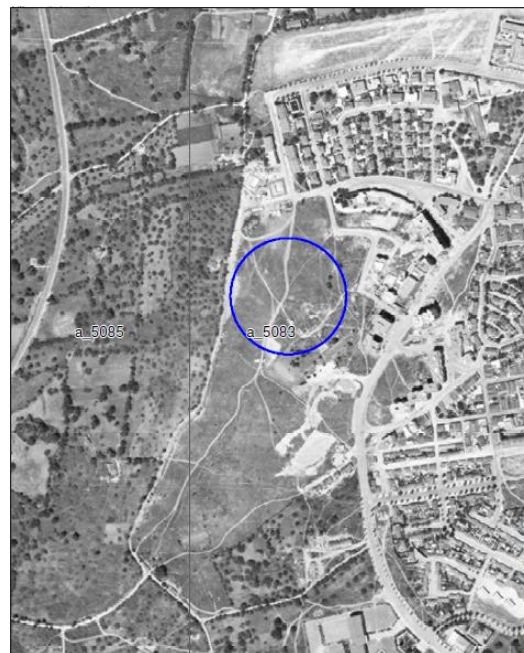


Figura 41: Mapa de 1972.

No mapa de 1964-1966, já aparece a 2^o fase do Bairro Económico e o edifício do “Liceu” (Fig.40). No mapa de 1972, encontra-se bem definida a Avenida 25 de Abril e os primeiros prédios da mesma (Fig.41).

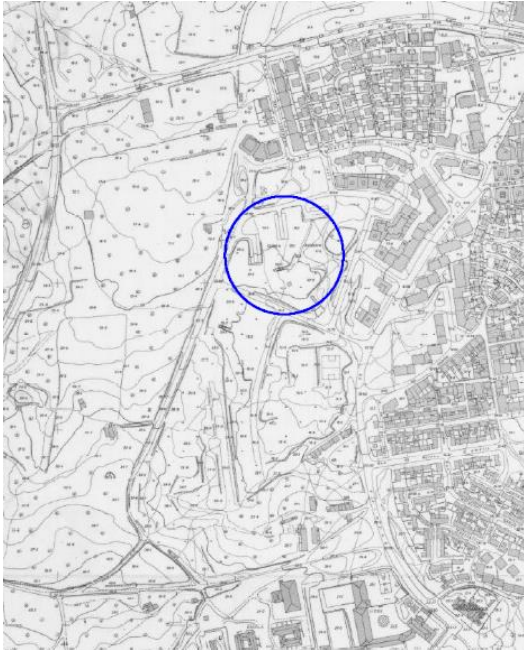


Figura 42: Mapa de 1977.

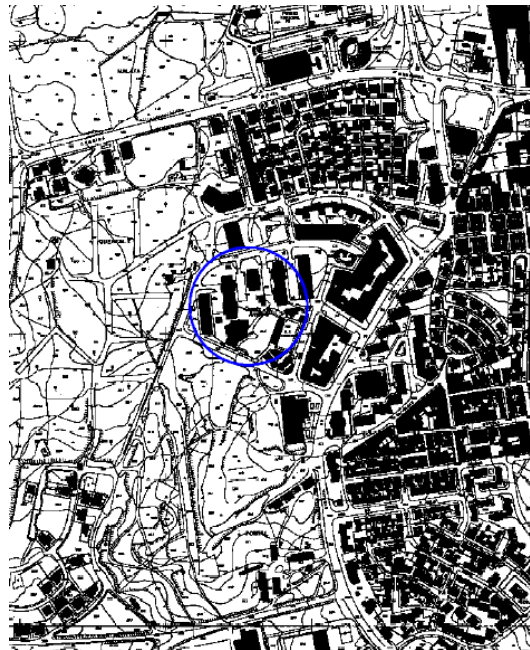


Figura 43: Mapa de 1987.

No mapa de 1977, aparece bem definida a Avenida Miguel Bombarda e a construção de novos edifícios, como por exemplo “os Gémeos” (Fig.42). No mapa de 1987 a Quinta do Amparo foi transformada, por uma operação de loteamento onde aparecem os seus primeiros edifícios e já se vê a construção da Igreja (Fig.43).

A detailed map of a residential area, likely a city or town, showing a dense network of streets and buildings. The buildings are represented by red outlines and fill, indicating a high density of structures. A blue circle is drawn around a specific building complex in the upper-middle section of the map, which appears to be a larger, more prominent structure. The map also shows various other features like smaller buildings, open spaces, and possibly a river or canal winding through the area. The overall layout suggests a well-planned urban environment.

75

A atual zona de implantação da Igreja compreende uma área de consolidação completa de toda a zona envolvente. Destaca-se junto ao edifício religioso e entre a edificação envolvente, uma zona ajardinada e seguidamente uma zona desportiva e ainda um espaço aberto de circulação (Fig. 46).

2.3 ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO URBANO

Nesta seção explicaremos o espaço envolvente onde se insere o edificado religioso, especialmente a zona de jardim e a pequena capela, no lado este. Do seu espaço envolvente urbano podemos constatar duas características completamente diferentes, uma mais sossegada e recolhida, e outra de circulação e mais aberta. É uma zona onde existem várias árvores junto à capela e outras mais dispersas, dois bancos como ponto de paragem e equipamento de lazer. Um espaço agradável de se estar, no entanto pouco visível dos caminhos de acesso, é como uma clareira no meio do edificado aí existente (Fig. 47, 48).



Figura 47: Vista do jardim junto à capela.



Figura 48: Vista do equipamento de recreio e lazer.



Figura 49: Vista da capela e o jardim envolvente.



Figura 50: Vista do jardim e da Igreja a partir da capela.

A Igreja está rodeada de espaços verdes dentro de uma área urbana consolidada, com volumetria média de oito pisos, de caris habitacional (Fig. 49, 50).



Figura 51: Entrada principal da Igreja.



Figura 52: Capela Nª Sª do Amparo.

No lado oeste do edifício religioso, existe um espaço aberto de circulação, em calçada portuguesa que faz ligação entre as zonas habitacionais,

a Sacristia e o Cartório na zona norte da Igreja e na Rua N^a S^a do Amparo (Fig.53).



Figura 53: Vista do espaço aberto com o acesso da Rua N^a S^a do Amparo.

No lado norte, existe uma zona pública que faz a ligação entre a zona de jardim, passando pelo acesso ao Cartório e Sacristia e ligando a um espaço aberto de circulação da envolvente da Igreja (Fig.54 e 55).



Figura 54: Vista das janelas das salas de catequese.



Figura 55: Vista da entrada da Sacristia e Cartório.

Para quem ali habita, a Igreja de Nossa Senhora do Amparo é um ponto de referência tanto visual como auditivo, sendo que o toque do sino recorda sempre a sua existência, e é uma chamada a um espaço sagrado, além da Igreja

proporcionar um serviço público à cidade complementar como por exemplo a ajuda e atenção aos mais desprotegidos.

A Igreja apresenta um edificado de linhas puras, poucos volumes, onde encontramos a simplicidade no seu conjunto mas ao mesmo tempo expressivo, uma linguagem arquitetónica contemporânea, introduz a simbologia formal do culto cristão que permite não questionar a que religião pertence.

Encontramos aqui um espaço de meditação e reflexão em que a sua envolvente transmite calma, sendo amplo, aberto com algumas árvores, onde se vivenciava no passado as festas da padroeira (Nossa Senhora do Amparo), fazendo lembrar a sua existência aos mais desatentos porque simultaneamente é um espaço um pouco camuflado.

2.4 EVOLUÇÃO DO EDIFICADO E RELAÇÃO COM A CIDADE

A Igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Portimão, nasce com a chegada de um padre jesuíta, Arsénio Castro da Silva, em Setembro de 1975. Padre esse que veio a pedido do Sr. Bispo do Algarve – D. Florentino de Andrade e Silva, que desejava a presença de uma Comunidade de Jesuítas em Portimão, cidade que estava a crescer e onde a Companhia de Jesus tinha tido um Colégio, de 1660 a 1759, data em que a Companhia foi expulsa de Portugal pelo Marquês de Pombal.

Começou assim, por ser uma comunidade formada por um pequeno grupo de pessoas que em 1976, ocupava uma antiga fábrica de conservas de peixe, a título de empréstimo, onde se desenvolviam as atividades religiosas. Dava pelo nome de Salão-Capela. Situava-se em frente à Casa dos Pescadores, na Rua D. Afonso Henriques.

Sendo inicialmente uma comunidade humilde com uma pastoral renovada na linha do Vaticano II, provocava naquela zona um número reduzido de seguidores, pois parecia-lhes um tanto “progressista”. Na ação pastoral aqui desenvolvida também participava a Comunidade religiosa das Doroteias. Assim crescia a comunidade do Salão-Capela que caminhava apostando fortemente no compromisso e colaboração generosa de todos os cristãos. No seu desenvolvimento surgiu o desejo e a necessidade de se conseguir um lugar de

culto, construir-se uma Igreja própria, pois que as instalações (provisórias) existentes não ofereciam as condições exigidas para a realização de um trabalho que melhor servisse os utentes desta instituição. Foi então cedido pela Câmara Municipal de Portimão um terreno na urbanização Quinta do Amparo, junto à Capela Nossa Senhora do Amparo, já aí existente há muitos anos.

No ano de 1981, realizou-se a cerimónia do lançamento e bênção da primeira pedra para a construção da Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Amparo. Em 1983, tomando em consideração o crescimento demográfico da cidade, o alargamento da sua área habitacional, ficando muitos fieis já afastados da Igreja matriz e atendo á solicitação de numerosos fieis que frequentavam o Salão-Capela, verificou-se que o desmembramento da paróquia de Nossa Senhora da Conceição, noutras, viria a contribuir para uma melhor resposta às necessidades espirituais e pastorais dos fiéis.

Foi erigido canonicamente um vicariato paroquial na cidade de Portimão, na Diocese do Algarve a partir do Centro de culto do Salão-Capela, designado por Vicariato Paroquial de Nossa Senhora do Amparo. Como paróquia, abrange um espaço geográfico urbano da cidade de Portimão do qual faz parte a Praia da Rocha e a Praia do Vau, tendo como limites: a Norte, a Av. Miguel Bombarda; a Poente a Av. do Vau; a Sul o Oceano Atlântico e a Nascente o Rio Arade. Em 1990, o Vicariato de Nossa Senhora do Amparo seria elevado a Paróquia. A sua construção iniciou-se em Março de 1984, em que a partir da sua cave formou-se um amplo espaço que se destinou ao serviço religioso, a chamada Cripta. Nesta altura o Vicariato de Nossa Senhora do Amparo deixou então de funcionar no Salão-Capela.

Ainda levou alguns anos a sua construção, pois precisava da colaboração de todos na sua edificação, jovens e adultos. Juntos e com grande esforço ao fazerem crescer o edifício da Igreja também o fizeram relativamente à Igreja e a sua Comunidade, na grande simplicidade que sempre pautou nela. A Igreja de Nossa Senhora do Amparo foi finalmente inaugurada em 1990.

Ao Encontro da Palavra. Através da Arquitetura na Liturgia:
Reabilitação da Igreja de N^a Sra. do Amparo, Portimão



Figura 56 e 57: 1981- Benção e cerimónia do lançamento da primeira pedra para a construção da Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Amparo.



Figura 58: Cripta.



Figura 59: Início das obras da Igreja.



Figura 60: Celebração no edifício ainda em obra.



Figura 61: Altar.

2.5 RELAÇÃO DA COMUNIDADE CRISTÃ COM O ESPAÇO URBANO

A Igreja de Nossa Senhora do Amparo teve e têm uma forte relação com os bairros operários edificados nesta zona de Portimão. A comunidade do Salão Capela inicia-se no período dos anos de 1970 com pessoas que viviam nos bairros operários, num espaço que era uma fábrica, com um Padre que, quando chegou a Portimão, foi trabalhar no cais da lota, transportando caixas de peixe. Esta experiência proporcionou um inter-relacionamento entre as pessoas desta nova comunidade e um Padre que procurava mostrar a Igreja de Cristo ao lado dos pobres. Apesar de contar com instalações precárias, Padre Arsénio Castro da Silva, não deixou de trabalhar para desenvolver várias vertentes como a pastoral juvenil com destaque para o grupo de jovens e a publicação da sua revista – “O grito Jovem”, e o Núcleo da Cáritas no apoio incondicional aos mais carenciados a vários níveis. No seu caminhar ao encontro do outro, o pároco desta comunidade, desenvolveu um projeto radiofónico inter-paroquial numa dimensão evangelizadora na Igreja local.

Assim o Salão-Capela foi crescendo como comunidade e, ao mudar para um local mais central, relativamente a estes bairros, também foi crescendo o empenho e o orgulho de todos no novo templo a construir, tanto que este foi edificado com a contribuição de todos a nível económico e de voluntariado. Ainda com a participação de toda a comunidade, em 2004, inaugurou-se as instalações do Centro Social Paroquial de Nossa Senhora do Amparo, num terreno próximo da Igreja anteriormente referida, edifício com várias valências, especialmente o Refeitório Social destinado a dar resposta a tantos casos de fome existente na cidade e o Centro de Dia para a terceira idade com a finalidade de combater a Solidão.

2.6 PROJECTO DE EXECUÇÃO DA IGREJA DE N^a S^a DO AMPARO

O projeto apresentado na Câmara para a execução da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, (n.d.), foi concebido para a construção de um edifício religioso que se desenvolvia por dois pisos, sendo um deles uma cave. Este projeto sofreu algumas alterações ao longo da sua execução tanto a nível de funções como construtivo, na melhor adaptação para a vivência litúrgica e comunitária.

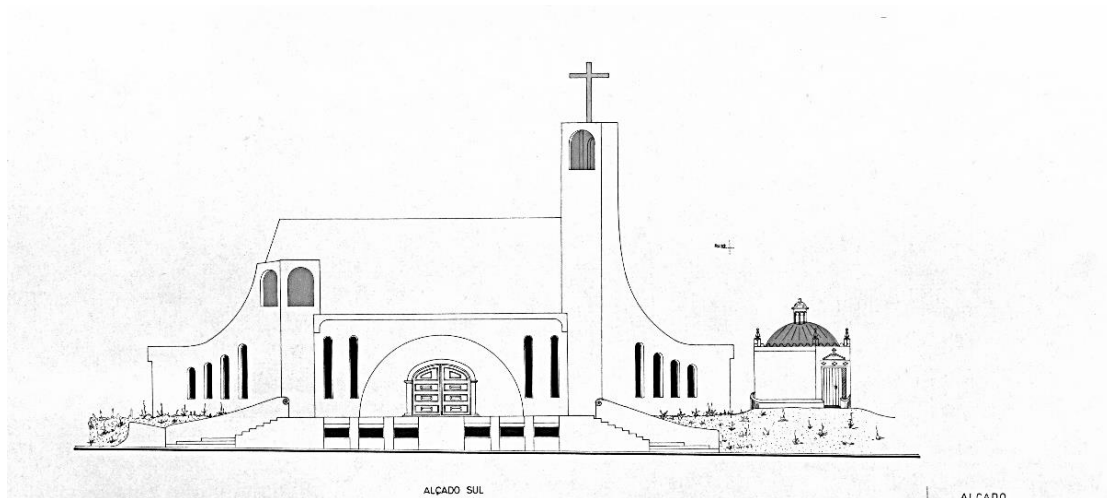


Figura 62: Projecto da Igreja de N^a S^a do Amparo CMP (n.d.). Alçado Sul.

O projeto apresenta um alçado assimétrico. A entrada da nave produz-se num patamar elevado para isolar o espaço público de acesso do nível da rua. A torre do sino acompanha a curvatura da cobertura, e integra-se na volumetria (Fig.62).

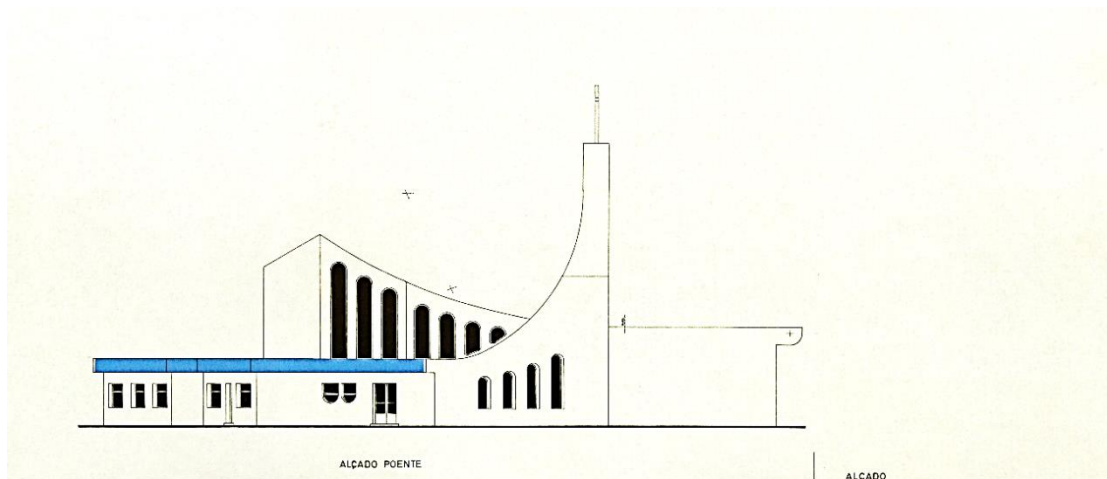


Figura 63: Projecto da Igreja de N^a S^a do Amparo CMP (n.d.). Alçado Poente.

O alçado poente mostra a volumetria do edificado, onde a cobertura ascendente é acompanhada por grandes vitrais verticais. No Alçado Poente mostra-se a vontade do edifício de reforçar as suas linhas curvas e superfícies côncavas (Fig.63).

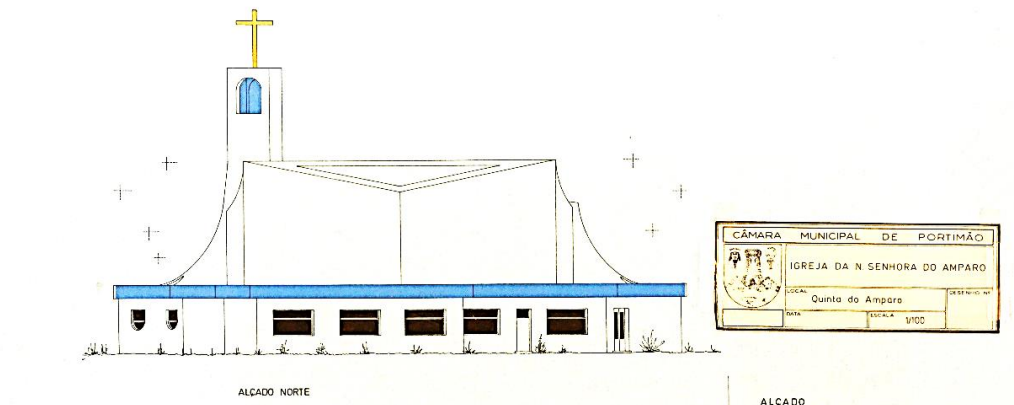


Figura 64: Projecto da Igreja de N^a S^a do Amparo CMP (n.d.). Alçado Norte.

O Alçado Norte, na sua proposta original de, (n.d.), tinha uma entrada de luz na cobertura junto ao altar. Na evolução e execução do projeto a cobertura ficou direita e desapareceu a entrada de luz zenital.(Fig. 64)

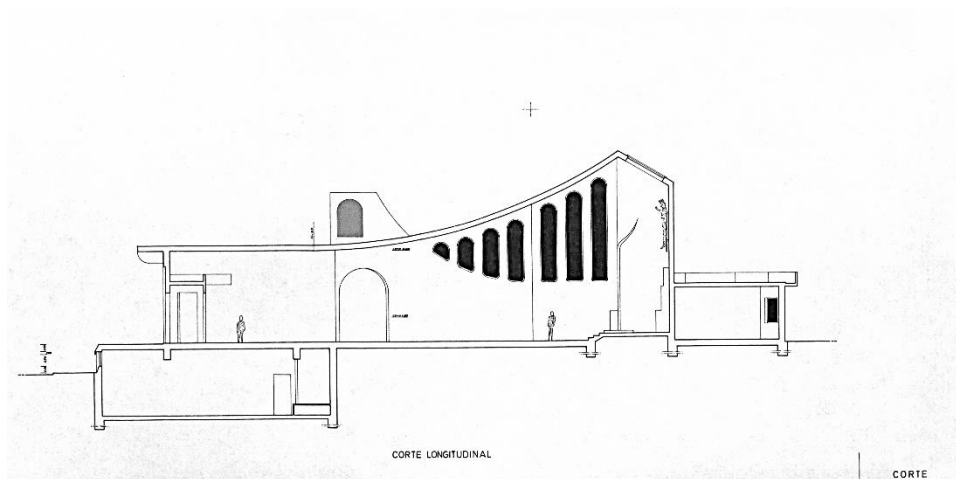


Figura 65: Projecto da Igreja de N^a S^a do Amparo CMP (n.d.). Corte Longitudinal.

No perfil do edifício, Corte Longitudinal (Fig.65),podemos ver como a cobertura da cave cria um átrio elevado de entrada ao edifício. No interior, a altura progressiva ascendente da cobertura enfatiza o lugar do altar.

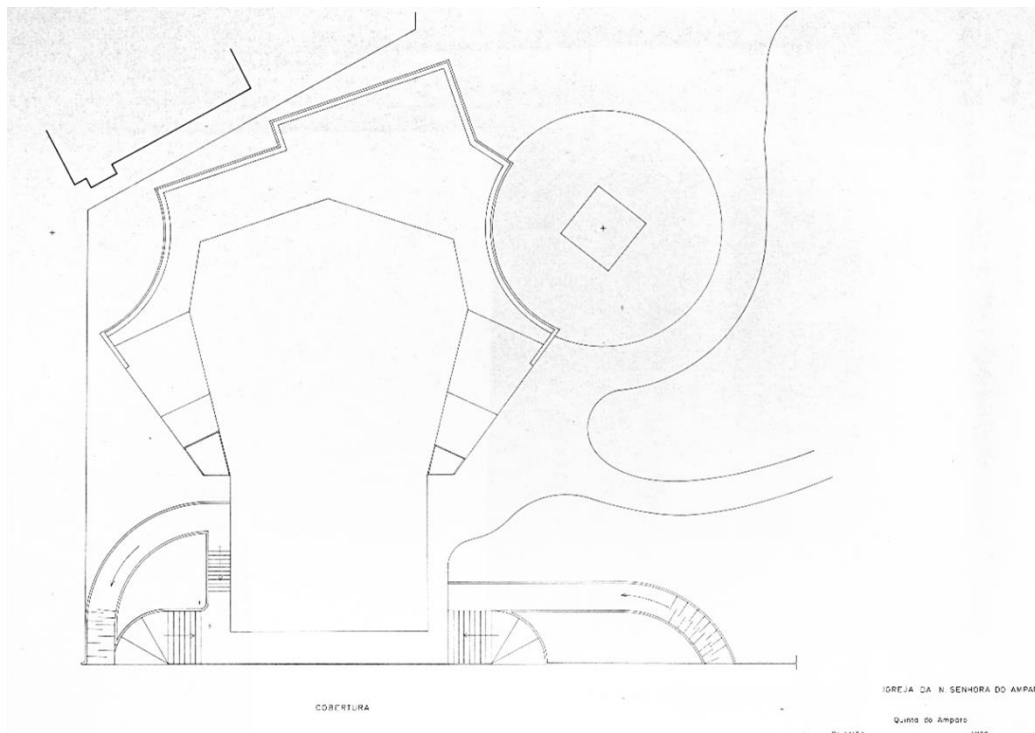


Figura 66: Projecto da Igreja de N^a S^a do Amparo CMP (n.d.). Planta da Cobertura.

Na planta de cobertura (Fig.66), podemos ver a forma da nave central em forma de peixe, e como a volumetria adjacente perimetral, de menor altura, recorta-se de maneira a integrar a capela existente, e criar um espaço deambulatório.

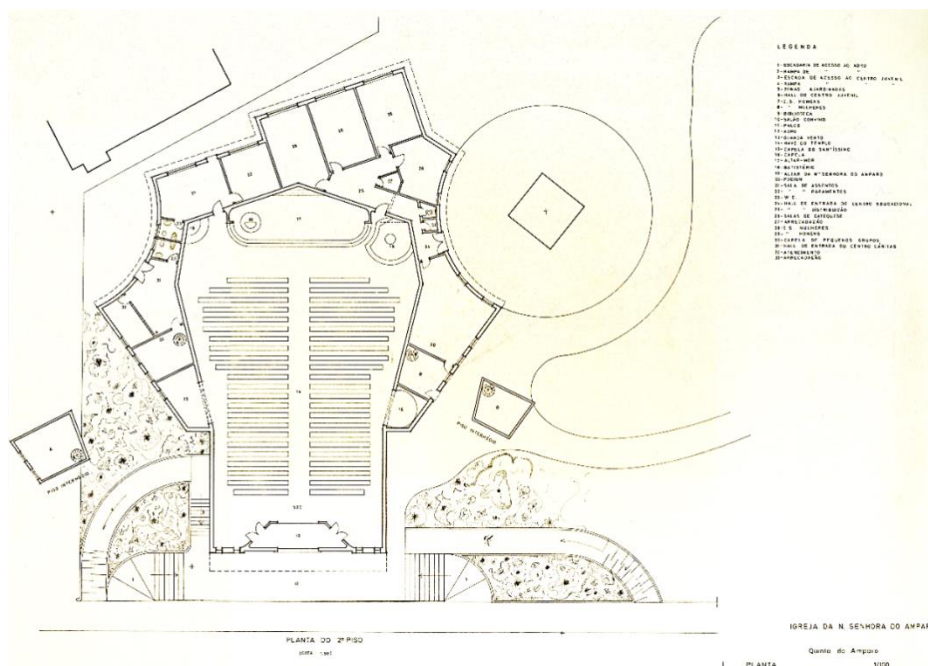


Figura 67: Projecto da Igreja de N^a S^a do Amparo CMP (n.d.). Planta do Piso 1.

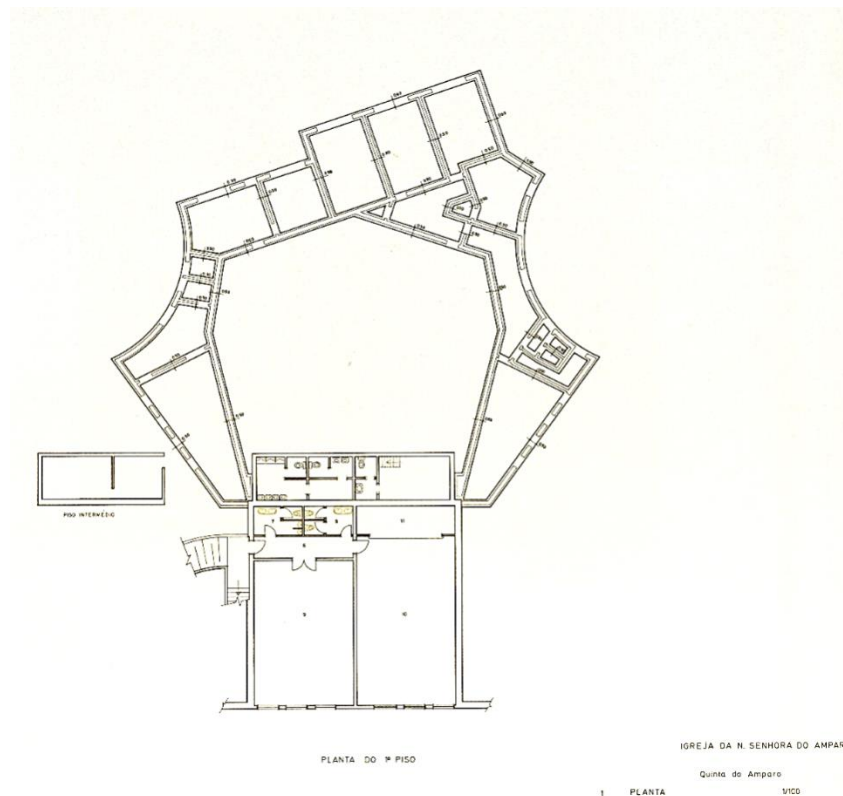


Figura 68: Projecto da Igreja de N^a S^a do Amparo CMP (n.d.). Planta da Cave.

Na Planta da Cave, o espaço é destinado a uma biblioteca e uma sala de convívio com um pequeno palco e instalações sanitárias, fazendo-se a entrada pelo lado Poente (Fig.68).

Relativamente ao edifício religioso, na sua organização espacial, podemos encontrar vários espaços tais como: Sacristia, Capela do Santíssimo, Batistério, Capela da Reconciliação e espaço do Coro. (Fig 70, 71, 72, 73).



Figura 69: Entrada da Capela do Santíssimo.



Figura 70: Capela do Santíssimo.



Figura 71: Batistério.



Figura 72: Capela de Reconciliação



Figura 73: Altar e zona do coro.



Figura 74: Altar.

Assim verifica-se que o espaço interior tem uma boa luminosidade, no entanto a organização espacial da assembleia, não proporciona a partilha da presença do outro à volta do altar. O ambão e o altar têm uma boa visualização havendo contudo uma separação da assembleia. Os vitrais existentes, estão relacionados com a vida de Portimão e especialmente com os bairros sociais envolventes, assim como, com o Evangelho que fazem ligação com o mar e a Terra Santa. A Capela do Santíssimo é separada e o cântico junto à assembleia, ao nível da mesma, como pede o Vaticano II. O Batistério, em frente à assembleia, proporciona a partilha do acontecimento do sacramento do batismo por todos (Fig.71). Ainda temos a forma do teto interiormente lembrando as ondas do mar (Fig.85). E por fim o atrio, o espaço da entrada, é propício à socialização da comunidade que ali se reúne.

2.7 ESTADO ATUAL DA EDIFICAÇÃO DA IGREJA E AS SUAS PATOLOGIAS

Refletindo sobre o lugar a intervencionar, verifica-se que existe uma edificação religiosa e uma envolvente com necessidade de ser pensada no âmbito de uma vivência ativa, que proporcione inter-relação entre todos os utilizadores e entre estes e o próprio espaço sagrado. Nos espaços da envolvente temos um jardim com algum equipamento geriátrico, (equipamento associado a exercicios para a terceira idade), no entanto por vezes indevidamente utilizado, provocando alguma deterioração e uma menor afluência a esta zona.



Figura 75: Planta e fotografia do jardim "Padre Arsénio C. da Silva (s.j)", junto à Igreja.

Na zona oposta existe um outro espaço aberto, apenas de circulação entre o edificado existe da envolvente e a Rua N^a S^a do Amparo (Fig.76).

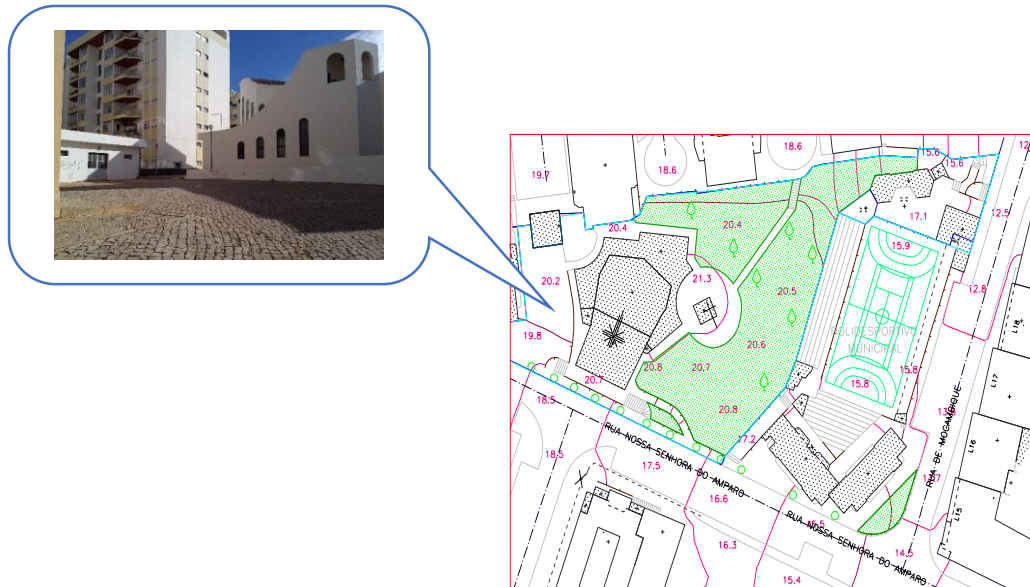


Figura 76: Fotografia e Planta do lado Poente da Igreja.

No jardim envolvente junto à capela Nossa Senhora do Amparo, destacam-se dois espaços com características diferentes. Uma zona do jardim que apesar de ser soalheira, é um espaço aberto pouco ou nada utilizada por quem frequenta o espaço (Fig.77).



Figura 77 : Fotografias e Planta do Jardim junto à capela e entrada da Igreja.

Um outro local, oposto ao referido espaço, apresenta a visualização das traseiras de uma zona de equipamento pré-escolar, atualmente desativado. É um espaço do jardim que proporciona uma imagem menos agradável, em que os materiais usados na sua conceção foram menos cuidados e o tempo contribuiu para o aspeto de abandono que apresenta (Fig.78).



Figura 78 : Planta e Fotografias da zona do jardim junto ao espaço da pré-escola.

Refletindo sobre este espaço, por onde passaram anos de utilização e grandes vivências, em que as manutenções não despertaram a atenção dos demais, verifica-se que o espaço envolvente onde se insere o edificado religioso, especialmente a zona de jardim, encontra-se abandonado (Fig.79 e 80).



Figura 79: Jardim.



Figura 80: Capela Nª Sª do Amparo.

O edifício religioso, a sua organização espacial (Sacristia, Batistério, Capela do Santíssimo, espaço do Coro e Capela da Reconciliação), e o dimensionamento destes espaços, não respondem plenamente às funções indicadas do edifício religioso. A casa do padre inserida no edificado necessita de ser recolocada noutra local e repensada espacialmente (Fig.81).



Figura 81: Entrada da Casa do Padre.



Figura 82: Alçado e entrada para a Cave.

A cave existente não está a ser utilizada assim como as salas de catequeses e também os apoios sanitários que não funcionam como seria necessário.



Figura 83 e 84: Janelas das catequeses danificadas.

Algumas janelas e portas do espaço das catequeses se encontram danificadas devido aos assaltos praticados (Fig.84 e 85). O teto, que apresenta alguma deterioração, não proporciona uma boa acústica, isolamento térmico e impermeabilização, devido à concepção construtiva inicial e os materiais utilizados na sua edificação. Assim como a existência de amianto na cobertura, e fissurações com esmagamento na zona de apoio dos canaletos (Fig. 85 e 88).

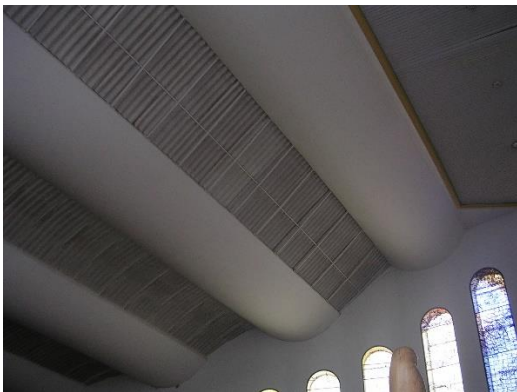


Figura 85 : Teto, zona mais alta junto ao altar.



Figura 86: Teto, por cima do altar.



Figura 87 e 88 : Patologias junto às estruturas do teto em cascas.

Também no seu interior podemos ver outras patologias como humidades nas paredes. Falta de estrutura de base dos pavimentos, originando o descolamento do revestimento e a invasão de raízes. Tubagem de esgotos de reduzidas dimensões e abatimentos dos solos provocando a perda de inclinação originando entupimentos consecutivos.

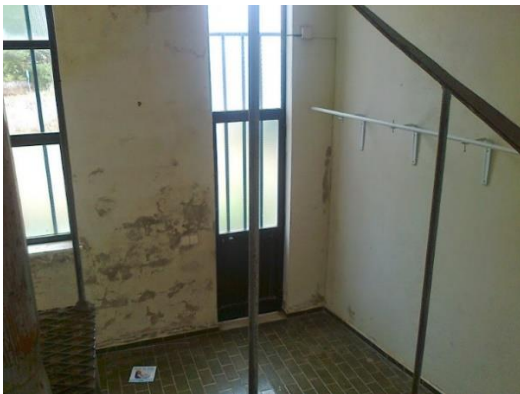


Figura 89: Humidades no espaço de Cáritas.



Figura 90: Humidades no espaço da Sacristia.

A presente dissertação recolhe a problemática de uma Igreja com um estado de degradação, ao longo dos anos, que tem deixado o edifício com graves carencias, que prejudicam o seu uso religioso. Para poder melhorar e renovar a imagem de este edifício tão simbólico para esta zona da cidade é preciso um projeto de reabilitação integral onde a cobertura vai ter um papel essencial.

CAPÍTULO III – CASOS DE ESTUDO DE REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS RELIGIOSOS NO CONCELHO DE PORTIMÃO

3.1 – CASOS DE ESTUDO

Antes de concretizar o projecto de reabilitação é necessário comparar este projecto com outros casos de estudo de Igrejas no concelho que tem sido objeto de intervenção nos últimos anos. Sendo os casos de estudos uma pesquisa mais pormenorizada sobre exemplos do tema estudado, leva-nos a uma procura de informação que nos proporcione um entendimento mais detalhado sobre a reabilitação de edifícios religiosos.

Este capítulo tem como objetivo comparar diferentes exemplos no concelho de Portimão; identificar, explorar, organizar, relacionar, refletir, e concluir sobre como tem sido estes edifícios intervencionados e é direcionada pelas perguntas onde, porquê e como. Apresentar-se-á todo o percurso efetuado para cada um dos casos, que sendo diferentes no seu agir vão encontrar entre eles pontos comuns na sua resolução.

3.1.1 Reabilitação da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Portimão

Enquadramento

A Igreja Matriz de Portimão, ou Igreja de Nossa Senhora da Conceição, encontra-se localizada no centro da cidade de Portimão, com os acessos pela Rua Luís A. Antão e Rua Machado dos Santos. Edifício de carácter religioso com elevado valor histórico e cultural desta região, classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Dec. N^o129/77 de 29 de Setembro de 1977.



Figura 91: Igreja Nossa Senhora da Conceição (Igreja Matriz).

Ao nível arquitetónico, o edifício da Igreja Matriz de Portimão apresenta uma planta longitudinal, composta por três naves, central e laterais, com torre sineira adossada à fachada principal, capela-mor com dois altares laterais e bloco anexo da sacristia. A fachada principal apresenta-se em três níveis horizontais, o primeiro, na parte superior destaca-se pelo frontão contracurvado com formato triangular decorado com fogaréus e urnas, onde se abre o vão que ilumina o topo interior da nave central da Igreja, no nível intermédio destacam-se os três vãos que iluminam o interior das três naves, e no nível inferior, salienta-se o portal gótico com três arquivoltas de perfil quebrado assentes em capitéis com flor-de-lis. A torre sineira adossada à nave lateral direita é rematada no topo por um cupolim e quatro urnas nos ângulos. A cobertura está diferenciada em telhado de duas águas na nave central e de uma água nas naves laterais. No interior observam-se três naves de quatro tramos, com quatro colunas de cada lado suportando arcos de volta perfeita que recebem a cobertura em madeira. Nas paredes laterais abrem-se quatro capelas e por cima do guarda-vento do

portal principal corre o coro. Outros elementos que constituem a Igreja são a capela-mor com coberta em abóbada de canhão, o retábulo-mor de talha dourada com a imagem da padroeira e dois altares colaterais também cobertos de talha dourada.

Este edifício de carácter religioso assume uma importância arquitetónica e histórica, como também cultural, religiosa e social para a população local e para a dinamização do turismo e atração dos visitantes.

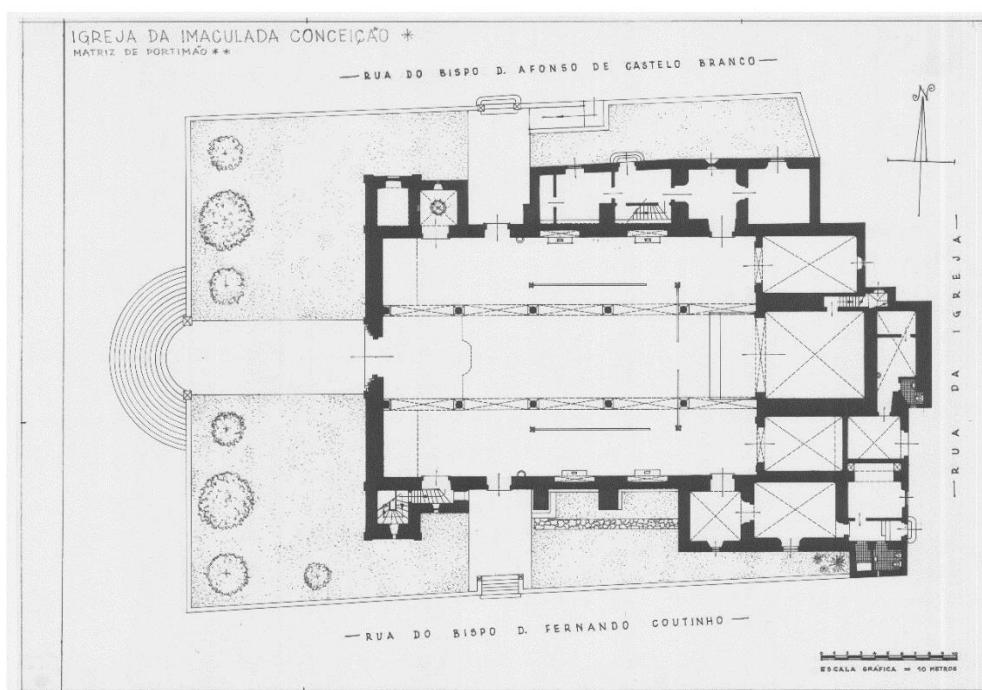


Figura 92: Planta da Igreja Matriz de Portimão.

Cronologia

- _ 1719 - Época provável de edificação.
- _ 1755 - Praticamente destruído pelo terramoto, tendo sobrevivido apenas o portal gótico. O culto passa então para a Igreja do Corpo Santo.
- _ 1760 - O culto transita da Igreja do Corpo Santo para a Igreja do Colégio dos Jesuítas.
- _ 1765 - Início das obras de recuperação após o terramoto; execução de talhas da capela-mor em nogueira pelo entalhador Manuel Francisco Xavier tendo-se despendido 700\$00 réis.

- _ 1789 - Reposições do culto embora as obras de reedificação ainda não estivessem concluídas.
- _ 1795, 18 de Maio - Provisão de D. Maria I manda aplicar os sobejos das sisasdo Cabeção na reconstrução da Igreja.
- _ 1803, 28 de Abril - Despacho pelo qual o Conde Monteiro-Mor, general do reino do Algarve, manda que se apliquem à torre e mais oficinas da Igrejamatriz as cantarias da Porta da Serra e outras muralhas d' esta praça (VIEIRA, 1911).
- _ 1844, 7 de Julho - Ofício da Junta da Paróquia pedindo ao Governador Civil de Faro a quotização das confrarias, compromisso marítimo e as dívidas ativas do hospital de São Nicolau para a reparação do templo.
- _ 1845, 16 de Julho - Nomeada uma junta presidida por Luís António Maravilhas para dirigir as obras que a Igreja reclamava.
- _ 1850, década de - Obras de recuperação transformando a Igreja, que apresentava até aí 3 naves e 9 capelas, com a aparência que tem hoje.
- _ 1883, cerca de - Constituição da comissão para a aquisição de novo órgão que substituiu o antigo.
- _ 1886 - Execução do órgão positivo por Henry Fincham, de Londres, sendo doado por Jaime Pádua Franco, que o adquirira para a sua residência particular.
- _ 1969 - Estragos provocados pelo sismo.

Projeto de Reabilitação²

A empresa Bouygues Imobiliária, no ano 2009, elaborou um projeto de intervenção para recuperaçãoe restauro da Igreja Matriz de Portimão.

Para poder intervir no edificado, a empresa STAP e Monumenta realizou porum diagnóstico do estado de conservação do edifício religioso em que se descobre patologias nas fachadas exteriores, encontrando-se fissuração generalizada do revestimento, enegrecimento da pintura e escorrências, fraturas e risco de destacamento de material de revestimento, aplicação de materiais inadequados e/ou prejudiciais, infiltrações e escorrências de águas pluviais no

²Informação extraída do relatório de reabilitação da empresa STAP – Reparação, Consolidação e Modificação de Estruturas, s.a; Monumenta – Conservação e Restauro do Património Arquitetónico,Lda. Projecto de reabilitação elaborado por João Paulo Costa (eng. Civil); João Miguel Filipe; Duarte Abecassis (eng. Civil); Luis Mateus (eng. Civil) e Joel Duarte.

interior dos paramentos e vãos existentes, por falta de estanquidade. Também aparece nas cantarias lacunas e perdas de material em elementos arquitetónicos e decorativos.



Figura 93: Alçado norte.



Figura 94: Porta da entrada principal.

Na caixilharia em janelas e portas, a empresa STAP e Monumenta observou a falta de estanquidade e capacidade de isolamento do interior, com peças em madeira disfuncionais, degradadas, destacamento das películas de pintura e elementos metálicos oxidados.

Na nave e frontão encontrou-se elementos metálicos existentes degradados, fendas com relevância no frontão e sua ligação à nave, e deslocamento e falta de ligação entre os paramentos do frontão e da nave. No pilarete exterior da Torre Sineira os técnicos da empresa STAP e Monumenta detetaram um elevado estado de degradação.

A cobertura estava constituída por estrutura de madeira, revestida com telha de canudo, excetuando a zona da sacristia, que tinha estrutura de vigotas de betão armado revestida com telha de aba e canudo. A empresa STAP e Monumenta não observou em nenhum ponto a existência de subtelha ou isolamento térmico.



Figura 95: Telhas argamassadas e sua irregularidade.

A intervenção efetuada sobre as telhas com o seu argamassamento, apresentava bastantes fissuras, e a empresa STAP e Monumenta verificou heterogeneidade de telhas (novas misturadas com velhas), assim como irregularidade na colocação (juntas e tipo de telha) e algumas telhas partidas.



Figura 96: Caleira obstruída.



Figura 97: Telha rachada.

As caleiras existentes encontravam-se obstruídas por falta de limpeza, dificultando assim o escoamento e criando pontos de infiltração, visíveis no interior da nave principal.

Relativamente à estrutura de madeira, reparada em 2007, apresentava-se muito fragilizada, com madeiramentos apodrecidos, especialmente nas entregas, e excessivamente deformados, isto derivado das paredes de taipa que favoreciam a permanência de humidade e ainda a sua rotura localizada provocando a incapacidade de suportar a carga da cobertura.



Figura 98: Estrutura de madeira deformada.



Figura 99: Incapacidade de suportar a carga da cobertura.

Algumas estruturas de suporte estavam infestadas de insetos xilófagos, possivelmente caruncho e térmita. A empresa STAP e Monumenta observou um progressivo e preocupante enfraquecimento dos madeiramentos.”



Figura 100: Viga de suporte infestada de insetos.

Metodologia de Intervenção no edificado³

A empresa Bouygues Imobiliária, depois de analisado o diagnóstico do estado de conservação do edificado, realizou um projecto de intervenção no edificado,

³Informação extraída da Proposta de Orçamento de Intervenção de Marcenaria e Restauro do Tardoz do Retábulo-Mor, Retábulos Colaterais e Arcas da Igreja Matriz de Portimão - João Miguel Filipe; Projeto de Execução da Reabilitação da Cobertura da Igreja Matriz de Portimão - Duarte Abecassis (eng. Civil); Relatório de Visita de Inspeção da Igreja Matriz de Portimão - Jose Paulo Costa (eng. Civil); Memória Descritiva do Projeto de Empreitada e tratamento de fachadas da Igreja Matriz de Portimão -Luís Mateus (eng. Civil), Joel Duarte (Conservador-Restaurador)

iniciado no ano de 2010 e finalizado em 2011. Este projecto de reabilitação, por estar relacionado com o património arquitetónico religioso de Portimão, teve que incorporar no seu relatório uma descrição minuciosa dos trabalhos a executar nos elementos patrimoniais que a compõem, com referência e especificação dos materiais e produtos a aplicar, cumprindo com as exigências e critérios respeitantes à intervenção em património.

Realiza-se uma substituição de rebocos (Picagem integral e remoção cuidada das argamassas, fornecimento e aplicação de sistema multicamada de revestimento em reboco tradicional). No que respeita às pinturas fornece-se e aplica-se pintura com tinta apropriada para aplicar sobre revestimentos de cal.

No tratamento de cantarias, consolida-se e rejunta-se toda a cantaria, com especial cuidado na cantaria exterior da porta principal da Igreja assim como o seu restauro integral e ainda restauro das portas laterais em madeira. Realizam-se novos caixilhos na fachada principal, em alumínio lacado a branco de uma folha, com vidro duplo e de abertura manual. Relativamente aos elementos estruturais do edificado, realiza-se um reforço transversal da nave e tratamento do frontão, ainda reconstrói-se pilarete exterior na torre sineira com, que se encontra em desagregação.

Na cobertura, realiza-se um tratamento superficial de proteção preventivo com um produto inseticida e fungicida para os elementos em madeira que permanecem no local. Substituem-se os elementos de madeira degradados, por outros com a mesma geometria e qualidade idêntica ou superior, e introduz-se um revestimento em telha, com uma camada de isolamento térmico constituída por placas de poliestireno extrudido com 50 mm de espessura, com a introdução, sobre o isolamento térmico, de uma camada de impermeabilização constituída por placas de subtelha fibrobetuminosa do tipo " Onduline". Coloca-se uma nova cobertura de telha canudo branca fixada com grampos de aço inox. Finalmente, se executam rufos metálicos em zinco nos remates com as paredes emergentes e revestimento de caleiras com chapa de zinco.

Igreja N^a S^a da Conceição, Portimão. Após a Reabilitação



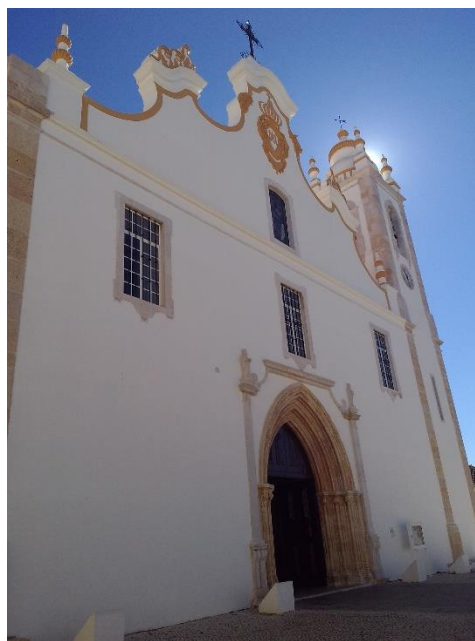
Figura 101: Nave central.



Figura 102: Nave lateral (Capela Santissimo).



Figura 103: Alçado Norte.



Figuar 104: Alçado Nascente.

3.1.2 – Reabilitação da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Figueira.

Enquadramento

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, situada na vila da Figueira, freguesia de Mexilhoeira Grande, no concelho de Portimão, foi construída no ano 1986. A sua construção deve-se ao facto de há vários anos sentir-se a necessidade de um local próprio para o anúncio da Palavra de Deus. Iniciou-se este percurso em 1977, por casas particulares, depois na escola primária e noutros espaços cedidos pelos moradores da Figueira. Em Abril de 1982 houve contactos com a Câmara Municipal de Portimão, no sentido de encontrar-se um terreno para a edificação, inicialmente de uma capela mas que logo passou à ideia de uma Igreja dado o futuro crescimento do local onde esta seria implantada. Em Dezembro de 1982, realizou-se a bênção da primeira pedra e foi apresentado o projeto da nova Igreja executado pelo Arquiteto Martim Gracias. As obras iniciaram-se em Março de 1983. Depois de algumas interrupções por motivos económicos foi sagrada em Maio de 1986. Este edifício de carácter religioso assume importância arquitetónica e cultural, religiosa e social para a população local da Figueira, devido a que este edifício foi construído de acordo com as necessidades da sua comunidade religiosa.



Figura 105: Igrejade Nossa Senhora da Conceição, na Figueira (Mexilhoeira Grande).

A Igreja da Figueira, ou Igreja de Nossa Senhora da Conceição, encontra-se localizada no largo central da Figueira, numa zona urbana consolidada, junto à escola Pré-primária, com acessos pela Rua 25 de Abril e Rua Martim Afonso Pacheco. Ao nível arquitetónico, o edifício da Igreja Nossa

Senhora da Conceição, apresenta uma planta em cruz latina, composta pela nave principal e os laterais do transepto, bloco anexo com sacristia, salão polivalente e residência paroquial.

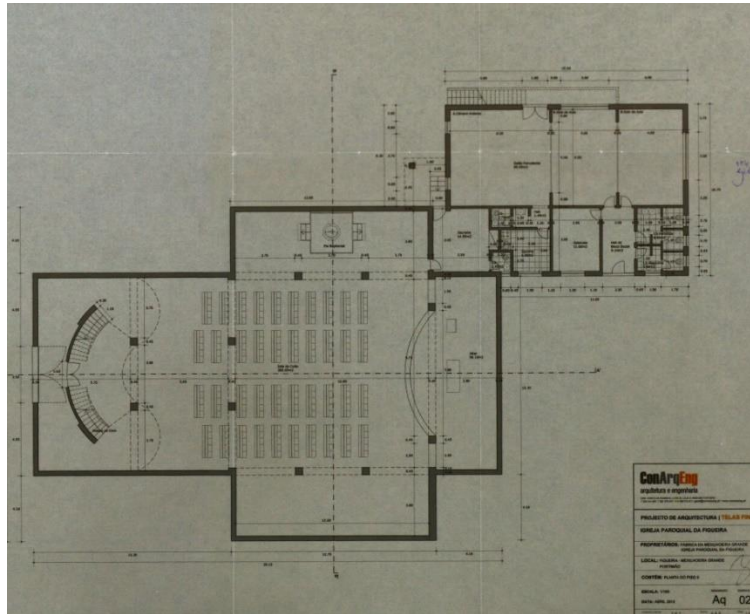


Figura 106: Planta do piso 0 da Igreja da Figueira.

As fachadas são retangulares, onde existe vitrais que fazem a ligação com a cobertura a tipo de frontão. Estes vitrais existentes nos quatro alçados proporcionam a iluminação de todo o espaço de culto. O volume da Igreja desenvolve-se por dois níveis horizontais, sendo que da visualização do alçado principal podemos perceber como que uma pomba em voo.

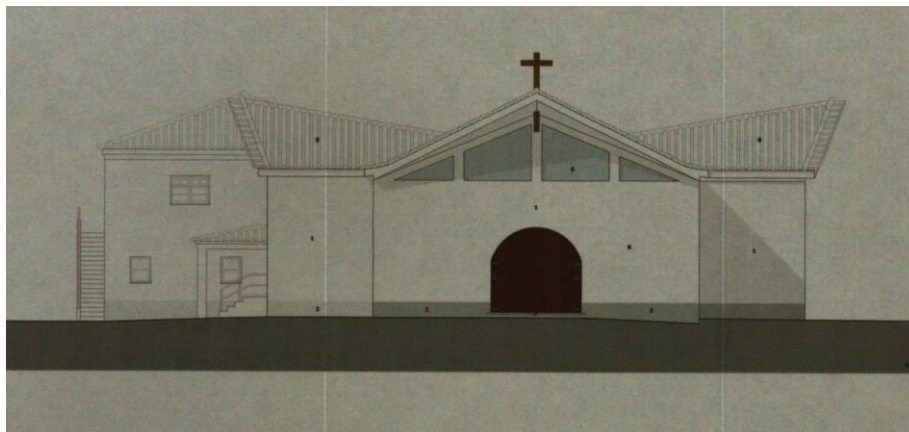


Figura 107: Alçado Principal.

A cobertura apresenta quatro corpos com telhados de duas águas, tendo uma inclinação em que junto às fachadas são os pontos mais altos e no centro o ponto mais baixo, dando-lhe interiormente uma forma convexa.

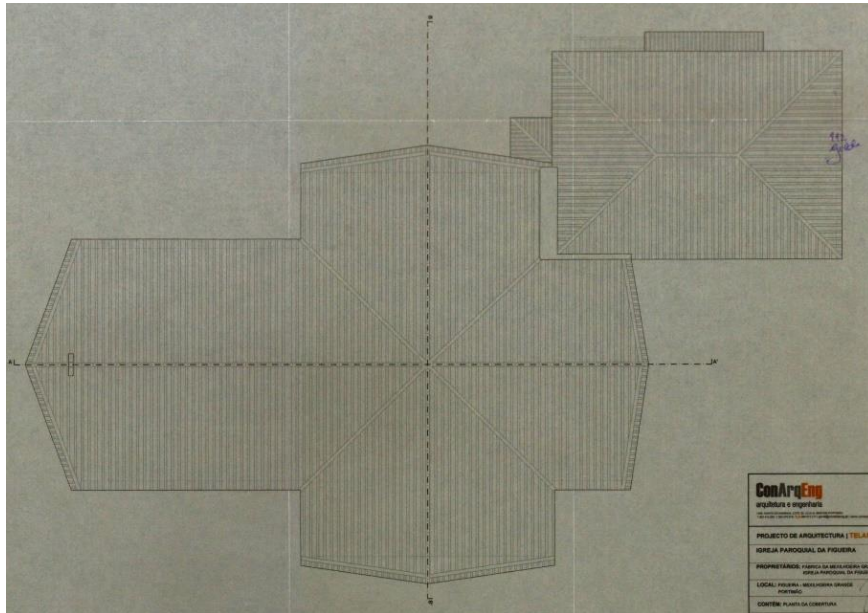


Figura 108: Planta da Cobertura.

No interior encontra-se uma estrutura de pórticos aligeirados, em que a nave central tem três pórticos transversais e os espaços laterais tem um pórtico cada um, onde se apoia a cobertura. O pórtico do altar tem um arco abatido ao centro, os restantes pórticos são formados por três arcos. Por cima do guarda-vento da porta principal desenvolve-se o coro.

Cronologia

- _ 1983 – Ano de construção;
- _ 2009 – Reabilitação exterior do teto;
- _ 2010 – Reabilitação interior do teto;

Projeto de Reabilitação⁴

No ano de 2009 e 2010 as firmas CoberCam e Castelhana & Ferreira S.A., realizaram uma visita à Igreja da Figueira para constatação do estado de conservação das fachadas exteriores e forma da cobertura, com o objetivo da elaboração de um projeto de intervenção para recuperação e restauro dos mesmos.

No diagnóstico do estado de conservação observou-se que era urgente a recuperação e restauro da cobertura devido ao material utilizado na sua edificação. A cobertura realizou-se inicialmente em betão e este não proporcionava estanquidade térmica e boa funcionalidade acústica.

Metodologia de Intervenção no edificado

No ano 2009 a empresa CoberCam, Revestimentos de Coberturas, Lda, realizou a reabilitação da cobertura do edifício. Procedeu-se à execução sobre a laje de betão de paredes de alvenaria, e ripado pre-esforçado R10, que constituem a estrutura de suporte do isolamento de placas de OSB de 18mm de espessura, incluindo fixações. Sobre o isolamento colocou-se placas de sub-telha Onduline ST200, incluindo os respetivos acessórios. Sobre as placas de sub-telha fez-se o assentamento de telha canudo UM vermelha incluindo acessórios. A cobertura foi rematada com beirado à Portuguesa executado com telha regional do Algarve incluindo os respetivos remares e acabamentos. Para a drenagem pluvial foi executada caleiras e rufos em zinco, incluindo fixações e soldaduras. Para proteger a entrada para a sacristia foi executado um alpendre com estrutura semelhante à cobertura da Igreja, colocando-se uma estrutura resistente em aço. Relativamente às fachadas exteriores, procedeu-se à sua recuperação. Realizou-se uma lavagem superficial das paredes exteriores a jacto de água. As paredes danificadas prepararam-se para o reboco. Aplicou-se, nas zonas em que a tinta devia ser removida de uma demão de primário, uma camada de fibra de vidro fixada com membrana branca e acabamento com tinta de areia conforme

⁴Informação obtida do documento escrito por o Padre Domingos - Boletim Paroquial ACTOS, N^o 39 Maio/86, e numa conversa informativa sobre a Igreja da Figueira (no dia 24-06-2014 pelas 10h no Centro Pastoral Paul Roth na Mexilhoeira Grande). Relatório projeto de reabilitação da empresa Castelhana & Ferreira – Indústria de Tectos Falsos e Divisórias S.A (Eng. Patraquim).

textura existente. Aplicaram-se duas demãos de tinta de água branca para exterior, incluindo rodapé em côr igual ao existente.

No ano de 2010 a empresa Castelhana & Ferreira S.A. – Indústria de Tetos Falsos e Divisórias, efetuou ensaios acústicos no interior da Igreja. Da análise dos resultados obtidos resultou a execução de uma estrutura de revestimento do teto de suspensão oculta. O assentamento do teto falso realizou-se com réguas de MDF standard com acabamento a laminado imitação de madeira com 80mm, espaçados entre 12mm. Colocou-se tela acústica e lã mineral 40mm/40kg no tardo.



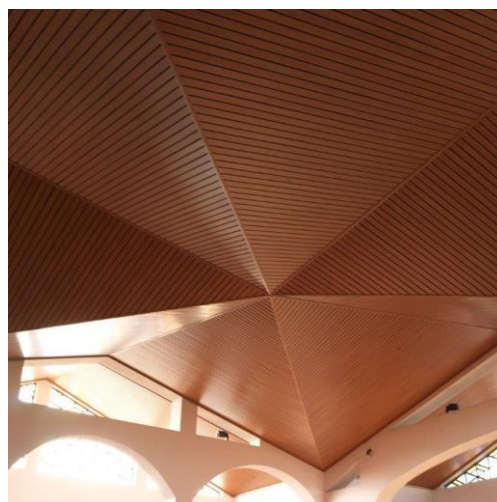
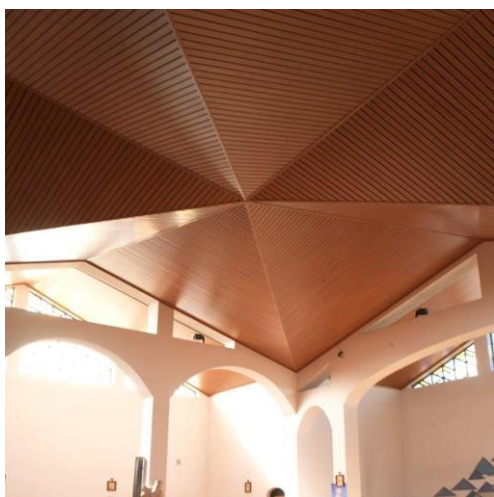
Figuras 109 e 110: Colocação da estrutura de suspensão.



Figuras 111 e 112: Estrutura de suporte e isolamento.



Figuras 113 e 114: Interior da Igreja da Figueira uma vez concluída a obra.



Figuras 115 e 116: Teto da Igreja da Figueira, após a conclusão da obra.

3.2 – COMPARAÇÃO DOS DOIS CASOS DE ESTUDO

Estes casos de estudo apresentados proporcionam uma reflexão sobre a reabilitação de edifícios religiosos a níveis diferentes de intervenção sobre um edifício pré-existente. Mostram-nos alguns pontos de patologias mais característicos nestes edifícios como a sua deterioração por falta de manutenção, levando a:

- Fissurações e deslocamentos do revestimento, enegrecimento da pintura
- Infiltrações e escorrências de águas pluviais no interior dos paramentos, quando a caixilharia das janelas têm o seu material deteriorado, provocando a falta de estanquidade e isolamento do interior, que por sua vez proporciona o aparecimento de humidades afetando assim materiais ali existentes como a madeira.
- Coberturas com telhas partidas e falta de limpeza e obstrução das caleiras. Ainda a falta de isolamento térmico nas suas coberturas e também isolamento acústico, tão necessário pelas suas funções de inteligibilidade da Palavra.

Nesta reflexão foram encontrados pontos comuns nos dois casos de estudo relativamente à reabilitação das coberturas de ambas as Igrejas, como por exemplo, o que contribui para o conhecimento e orientação a seguir para o melhor resultado na reabilitação nesta área. Pois que é de grande importância ir-se ao encontro das técnicas construtivas e materiais originais utilizados na sua recuperação e restauro de forma a realizar intervenções de qualidade, tornando-as aptas ao melhor funcionamento e utilização dos seus espaços.

CAPÍTULO IV – REABILITAÇÃO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO, PORTIMÃO

4.1 – O PAPEL DA COBERTURA NA REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

Refletindo sobre o que proporciona o abrigo neste espaço religioso, vamos ao encontro da Palavra falada. Assim, viajando por pensamentos, tentando defini-los, tudo se desenvolve sobre algo comum a todos nós. A Palavra! Como a poderemos definir? Existiu desde sempre. É um som articulado que contém uma significação, desde tempos imemoriais. Tem sido o elemento que une os homens. É no intercâmbio das palavras que nos é proporcionado o conhecimento e nos damos a conhecer.

No *Livro dos Livros* está escrito que no início era o Verbo (palavra, ação), palavra que ao ser encarnada formou o homem e o mundo. Nesta metáfora bíblica, podemos constatar que a “palavra” é o suporte de toda uma filosofia da linguagem. É o indicativo do poder criador. Conforme está escrito no *Sepher Yetzirá*, «Livro da Criação» Capítulo II, Secção 2 (1978), só existe aquilo que tem letras. Assim a criação tem origem num ato da fala, pois é só nomeando as coisas que Deus vai criando e lhes dando o seu estatuto ontológico: “E Deus chamou à luz Dia e às trevas Noite (...). E chamou ao firmamento Céu'.” (Gênesis 1,1-31).

Também, na *Dei Verbum* é referido a importância da tradição oral, porque é através dela que a Igreja perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que é, tudo o que crê. Por exemplo a transmissão do Evangelho, feita pelos Apóstolos, fez-se primeiro oralmente e só depois, por escrito, cerca de 20 anos após a morte de Jesus. Ainda hoje, esta transmissão oral, na Palavra do passado que se torna presente, nos interpela.

É a partir dela que se vai refletir sobre um espaço arquitetónico e procurar entender se a palavra, a todos chega com a mesma irreverência, alegria, amor, compaixão, tão próprio de um discurso inspirado. Pois que, devido ao Concílio do Vaticano II, procura-se voltar ao espírito da Igreja primitiva em que

a liturgia é compreendida, comunitária, ativa, participativa, centrando-se na Palavra e no Mistério Pascal.

Indo ao encontro das novas ideias propostas, neste espaço físico é importante, a sua organização, procurando harmonizar a simplicidade, simbolismo, aspetos visuais arquitetónicos, funcionalidade programática, e por último o melhor entendimento da Palavra Sagrada no conceito de Igreja salão, para uma melhor participação dos fiéis nas celebrações litúrgicas e na procura do encontro do homem com o transcendente.

Os dois casos de estudo elaborados apresentam uma proposta de intervenção e reabilitação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, com uma melhora na organização espacial. Nas duas propostas, realiza-se uma intervenção na volumetria do edificado e na construção de uma nova cobertura, sendo esta de primordial importância a conceptualização do espaço simbólico e na melhora dos aspetos funcionais na transmissão da palavra sagrada.

4.2 –A COBERTURA: IMAGEM E IDENTIDADE EXTERIOR DO EDIFICADO.

Nesta primeira proposta de intervenção na reabilitação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, a cobertura vai ter um papel protagonista na reformulação espacial. É ao mesmo tempo um elemento funcional e conceptual ligado ao espaço ritual e a significação espacial sagrada tanto interior como exterior. É o elemento central da reabilitação que vem configurar um novo espaço interior e reformular a volumetria exterior, e conseqüentemente a renovação da imagem da Igreja e o seu papel identitário no espaço urbano circundante.

Conceito

O conceito do novo projeto de cobertura na Igreja de Nossa Senhora do Amparo esta ligado ao seu próprio nome. É pelo nome da própria Igreja que vai surgir a sua nova forma, porque o manto de Nossa Senhora, é aquele que ampara, que protege o menino ao colo. O Manto tem o significado de proteção. Pode-se constatar que desde a antiguidade, o “manto” representava uma espécie de «extensão» do seu possuidor. Quando alguém precisava de proteção, era costume que o protetor lhe revestisse publicamente com o seu próprio manto.

Acontecia por vezes um manto com insígnias ser «emprestado» a alguém perseguido, e lhe proporcionar o salvo-conduto por todo o Reino. (Disponível em: <http://rezairezairezai.blogspot.pt/2013/10/sob-o-manto-da-virgem-maria-biblia.html>. Acedido em 15 de Dezembro de 2014)

Assim, a nova forma de manto da Igreja de Nossa Senhora do Amparo remete-nos à imagem da sua padroeira que simbolicamente ampara e protege, cobre à sua comunidade, ou seja, envolve toda a Igreja no seu poder materno, adotando todos os seres na sua grandiosidade como Mãe de Deus.



Figura 117 e 118: Imagem de N^a S^a do Amparo (encontra-se no altar da Igreja N^a S^a do Amparo).

A forma do edificado para a cobertura da Igreja de Nossa Senhora do Amparo inspirou-se no manto da imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, padroeira do Pará, Brasil. Estes mantos, são pequenas obras de arte, ornamentadas delicadamente, que cobrem a imagem da Virgem.



Figura 119: Primeiro manto bordado a ouro e pedras preciosas (1953).

Segundo a tradição, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, quando foi encontrada, tinha um manto. Procurou manter-se essa tradição ao longo dos anos e em 1953 foi-lhe colocado um manto bordado a ouro e pedras preciosas, quando se realizou o 6º Congresso Eucarístico Nacional, em Belém, Brasil. Continuou-se a fazer o manto para a imagem da Virgem de Nazaré e em 1992, já existiam 19 mantos feitos. Inicialmente eram confeccionados por irmãos de uma congregação, e mais tarde por vários católicos. Tornou-se de tal maneira importante o manto que atualmente estilistas famosos desenham e confeccionam o manto de N^a S^a de Nazaré, todos os anos.



Figura 120, 121 e 122: Desenho de Manto de Nossa Senhora de Nazaré (Pará, Brasil). De esquerda a direita, manto no ano de 2010, 2011 e 2014.

Esquços e evolução da proposta

Partindo da reflexão do espaço interior, procurou-se a simetria na forma envolvente, tendo como base o conceito do “manto”.

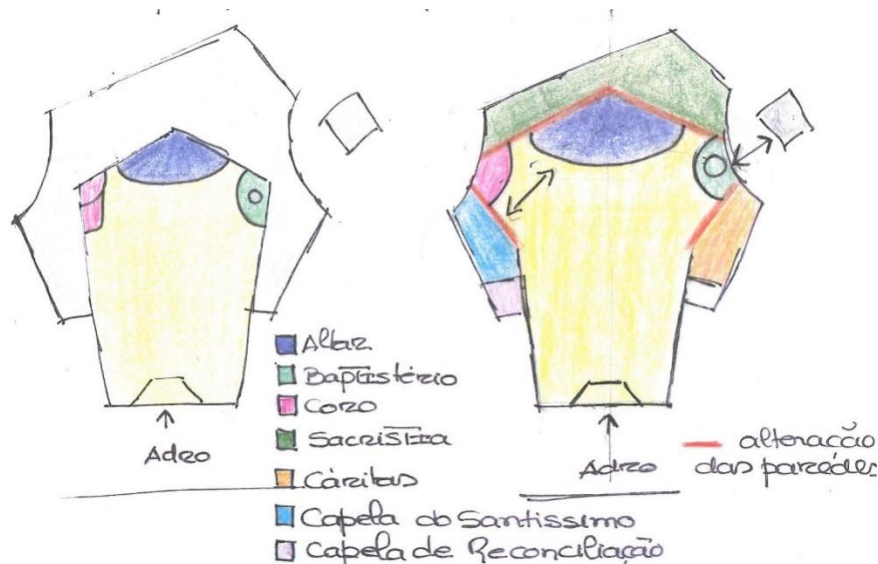


Figura 123: Desenho de estudo do espaço interior.

Neste estudo pode ver-se a ampliação do espaço da nave e outras dependências e suas relações (Fig. 123).

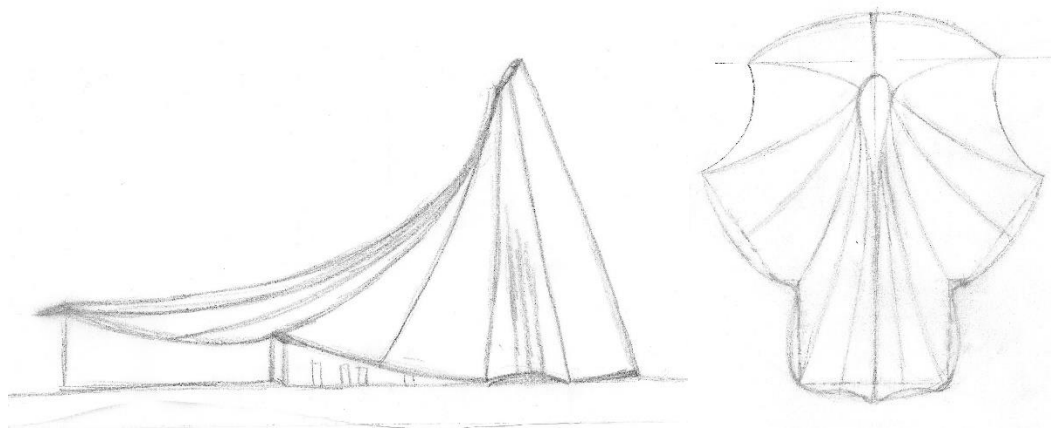


Figura 124 e 125: Desenho de estudo do manto, lateral e cobertura.

No desenho do manto, pode ver-se que este envolve todo o espaço existente procurando acompanhar os seus contornos em planta apoiando-se no chão na zona norte e subindo para sul, até ao topo da parede aí existente (Fig. 124 e 125).

Nos primeiros esboços na elaboração do conceito arquitetónico foram elaboradas maquetas de estudo para comprovar e verificar-se a nova forma de “manto” da cobertura e como podia envolver e se adaptar em planta ao edifício existente. Realizaram-se duas versões (A e B).

Na versão A, o “manto” proposto, tem um embasamento em que a sua altura na zona norte é menor, progredindo na sua envoltória para a zona sul, onde o manto apoia nas paredes existentes, e na zona da entrada principal.

Na versão B, o “manto” proposto, assenta no plano de inserção do edifício na zona sul e na forma curva do lado nascente e poente, começando a elevar-se para a zona sul e apoiando-se nas paredes existentes, zona da entrada principal.

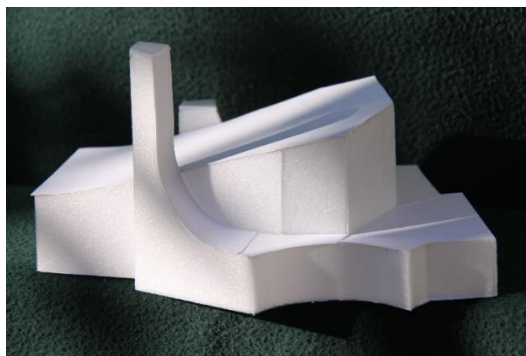


Figura 126: Maqueta de estudo da volumetria da Igreja no seu estado atual.



Figura 127 e 128: De esquerda a direita, maquetas de estudo , versão A e versão B.

Na versão B, a forma da nova cobertura dará origem a que a parede do alçado norte se funda com a própria cobertura, desenvolvendo-se com uma certa inclinação, terminada com uma abertura no topo da mesma fazendo uma entrada de luz. Esta abertura será fechada em vitral.

Caso de estudo

a) FR-EE arquitetos, Igreja N^a S^a de Guadalupe, Miami (2012), Florida, EUA
O concurso para a igreja católica dedicada à Virgem mexicana de Nossa Senhora de Guadalupe, realizado no ano 2012, incorpora outras culturas latino-americanas, através da representação de todas as 27 virgens da América Latina, procurando um espaço com identidade multicultural. O projeto ganhador foi projetado pela firma FR-EE arquitetos. Tem uma forma orgânica ondulada, o que lembra as pregas do manto de Nossa Senhora. Na sua forma vertical tem uma entrada de luz zenital no alto do telhado da capela que se dispersa pelo interior do espaço, projetando no presbitério a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe. À sua volta organizam-se os 27 santuários com as respectivas virgens. A sua forma icônica enfatiza a sua identidade, como espaço ecuménico, na área metropolitana de Miami.



Figura 129 e 130: Da esquerda à direita, estudio FR-EE, duas vistas da nova Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe em Miami (2012), Florida, EUA.



Figura 131: Studio FR-EE, nova Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe em Miami (2012), Florida, EUA.

b) H S Arquitetos, Santuário de Santa Paulina, Brasil (2006)

Igreja projetada pela firma, Herwing Shimizut Arquitetos, para homenagear, a madre Paulina, primeira santa brasileira. Todo o edifício na sua composição procura representar a simplicidade, baseada na sua vida de consagração em que cuidava dos pobres e enfermos. A sua forma de cobertura com linhas ascendentes proporcionam a visualização de um manto que simplesmente cobre toda a construção, abrigando a nave principal e todas as dependências e ainda define todos os acessos. No seu interior, a sua forma e luminosidade transporta o crente à meditação e à espiritualidade. É um projeto pensado na leveza e segurança da construção, com um ambiente integrado à paisagem envolvente e protegido.



Figura 132: HS Arquitetos, Santuário de Santa Paulina em Nova Trento (2006), Santa Catarina, Brasil

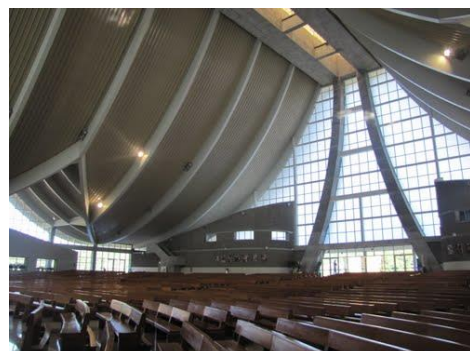


Figura 133 e 134: Da esquerda à direita, HS Arquitetos , duas vistas do interior do Santuário de Santa Paulina em Nova Trento (2006), Santa Catarina, Brasil

Programa da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, Portimão

Com a mudança integral da cobertura, que envolve o edifício e transforma o seu caráter arquitetónico e volumétrico, também realizam-se modificações em planta relativamente ao seu programa. As alterações propostas em planta estão relacionadas com a deslocalização de espaços para outros locais como a casa do padre que poderá ser exterior ao edifício e as salas de catequese que irão funcionar na cave, em que o acesso se processa pelo lado poente da edificação.

Na elaboração do novo programa para a Igreja, este se ajusta à informação do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (VIDA CATÓLICA N^o 9, Doc. 2, 1988, Setembro-Dezembro, pp.448 e 449). Em relação a instalações contíguas temos a sacristia que irá ser ampliada passando a ter as seguintes divisões: uma pequena capela onde se recolhe e paramenta o padre; uma sala para os acólitos, leitores e ministros da comunhão; uma sala de reuniões; uma sala de arranjos florais e velas; um quarto de arrumos; e instalações sanitárias. A sacristia terá uma comunicação direta com a Igreja. O cartório será composto por um gabinete de trabalho para o pároco; uma sala para o serviço de cartório; instalações sanitárias; e uma zona de espera. O cartório vai ter uma comunicação direta com o exterior. A capela do sacrário será deslocalizada assim como a capela de reconciliação, o altar, o batistério e o espaço do coro serão ampliados e a nave terá mais amplitude. O espaço da cave apresentada na planta tem algumas alterações relativamente à realidade atual, especialmente no que diz respeito ao local de acesso, que se realiza pela Rua N^a S^a do Amparo, abaixo da entrada principal da Igreja. A cave terá, então, um novo acesso pelo lado poente e uma organização espacial feita por painéis amovíveis, criando espaços próprios onde se desenvolveram as atividades de catequese, com a presença de um gabinete e uma sala de reuniões, instalações sanitárias e um acesso direto à Igreja.

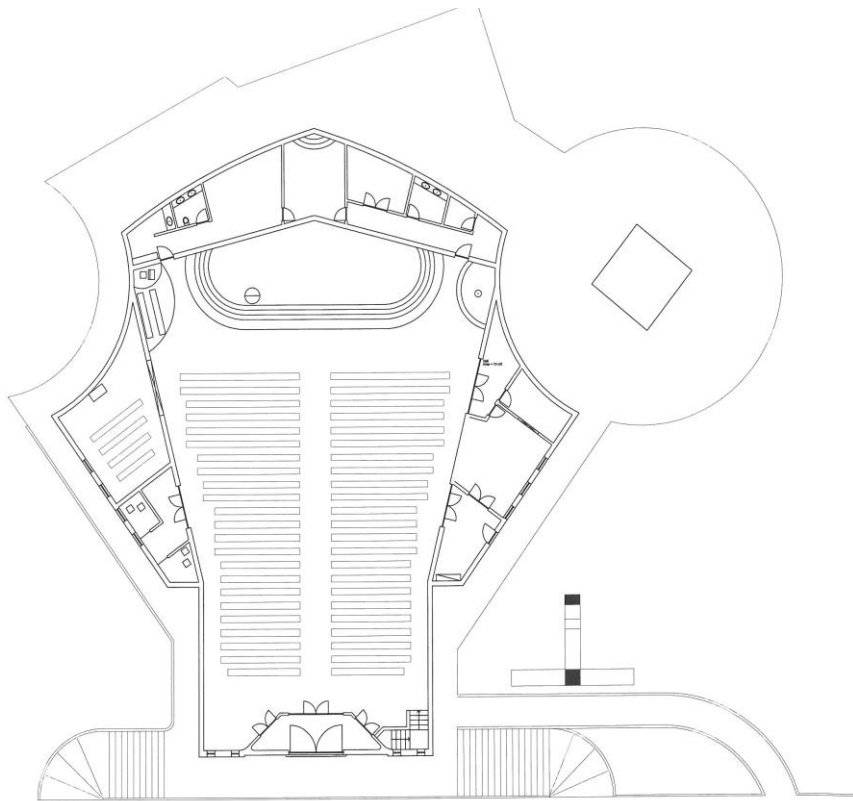


Figura 135: Reabilitação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo.
Nova distribuição em planta, Piso 1, O “Manto”.

No exterior ao edificado religioso, no seu acesso, surgirá um pequeno anfiteatro na sequência do desnivelamento do terreno, em que se cria um espaço lúdico e de inter-relação pessoal. No lado nascente, no jardim, na sequência do alçado anterior aparecerá uma cruz, que por trás terá incorporado o sino com o apoio de uma peça de meio círculo. Será como que a torre sineira e a cruz, transformam-se numa só peça. Desta maneira o chamamento ao cristianismo pelo sino com o seu toque, e esta representado na Cruz.

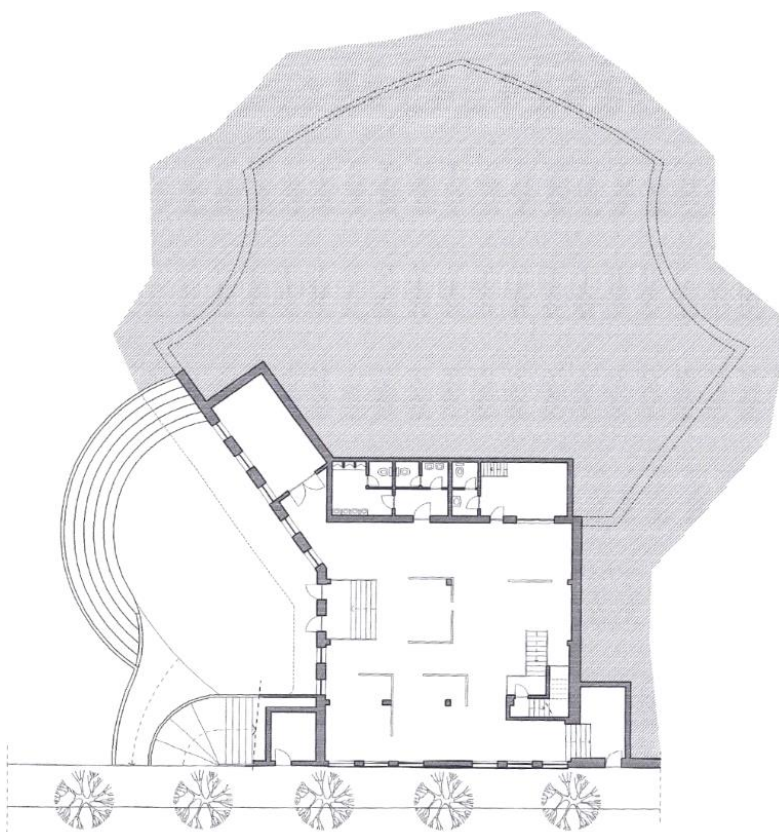


Figura 136: Reabilitação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo.
Nova distribuição em planta, Planta da Cave, O “Manto”.

Desenvolvimento do projeto de reabilitação da Igreja

A forma em planta do edifício altera-se na sua zona norte, ao eliminar os espaços das catequeses e a sacristia, assim como a zona do altar é ampliado em profundidade com o recuo da sua parede. No interior da nave, o espaço do batistério e coro são deslocados lateralmente provocando maior amplitude ao altar e a toda essa zona, pela continuidade da parede que contem os três primeiros vitrais, quebrando a pequena inflexão existente na parede referida. O deslocamento do batistério relaciona-se com a proximidade obtida entre este e a pequena capela de Nossa Senhora do Amparo situada no exterior, que se realçará com a existência de um vitral. É a relação de um edifício centenário, o alicerce, com a pia batismal, que faz nascer o homem novo através do sacramento ai vivido, o batismo.

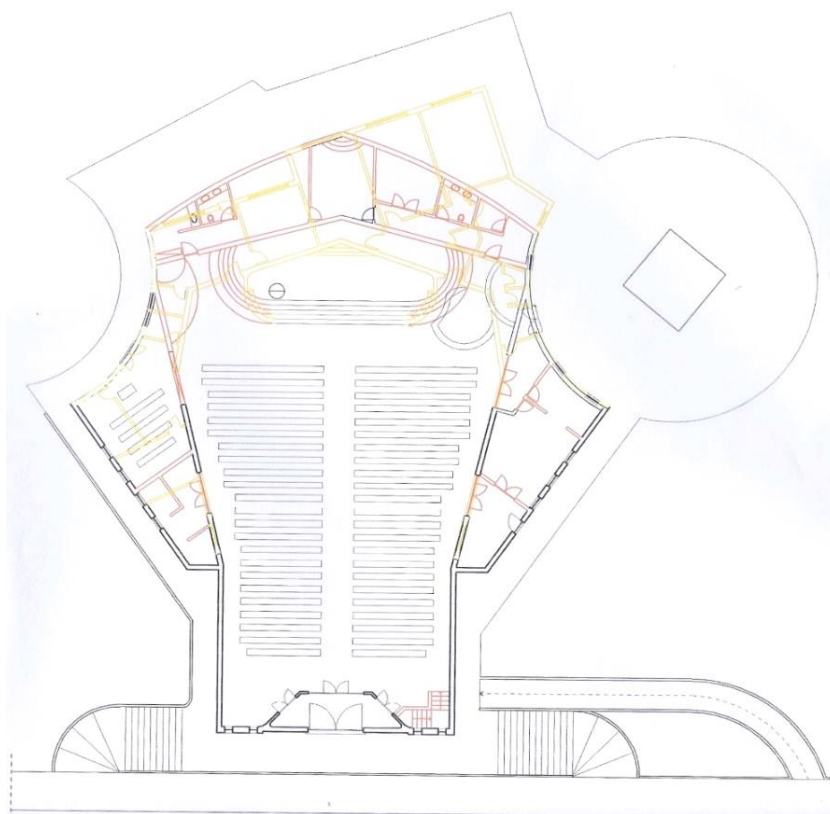


Figura 137: Planta de amarelos e vermelhos.

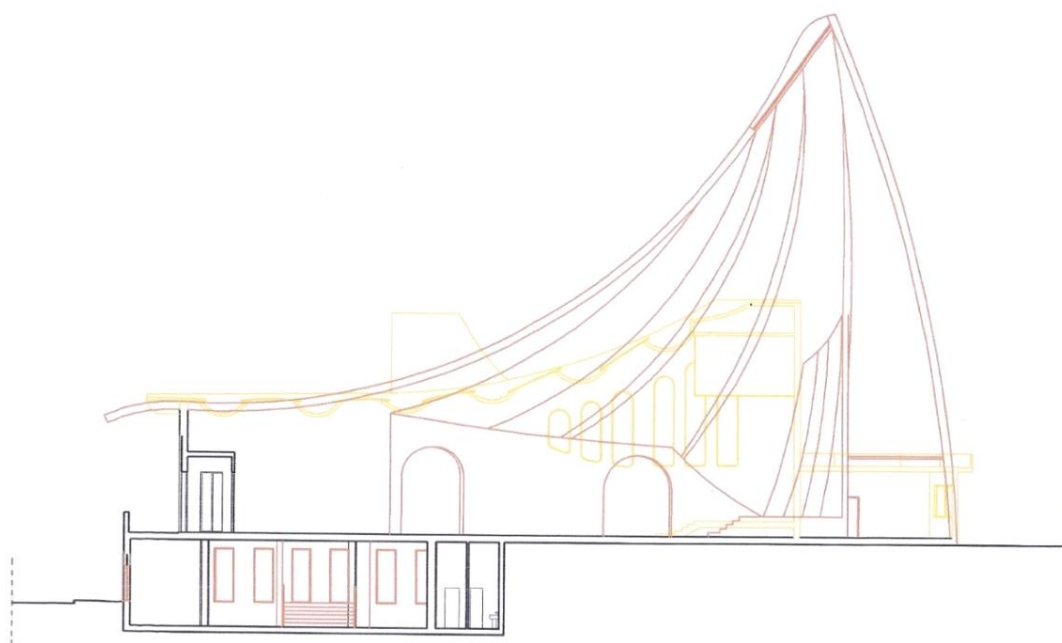


Figura 138: Corte Longitudinal - amarelos e vermelhos.

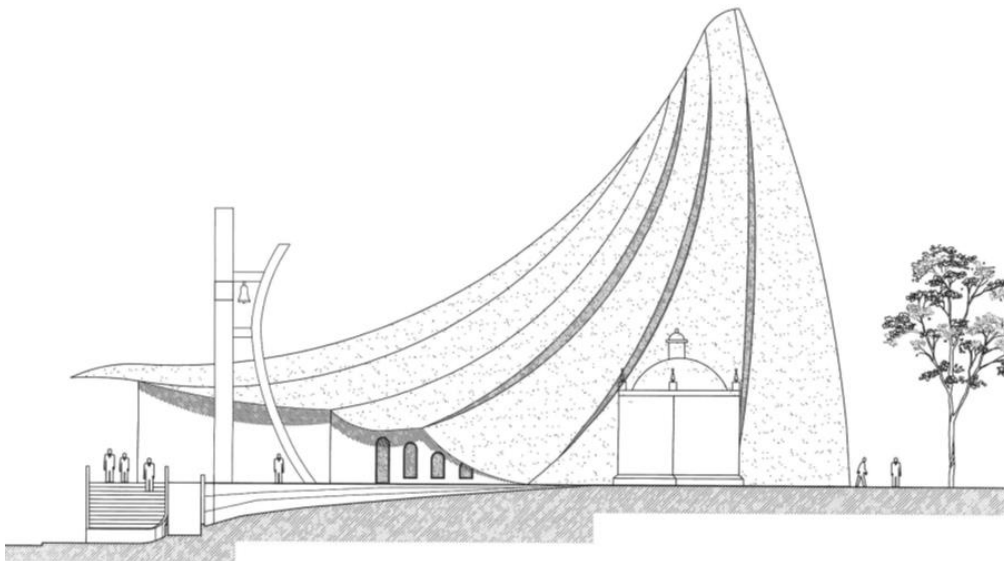


Figura 139: Alçado Nascente.

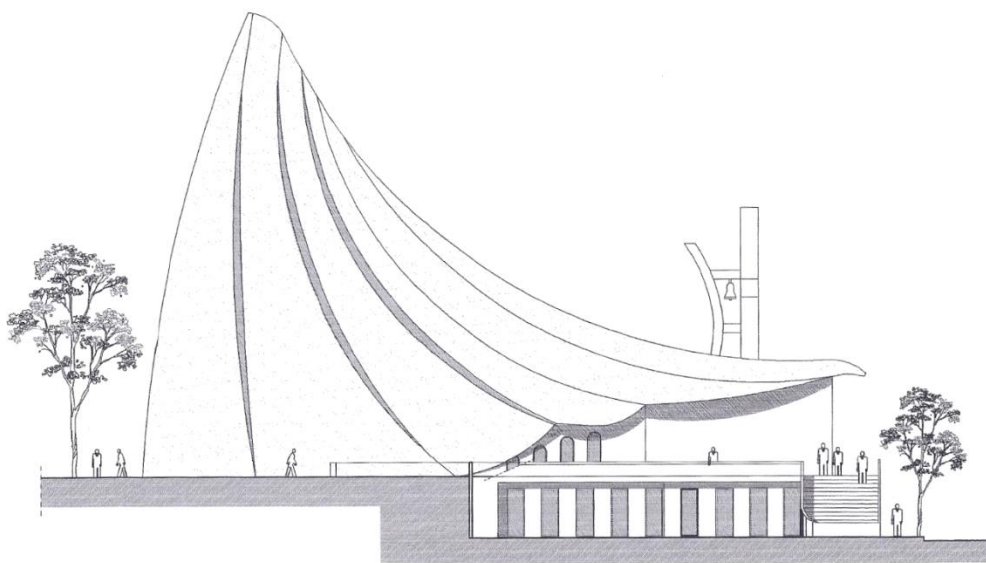


Figura 140: Alçado Poente.

Existirão três vitrais de cada lado do altar no alçado nascente e poente e ainda um no alçado norte, ao longo da cobertura nas zonas de interseção das diferentes paredes que se ligam, que direcionam a iluminação para os espaços litúrgicos principais, assim como proporcionam um ambiente tranquilo de recolhimento.

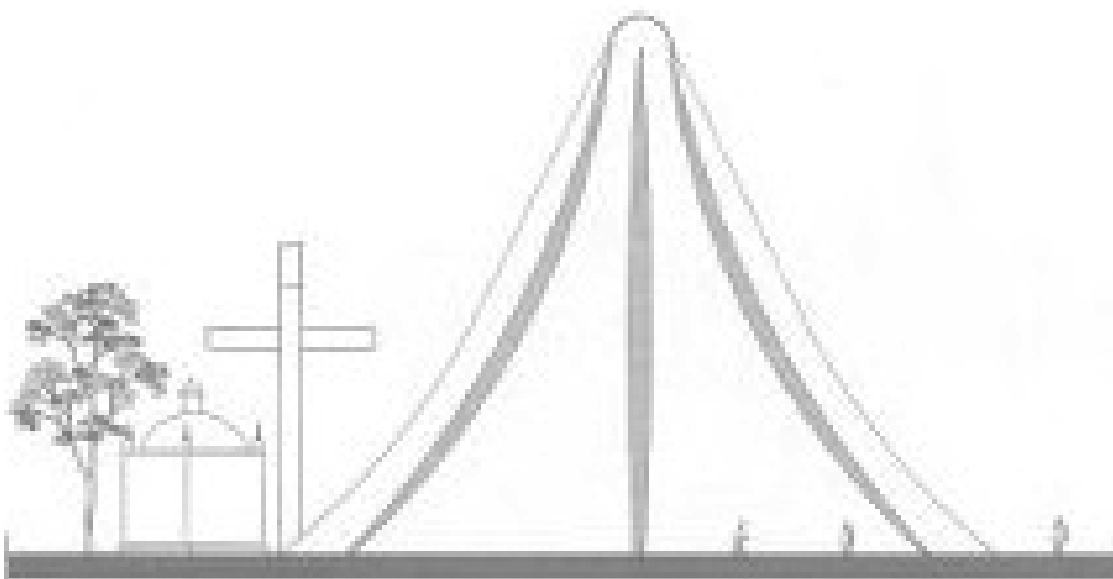


Figura 141: Alçado Norte.

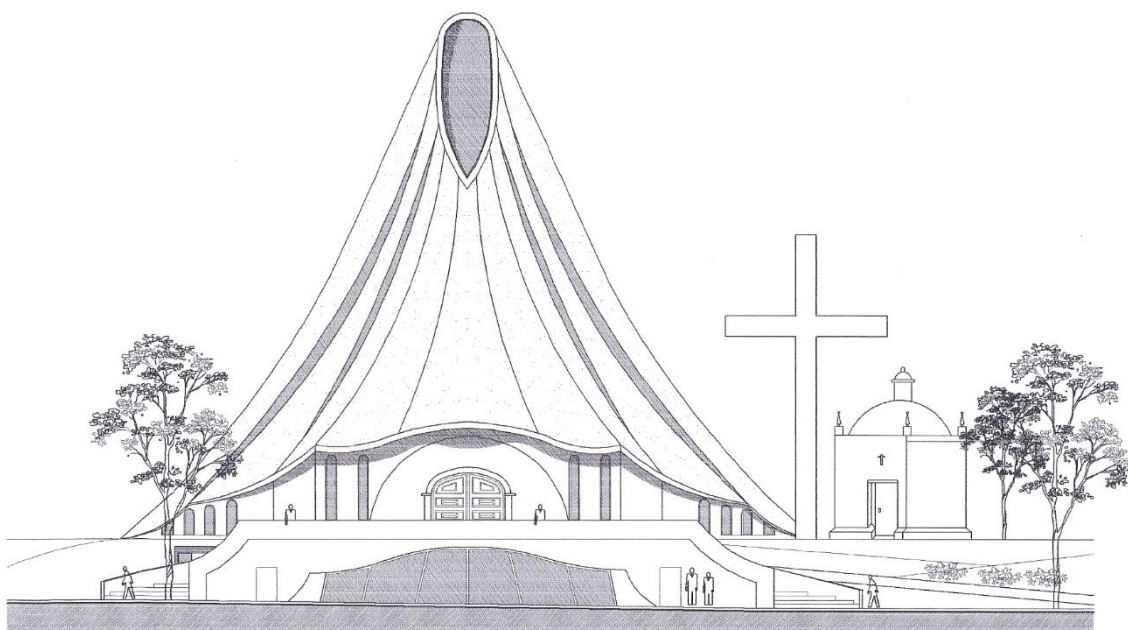


Figura 142: Alçado Sul.

A forma proposta para a cobertura contém as paredes do alçado norte e parte dos alçados poente e nascente, nas suas curvas simétricas e harmonizantes.

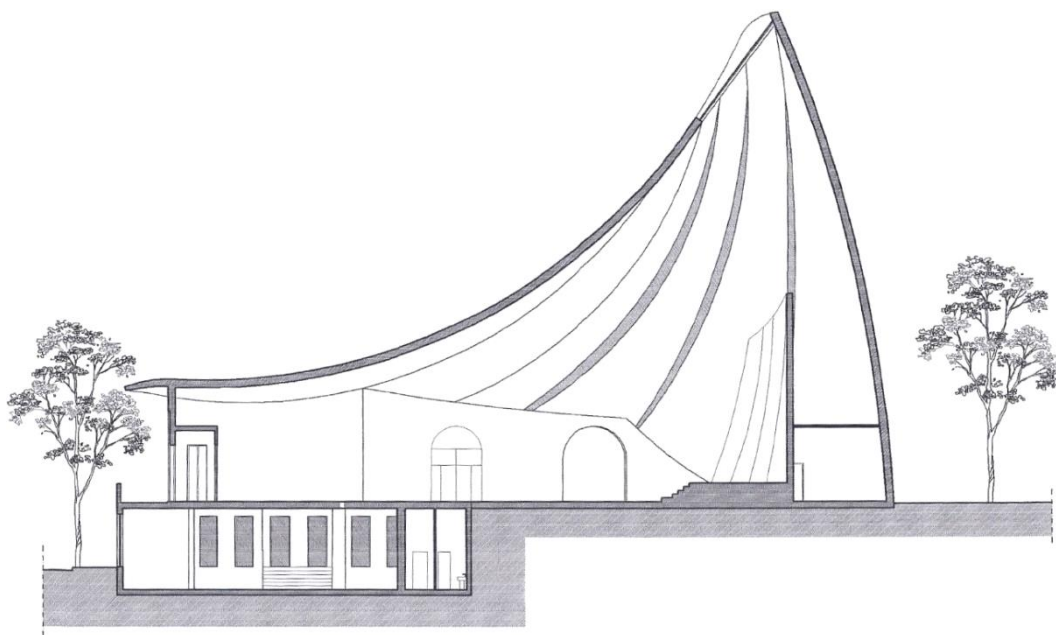


Figura 143: Corte Longitudinal.

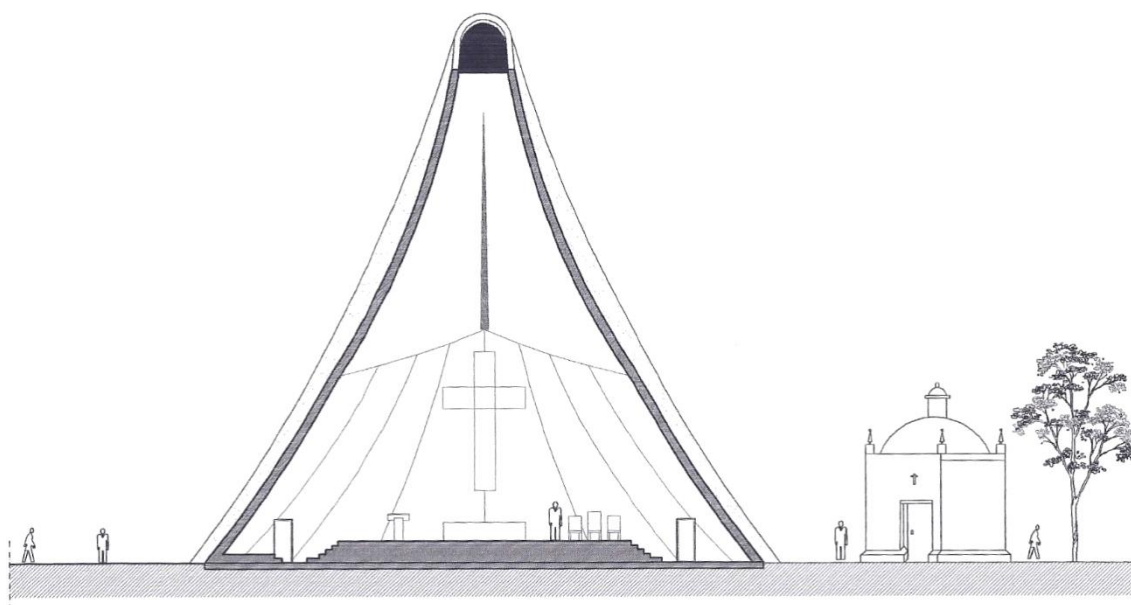


Figura 144: Corte Transversal.

Esta cobertura desenvolve-se com uma certa inclinação sobre o altar, tendo uma abertura no topo da mesma por onde entra luz sobre o centro da nave. Esta abertura será fechada em vitral para poder refletir as cores do mesmo sobre o altar.



Figura 145: Maquete de estudo, Zona Sul e Poente.

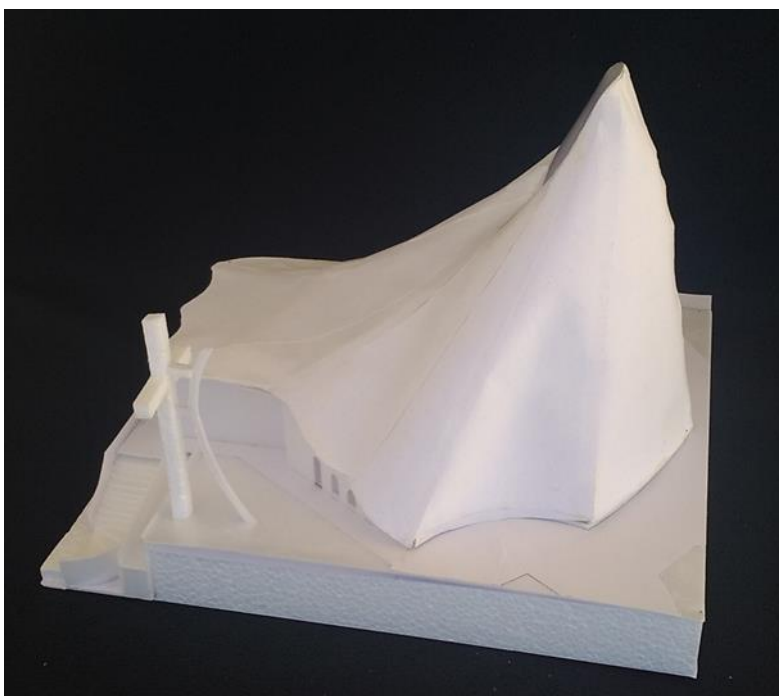


Figura 146: Maquete de estudo, Zona Nascente.

Pormenorização da cobertura

Para o projeto de reabilitação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo proceder-se-á à demolição de algumas paredes do edifício existente, especialmente a zona norte, espaços da catequese e sacristia, parede do altar e laterais a nascente e poente tanto exteriores como parte da nave, para permitir que a cobertura faça o papel de fachada do edifício. Com a nova cobertura melhora-se os aspetos acústicos e térmicos, visto que a existente não proporciona esse conforto, pela sua forma e deficiência dos materiais utilizados na sua construção.

O Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, aconselha que as Igrejas tenham boas condições acústicas. “As leituras, a homilia, a forma dialogada da oração comunitária, exigem as melhores condições de percetibilidade, incompatíveis com ecos ou tempos de reverberação demasiados. Deverá no mínimo, evitar-se o recurso a materiais refletores de som, em simultâneo no pavimento e paredes” (VIDA CATÓLICA n^o 9, 1988, Setembro-Dezembro, pag.447).

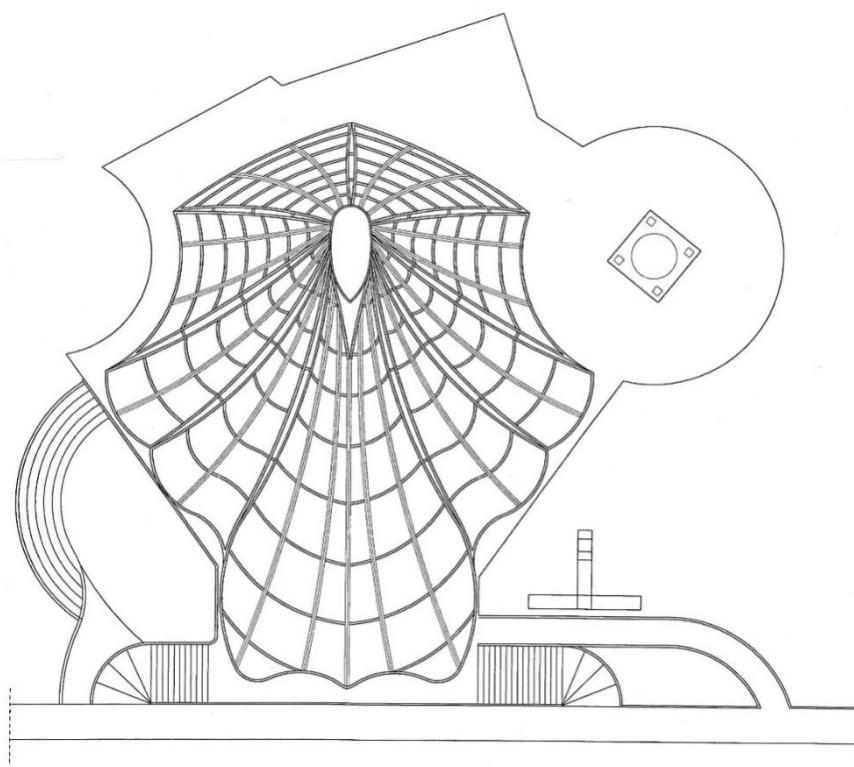


Figura 147: Estrutura em madeira.

Nesta nova proposta de cobertura, as formas apresentadas na sua estrutura de madeira, vêm realçar as curvas do "Manto", já mostrado na sua cobertura exterior. (Fig. 147)

A construção da cobertura será formada por uma estrutura metálica ligeira, que será coberta por um painel OSB e por um isolamento térmico XPS. Finalmente terá uma cobertura em zinco/titâniobilacado branco. Isto porque o Zinco é um material que apresenta características interessantes para a conceção desta cobertura, como: leveza, grande durabilidade, não necessitando de pintura, permitindo formas complicadas e de conservação nula. Interiormente, a partir da estrutura metálica será colocado painéis de lã de rocha e uma estrutura de madeira laminada que tem facilidade em dar forma interior do manto e ao mesmo tempo proporciona o isolamento acústico apropriado para maior inteligibilidade da palavra, como se poderá ver no exemplo do corte.–Esta cobertura resolve o problema térmico acústico e de estanquidade.

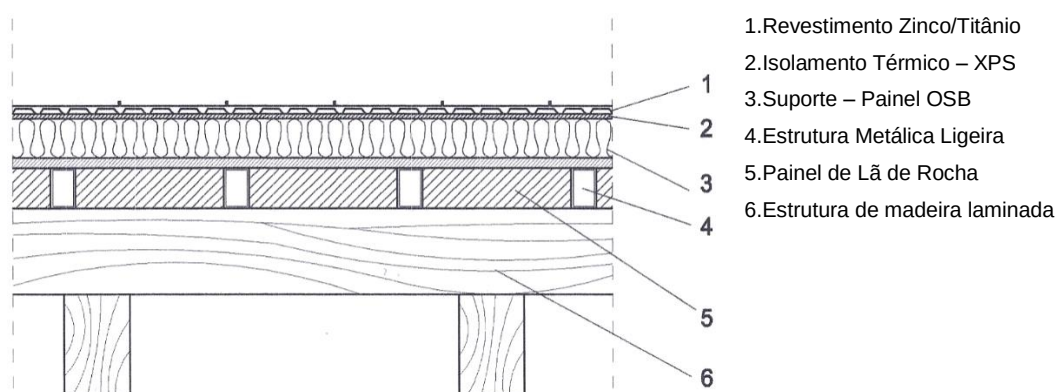


Figura 148: Cobertura inclinada com revestimento final em Zinco.

4.3 – A COBERTURA: REINTERPRETAÇÃO DO ESPAÇO LITÚRGICO.

Para esta segunda proposta de reabilitação da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Portimão propõe-se que o desenho da nova cobertura transforme a atmosfera do espaço litúrgico interior sem modificar a identidade exterior do edifício existente. Assim a nova proposta de reabilitação da cobertura não vem mudar a imagem da identidade da Igreja atual, mas sim mudar a atmosfera interior e o espaço litúrgico procurando uma vivência apelativa do transcendente e a partilha do mesmo com o outro.

Conceito

É pela proximidade com o mar e da relação da sua capela com os pescadores que se propõe uma concha invertida para o interior da sua cobertura. Pois que também, nesta forma encontramos um sentido religioso relacionado com o sacramento do Batismo.

Ao não se utilizar o método de imersão de pessoas na água principalmente no caso de crianças, idosos ou doentes, fez com que o batismo passasse a ser feito por meio de aspersão ou da infusão. Assim sendo verte-se a água no batizando, utilizando a palma da mão ou uma concha vieira, cujo formato é semelhante ao da mão em concha. A concha é um elemento de origem aquática, instrumento utilizado no sacramento do batismo que derrama a água purificadora, símbolo do recebimento do Espírito Santo.



Figura 149 e 150: Concha vieira e forma de concha com as mãos.

Esquços e evolução da proposta

Do conceito concha algumas ideias foram surgindo para a conceção da cobertura da igreja, inicialmente o pensamento incidia sobre uma solução exterior, o que por fim optou-se por uma intervenção simbólica mais focada no espaço interior.

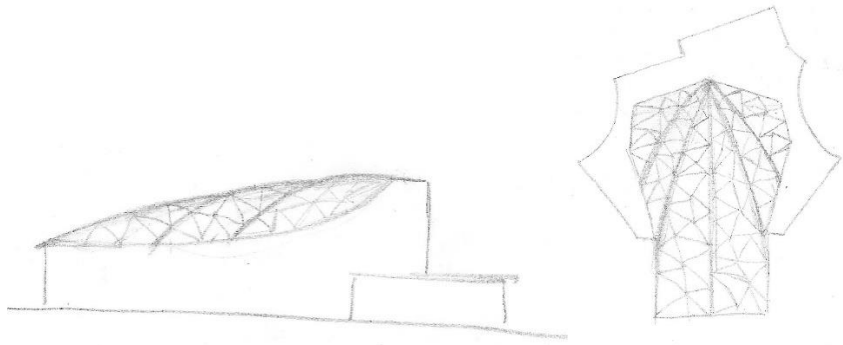


Figura 151: Desenho de estudo da cobertura "Concha" - I.

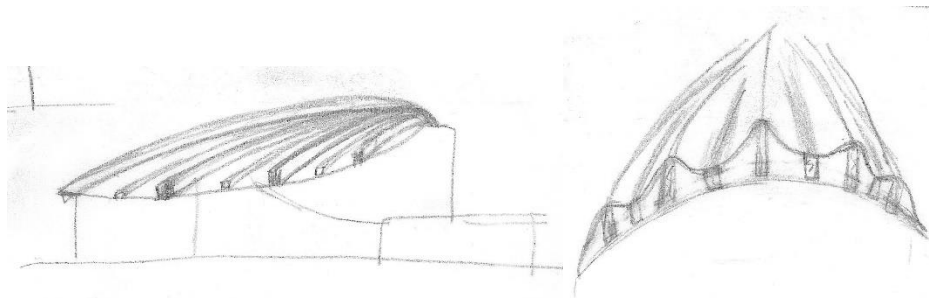


Figura 152: Desenho de estudo da cobertura "Concha" - II.

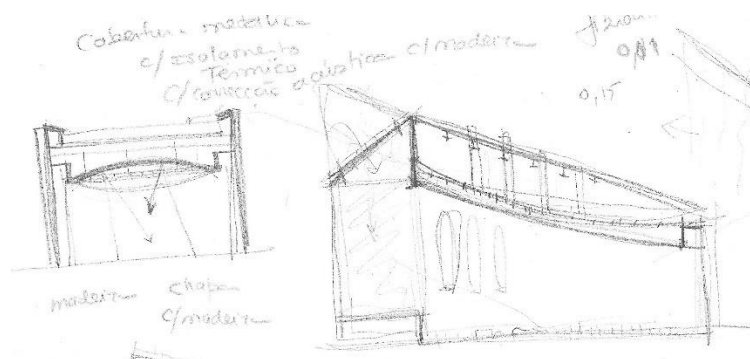


Figura 153: Desenho de estudo da cobertura "Concha" - III.

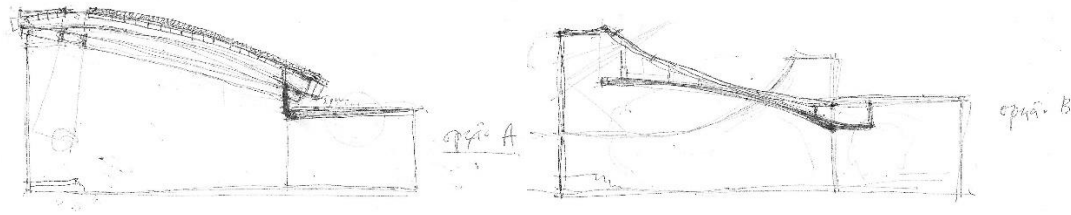


Figura 154: Desenho de estudo da cobertura "Concha"- IV.

Relativamente ao conceito apresentado foram elaboradas maquetes de estudo para comprovar e verificar se a nova forma de "Concha" se adaptava ao novo conceito de cobertura. Realizaram-se duas versões de maquete (A e B). Na versão A, a proposta apresenta a estrutura de uma Concha que se desenvolve por toda a cobertura, tendo uma abertura na zona mais elevada, situando-se por cima do altar. Na versão B, a proposta apresentada tem a mesma estrutura da Concha, mas terminando junto à torre sineira, com a mesma abertura.

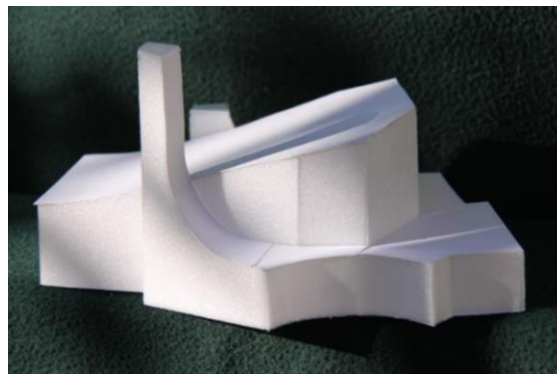


Figura 155: Maquete da Igreja existente.



Figura 156: Maquete de estudo, versão A.



Figura 157: Maquete de estudo, versão B.

Casos de estudo

a) Eladio Dieste, Igreja do Cristo Operário, Uruguiaio (1958)

Igreja de uma elegância e forma excepcional. É monumento nacional e pertence ao património histórico da América. Localizada na cidade de Atlántida, no Uruguiaio, foi construída em 1958. Projetada pelo arquiteto e engenheiro Eladio Dieste, que nas suas obras junta a arquitetura e a engenharia estrutural.

Tem uma forma surpreendente com paredes curvas de tijolo que sustentam a abóbada que cobre a nave principal, pois não há colunas. Não existem janelas, o seu interior é iluminado pela luz natural que entra através dos vidros coloridos nas paredes. É assim criado uma atmosfera mística que convida à contemplação.



Figura 158 e 159: Eladio Dieste, Interior da Igreja do Cristo Operário, Uruguiaio, Atlántida,(1958).



Figura 160 e 161: Eladio Dieste, Igreja do Cristo Operário e seu interior, Uruguiaio, Atlántida, (1958).

b) Renzo Piano, Igreja do Padre Pio Pilgrimage, Italia (1991)

Igreja com forma da concha de um caracol, em San Giovanni Rotondo, Itália. Projetada pelo arquiteto Renzo Piano, iniciando a sua construção no ano de 1991, para homenagear o Padre Pio, inserida na região onde vivia.

Procuraram criar através dos materiais utilizados (pedra local, madeira e vidro), um ambiente acolhedor e simples, mas grandioso, como a personalidade do homenageado. No piso inferior da Igreja encontra-se a sepultura do Padre Pio assim como outras instalações. O interior da Igreja é iluminado pela luz natural que entra pelo vitral no grande arco de pedra, que incide sobre o altar.



Figura 162 e 163: Igreja Padre Pio Pilgrimage e Interior.



Figura 164: Igreja Padre Pio Pilgrimage, San Giovanni Rotondo, Itália.

Programa da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, Portimão

Na sequência da pesquisa efetuada sobre reabilitação, desenvolver-se-á na procura de uma solução referente ao funcionamento do edificado em questão, que, neste caso, opta-se por uma cobertura que se integre com a identidade arquitetónica existente. Relativamente ao programa da proposta de reabilitação anterior “O Manto”, nesta proposta será pautado por algumas diferenças, entre elas nas instalações contíguas continuaram a existir as salas de catequese, como no programa inicial. A sacristia irá ser ampliada passando a ter as seguintes divisões: uma pequena sala onde se recolhe e paramenta o padre, uma sala para os acólitos, leitores e ministros da comunhão, uma sala de reuniões, uma sala de arranjos florais e velas, arrumos, instalações sanitárias e uma comunicação direta com a Igreja. O cartório será composto por um gabinete de trabalho para o pároco, uma sala para o serviço de cartório, instalações sanitárias, uma zona de espera, e contará com uma comunicação para o exterior. A capela do sacrário será ampliada, ocupando todo o espaço referente àquilo que foi a casa do padre e a capela da reconciliação manter-se-á no mesmo local e o espaço da nave não será alterado.

Este programa se ajusta à informação do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado. (VIDA CATÓLICA Nº 9, Doc. 2, 1988, Setembro-Dezembro, pp.448 e 449).

[illegible]

Figura 165: Nova distribuição em planta Igreja N^a S^a do Ampao, Piso 1, A "Concha".

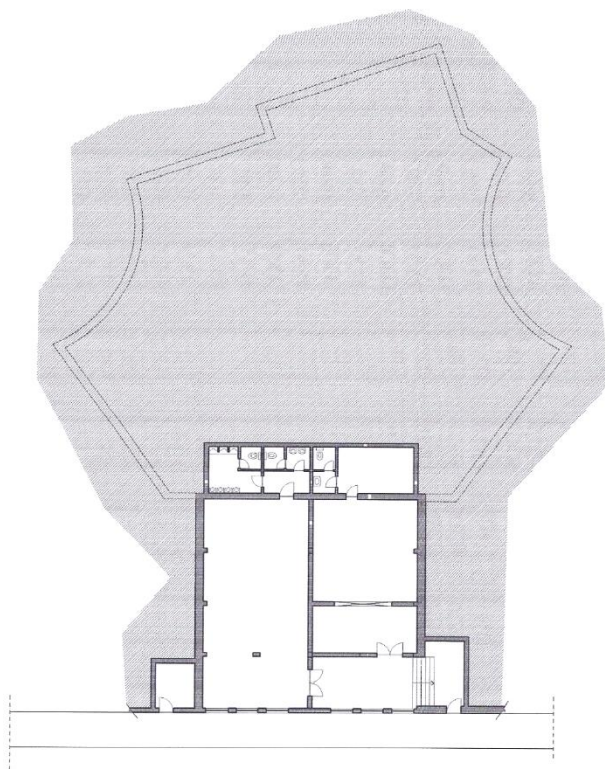


Figura 166: Nova distribuição em planta Igreja Nª Sª do Amparo, Planta Cave, “A Concha”.

Como foi referido na proposta de reabilitação “O Manto”, e pelos mesmos motivos, propõe-se uma nova cobertura. Dos estudos feitos será proposta uma nova cobertura acompanhando a inclinação existente, mais alto na zona do altar e descendo para a entrada do edifício. Será construída em placas metálicas com isolamento térmico.

Interiormente desenvolve-se a partir da zona da entrada para o altar uma estrutura em madeira com a forma de uma concha vieira, em que nos seus intervalos será aplicado material acústico. Por cima do altar, no terminar da Concha, haverá cinco pontos, para entrada de luz natural.

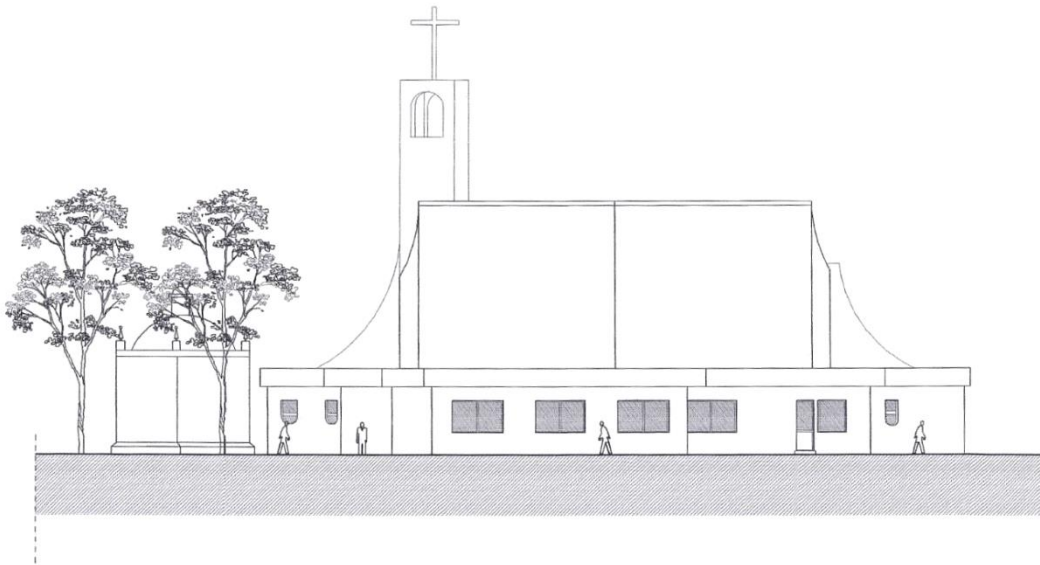


Figura 167: Alçado Norte.

O Alçado Norte, na sua proposta original tinha uma entrada de luz na cobertura junto ao altar. Na evolução e execução do projeto a cobertura ficou direita e desapareceu a entrada de luz zenital (Fig.167).

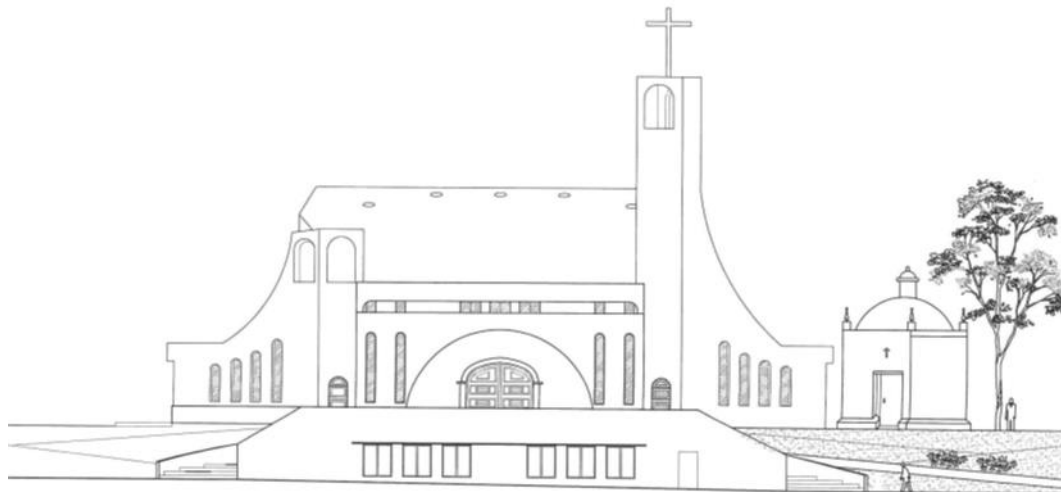


Figura 168: Alçado Sul.

O projeto apresenta um alçado assimétrico. A entrada da nave produz-se num patamar elevado para isolar o espaço público de acesso do nível da rua. A nova cobertura apresenta as entradas de luz zenital. Na torre menor o acesso à nova capela (Fig. 168).

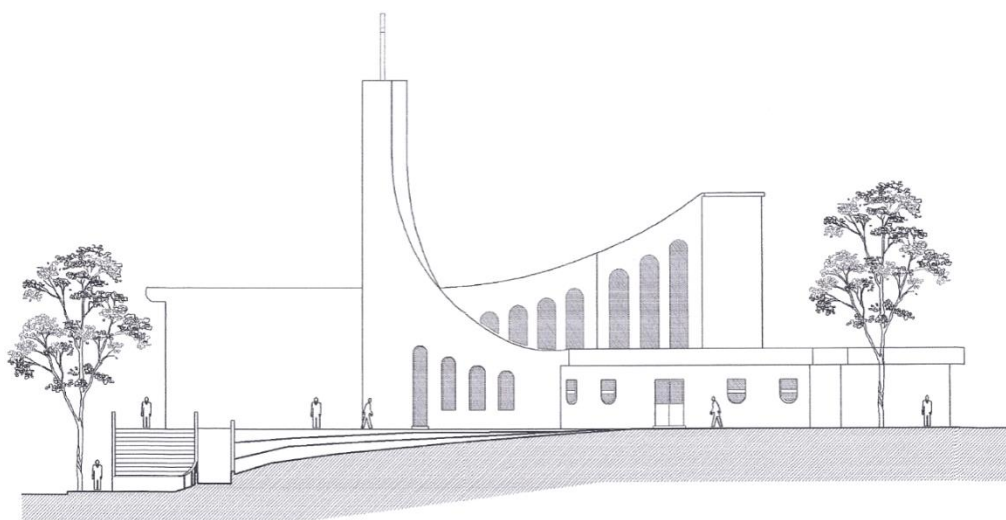


Figura 169: Alçado Nascente.

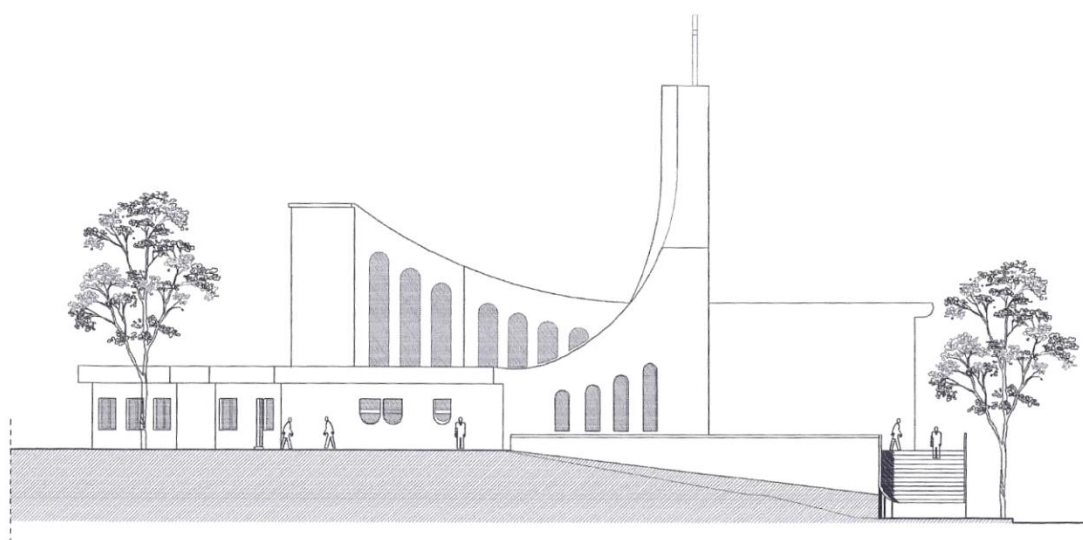


Figura 170: Alçado Poente.

O Alçado Poente e Nascente mostra-nos uma volumetria do edificado, onde a cobertura ascendente é acompanhada por grandes vitrais verticais. Nos dois alçados mostra-se a vontade do edifício de reforçar as suas linhas curvas e superfícies côncavas (Fig.169 e Fig.170).

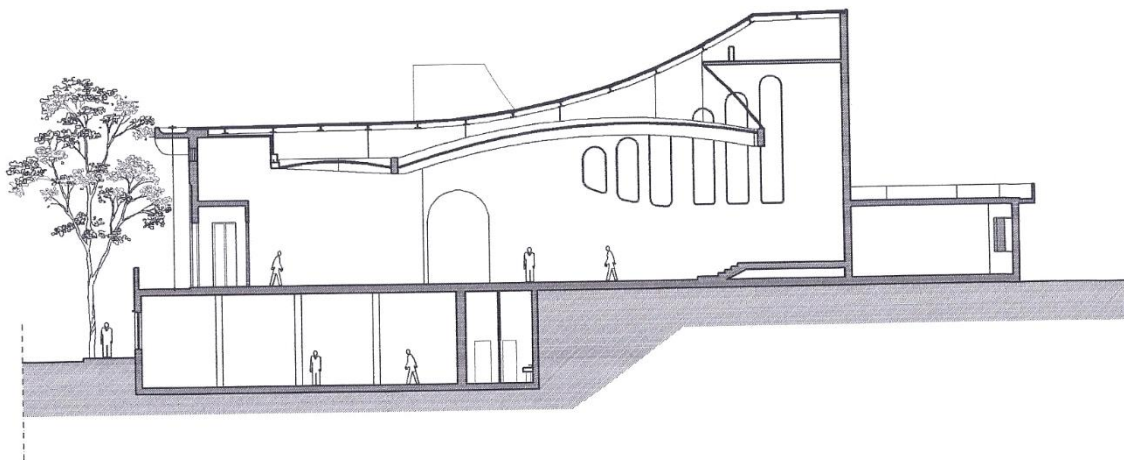


Figura 171: Corte Transversal.

No perfil do edifício podemos ver como a cobertura da cave cria um átrio elevado de entrada ao edifício. No interior a altura progressiva ascendente da cobertura enfatiza o lugar do altar. A concha suspensa no teto harmoniza o espaço da nave (Fig. 171)

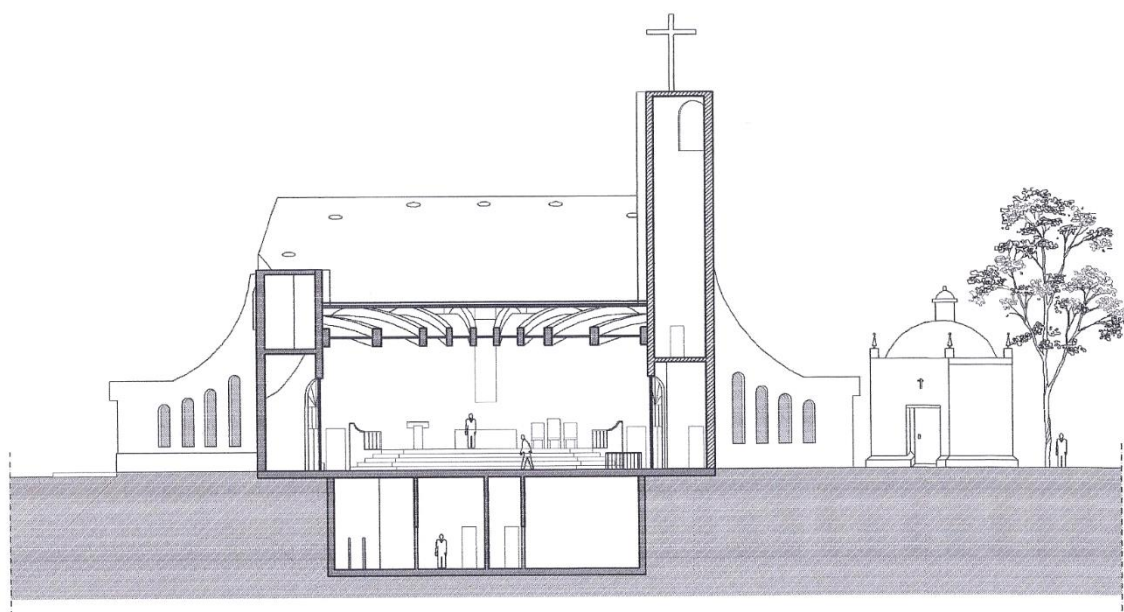


Figura 172: Corte Longitudinal.

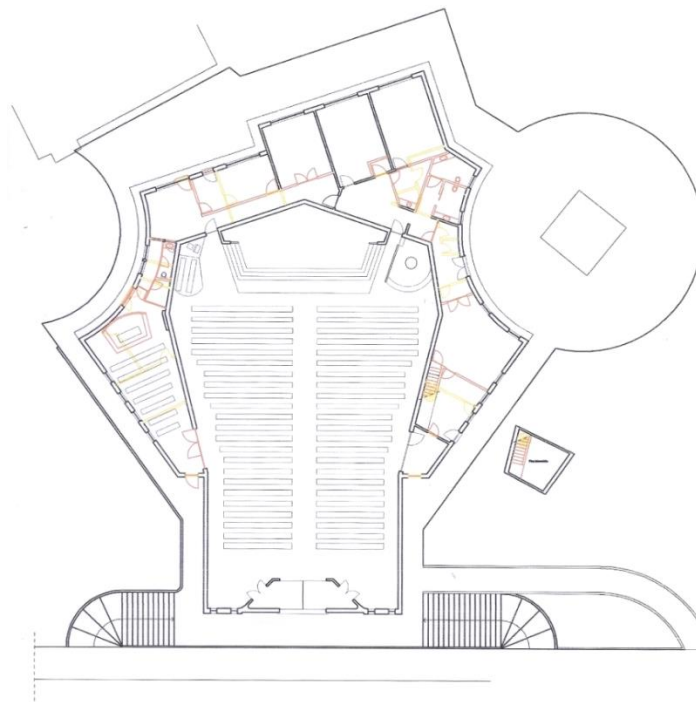


Figura 173: Planta do Piso 1 – Amarelos e Vermelhos.

Na sobreposição das plantas, existente e da nova proposta mostram a ampliação da sacristia e cartório, novas instalações sanitárias e o aparecimento de uma nova capela mais ampla, a Capela do Santíssimo (Fig.173).



Figura 174: Alçado Sul – Amarelos e Vermelhos.

Na nova proposta, no alçado Sul, acima da entrada principal surgem aberturas de ventilação assim como as janelas do piso -1 são ampliadas. Nas torres laterais são introduzidas uma janela e uma porta, esta dá acesso à nova capela (Fig. 174).



Figura 175: Maquete de estudo, zona Sul e Poente.

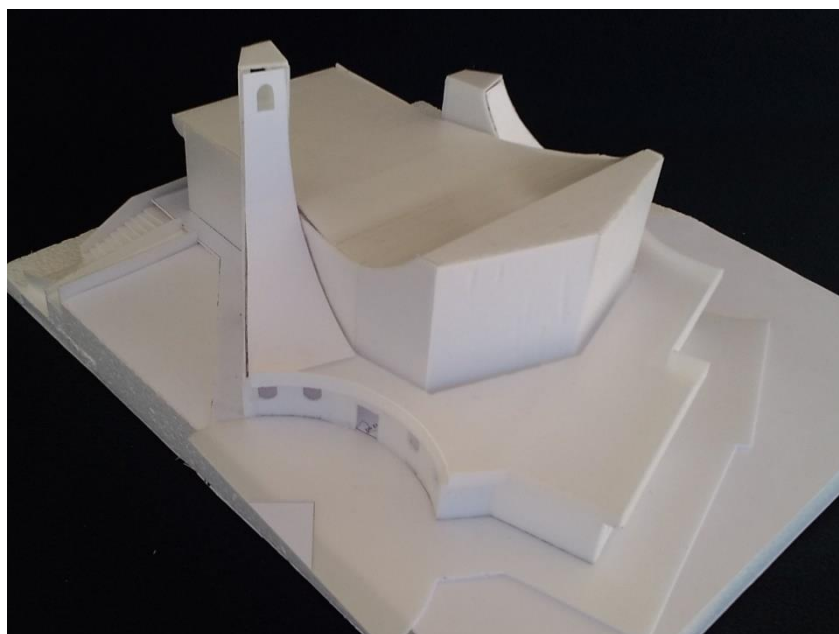


Figura 176: Maquete de estudo, zona Norte e Nascente.

Pormenorização da cobertura.

Com a nova cobertura melhora-se os aspetos acústicos e térmicos, visto que a existente não proporciona esse conforto, pela sua forma e deficiência dos materiais utilizados na sua construção.

Assim, nesta segunda opção de reabilitação da Igreja de N^a S^a do Amparo, na nova proposta de cobertura, será removido a estrutura em cascas existente, para dar lugar a uma nova cobertura que acompanha exteriormente a forma da nave, subindo em altura da zona Sul para a zona Norte, junto ao altar. As paredes envolventes da nave serão alteradas em altura para proporcionar, aberturas de ventilação no alçado Sul. Esta cobertura, na zona Norte, terá cinco pontos de entrada de luz natural, que se posicionará por cima do espaço do altar, batistério e coro. A luz será captada por um difusor discreto no teto (Fig.177 e 178), levando-a através de um túnele espalhando-a de forma suave e tranquila, reforçando os aspetos da atmosfera mística de estes espaços.



Figura 177: Sky Tunnel , visualização da sua colocação.



Figura 178: Sky Tunnel, aplicação na cobertura.

A construção da cobertura será formada por uma estrutura metálica ligeira, que será coberta por telhas tipo sandwich, termoacústicas, com preenchimento de lã de rocha e pintura bilacado branco. Interiormente, a partir da estrutura metálica, e suspensa à mesma, desenvolver-se-á a estrutura de uma concha em madeira laminada e painéis de material acústico. Esta concha desenvolve-se a partir da entrada da Igreja para o altar.

A conceção construtiva da concha, no interior da Igreja, teve como referência a cobertura em madeira do espaço de lazer do Centro Comercial de Iguatemi, na Fortaleza, Brasil. Este projecto elaborado pela firma La Guarda LowArchitects, no ano de 2013, que apresenta uma cobertura com lâminas finas em madeira laminada colada que podem ser curvadas em duas direcções. Com esta técnica, consegue-se vencer grandes vãos internos, e ainda permite ter a leveza e esbeltez que só a madeira poderia proporcionar.

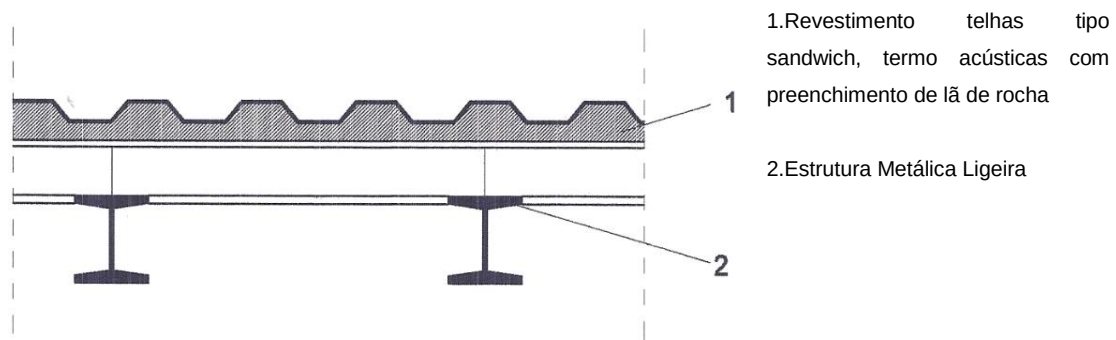


Figura 179: Pormenor da cobertura – Corte Longitudinal.

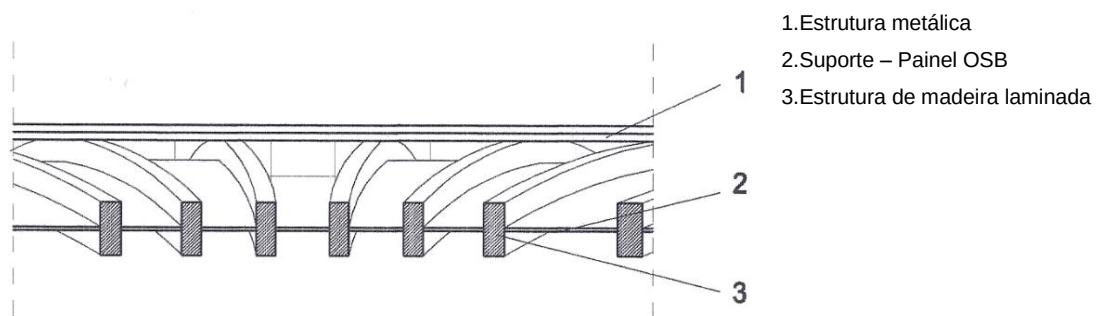


Figura 180: Pormenor da cobertura – “A Concha” Corte Transversal.

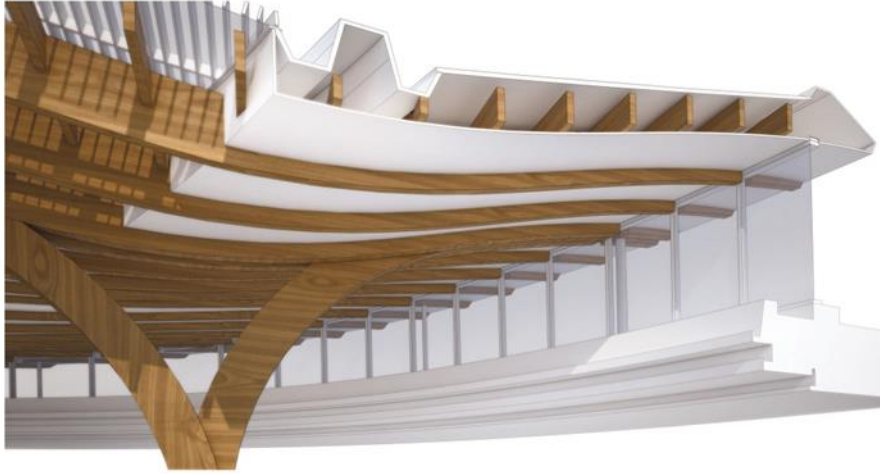


Figura 181: Cobertura em madeira do Centro Comercial Iguatemi, Fortaleza, _La Guarda LowArchitects, (2013).

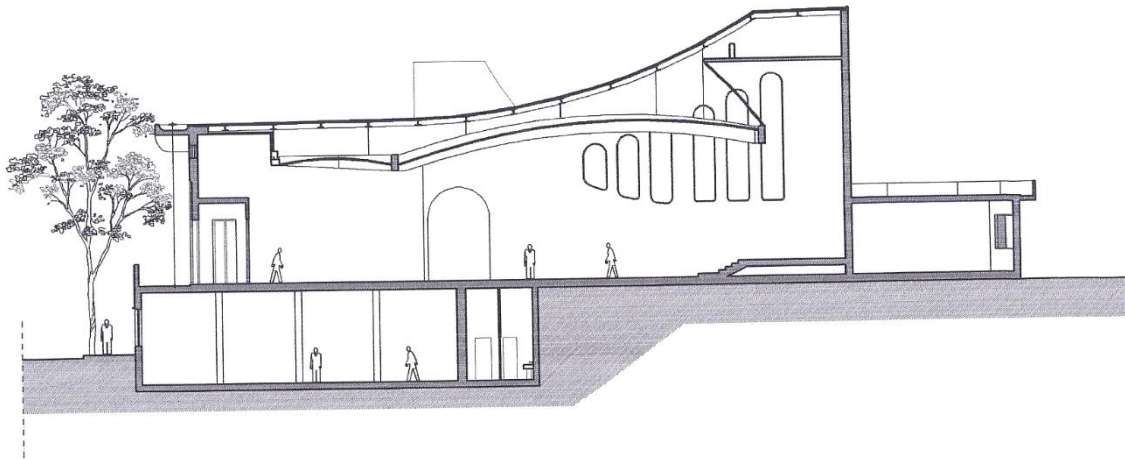


Figura 182: Corte Transversal da concha suspensa na cobertura.

No perfil do edifício podemos apreciar no seu interior o desenvolvimento de uma cobertura suspensa em forma de Concha nos seus aspetos construtivos (Fig. 182), como em planta (Fig.183)

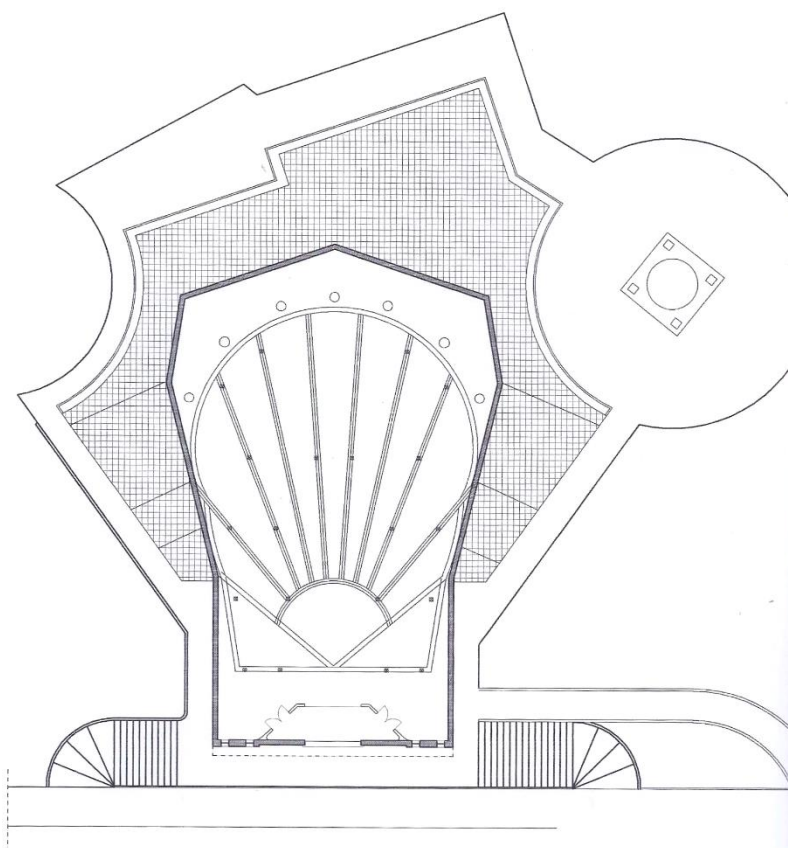


Figura 183: Planta da estrutura da Concha.



Figura 184: Maqueta da Cobertura, vista interior da concha.

4.4 – REFLEXÃO ENTRE DOIS CONCEITOS DE REABILITAÇÃO

Nas duas propostas de reabilitação da Igreja de N^a S^a do Amparo a cobertura tem um papel central como base na reabilitação do edificado religioso, sendo o seu objetivo nas duas propostas:

- Reorganizar o espaço interior e suas instalações anexas.
- Procurar no interior uma melhoria a nível espacial, acústico e térmico.
- Repensar o espaço arquitetónico interior, com um novo conceito de nave, de iluminação, de experimentação da atmosfera litúrgica dentro de um novo conceito espacial e uma nova materialização.

Na primeira proposta de reabilitação, dentro do conceito do “Manto”, a pesquisa e trabalho desenvolvido para uma melhor solução de utilização do espaço existente e da sua relação com o espaço envolvente, leva-nos a questionar se a nova intervenção é uma reabilitação? Pois que o projeto foi levado ao limite na sua forma relativamente à cobertura que vai envolver o espaço existente provocando uma leitura de identidade do edificado completamente diferente ao edifício original, excetuando o seu traçado em planta. Na realidade a nova forma da cobertura vem dar mais visibilidade ao edificado religioso situado no meio de prédios e num local um pouco camuflado por árvores. A Igreja reabilitada transforma-se num ponto de referência naquela zona da cidade onde prolifera a edificação em altura, tendo em atenção que as Igrejas sempre foram um ponto de referência visual nos centros urbanos. Apesar da transformação integral arquitetónica da primeira proposta, onde o “Manto” dá um novo carácter simbólico e arquitetónico ao edificado, interiormente mantém-se o espírito para que foi edificada inicialmente, com uma melhor organização espacial e funcional.

Na segunda proposta de reabilitação dentro do conceito da “Concha”, a nova cobertura mantém a imagem original exterior do edificado religioso, na procura de preservar a identidade histórica do lugar, no entanto o interior da nave e os anexos serão reorganizados proporcionando uma melhor funcionalidade e em especial, trazer uma nova vivência e outra atmosfera interior do espaço litúrgico.

Em toda a reabilitação existem várias tipologias/escalas de intervenção, dependendo dos seus objetivos tais como: Reduzir (1.Destruição);Manter (2.Preservação e 3. Conservação); Restaurar (4.Restauro);Melhorar (5. Reabilitação); Substituir (6.Reconstrução e 7.Demolição).

A primeira proposta de reabilitação, dentro do conceito do “Manto”, se adequa ao objetivo de intervenção de “Substituir”, que nos leva à “Reconstrução” do edificado. “Reconstrução/Renovação” pode ser identificada por dois tipos de abordagem: a abordagem passiva, designada por reconstrução e a abordagem ativa, designada por novo edifício. Pelo exposto estamos na presença de uma Reconstrução/Renovação numa abordagem ativa e parcial porque só alteramos uma parte do edificado⁵.

Esta reconstrução refere-se a grande parte do edificado, em que se faz a substituição integral de toda a cobertura, obtendo uma nova imagem do mesmo, no caso da primeira proposta de reabilitação da Igreja. Na segunda proposta de reabilitação, dentro do conceito da “Concha”, a tipologia de reabilitação se adequa ao ponto Reabilitação / Melhorar, em que se procura combinar todas as tipologias e escalas de intervenção, mantendo as pré-existências o mais possível, substituindo e adicionando apenas o necessário. Esta é uma intervenção menos transformadora, em que se trabalha a partir do interior do espaço, renovando, adaptando, num convite de permanecer e fazer a descoberta do transcendente.

⁵ Aula teórica dada pelo Professora, Arquiteta Isabel Valverde, na cadeira de Reabilitação de Edifícios e Sítios, no ano de 2009/2010, durante o 1º semestre do 1º ano 2º ciclo do Mestardo Integrado de Arquitetura no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes.

4.5 - REFLEXÃO SOBRE A ACÚSTICA NA FORMA ARQUITETÓNICA

Na Igreja, a Palavra e a Música são de grande relevância, para o desenvolvimento da liturgia na assembleia reunida. O volume de um espaço, as formas geométricas existentes no seu interior assim como as áreas de absorção, vão influenciar a qualidade acústica. No quadro a seguir podemos ver a dispersão do som conforme a forma geométrica da superfície, convexa, plana ou côncava que este encontra (Fig. 185).

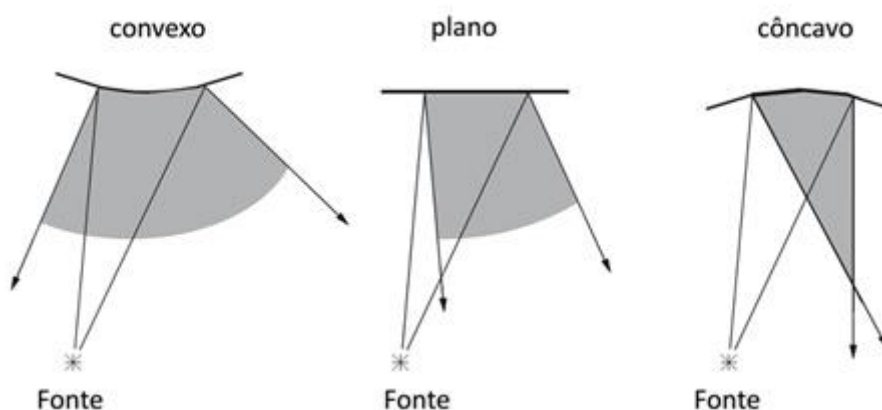


Figura 185: Reflexão do som nas diferentes superfícies.

Refletindo sobre a forma da cobertura e materiais utilizados no espaço religioso, o autor T. Silva, na sua dissertação de Mestrado *Guião da Acústica de Igrejas em Portugal* (2008), afirma que nas primeiras igrejas cristãs, os tetos eram baixos, de madeira, em que a abside tinha uma estrutura abobadada. A madeira favorecia bastante a difusão sonora conferindo uma boa qualidade acústica interior. Já na época medieval, estas coberturas de madeira eram suscetíveis de incêndios que destruíram os tetos. Optou-se então por tetos em pedra abobadados, que alterou negativamente o comportamento acústico das igrejas, especialmente na inteligibilidade da Palavra Falada. No entanto tinha um bom comportamento relativamente aos cânticos Gregorianos, pelo elevado tempo de reverberação, em que proporcionava uma sensação auditiva harmoniosa. Com as catedrais góticas, as condições acústicas pioraram com a elevada altura da nave principal, com muita reflexão, pelas grandes paredes e excesso de reverberação e ecos, pelas abóbadas. No entanto alguns elementos

como as capelas laterais e os vitrais minoravam os efeitos negativos absorvendo e difundindo o som. (SILVA, 2008, p. 8)

As Ordens Religiosas criadas no século XIII, vieram interferir na acústica das igrejas, pela importância dada à liturgia e aos sermões, assim limitaram a altura da nave e ainda o modelo de nave única, em que seria mais fácil para a comunidade ver e ouvir o padre. Mais tarde, no séc. XVI, com o movimento da Contra-Reforma, em que foi valorizado o sermão assim como a inteligibilidade da palavra e a música, melhorou a preocupação com a acústica na construção das igrejas, que eram de nave única com teto em madeira, indicado para o discurso e onde acontecia uma melhor difusão do som, e ainda capelas laterais e coro abobadados, que contribuíam para um melhor audição da palavra e da música. Sendo que a igreja barroca representa o auge em questões acústicas, pela sua excessiva ornamentação, com grandes tapeçarias e retábulos em madeira, acontecendo assim uma grande absorção sonora e consequentemente diminuindo o tempo de reverberação, para uma melhor entendimento da palavra. (SILVA, 2008, p. 9)

Por fim com o Concílio Vaticano II, a Liturgia e a música passam a ser proclamadas em vernáculo assim como outras inovações acontecem no culto religioso implicando novas preocupações do ambiente acústico nas igrejas. (SILVA, 2008, pp. 9 e 10).

“Na conceção do espaço da igreja deverá cuidar-se atentamente das boas condições acústicas. As leituras, a homilia, a forma dialogada da oração comunitária, exigem as melhores condições de percetibilidade, incompatíveis com ecos ou tempos de reverberação demasiados.

Deverá, no mínimo, evitar-se o recurso a materiais refletores de som, em simultâneo no pavimento e paredes.

Em igrejas de maior dimensão, um sistema de amplificação sonora será imprescindível, devendo ser objeto de estudo especializado.” (Orgão Oficial do Patriarcado, 1988, p.447).

Na Igreja de Nossa Senhora do Amparo em Portimão, verifica-se a não existência de uma boa acústica, pois que há dificuldade na audição da Palavra falada em vários pontos do espaço da nave, além do eco produzido. Assim, relativamente à forma, na atualidade encontramos a parede do altar reta e a cobertura da nave distribui-se por elementos convexos alternados com elementos planos, além de que o material utilizado, na cobertura é o betão, e no interior da igreja, o chão e o lambrim estão revestidos de pedra, que não ajudam na absorção do som. Na zona da assembleia o som refletido é muito disperso (Fig.186).

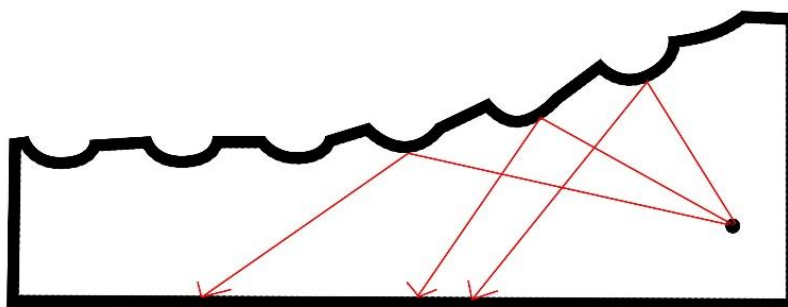


Figura 186: Reflexão do som na igreja N^a S^a do Amparo no seu estado atual.

Já na primeira proposta de reabilitação da Igreja dentro do conceito do “Manto”, a parede do altar é côncava e a cobertura é convexa na zona da assembleia. O material utilizado para a cobertura, chão e lambrim é madeira. Assim apesar de ter um som refletido disperso este tem a capacidade de chegar até à entrada do espaço religioso (Fig.187).

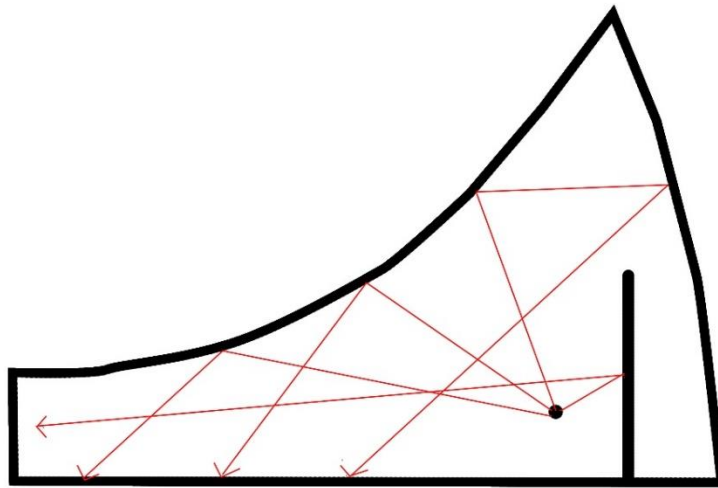


Figura 187: Reflexão do som, na proposta 1, "O Manto".

Na segunda proposta de reabilitação da Igreja, dentro do conceito da "Concha", a parede do altar é reta e a cobertura na zona da assembleia é côncava. Os materiais usados na cobertura é a madeira e acústicos assim como o chão e lambrim em madeira. O som refletido é convergente na assembleia proporcionando melhor audição da palavra.

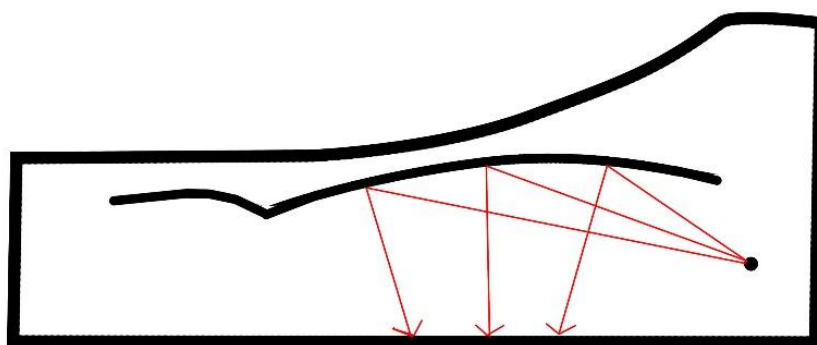


Figura 188: Reflexão do som, na proposta 2, "A Concha".

Além do que foi referido sobre a forma, a altura do espaço em estudo é também de ter em atenção. O autor A. Morgado no seu livro *Estudo Acústico de Igrejas Portuguesas Através de Parâmetros Subjetivos* (1996) afirma que

acaraterística arquitetónica que mais intervém na inteligibilidade da palavra é a altura da nave (MORGADO,1996, p. 135). Assim como também é importante o relevo das superfícies de uma sala,que interferem com a difusão sonora no espaço. O autor Bistafa no seu estudo “Difusão sonora em salas: Paradigmas do passado e estado da arte” (n.d.), refere que a difusão sonora é considerada uma caraterística essencial da qualidade acústica de salas de concerto. (BISTAFA, (n.d.), p.98).

Para melhor qualidade acústica é essencial o tratamento de difusão do som, que tem como objetivo, concentrar a pressão sonora, fazendo-a mais densa e suavizada, e ter assim os tempos de reverberação mais curtos. A reflexão difusa consegue-se evitando que exista espaçamento entre o som direto e a reflexão especular. O tratamento da difusão do som, consegue-se com superfícies com relevo para a absorção do som e para a sua difusão. Aquilo que se pretende é cortar tempos de reverberação (TR) de igual ou menos de 2,0 s, como por exemplo, as salas de concerto da Beethovenhalle, Bonn (1959) com TR 1,7 s e a W. Disney Hall, em Los Angeles (2003) com TR 2,0 s. (BISTAFA, (n.d.), p.128)

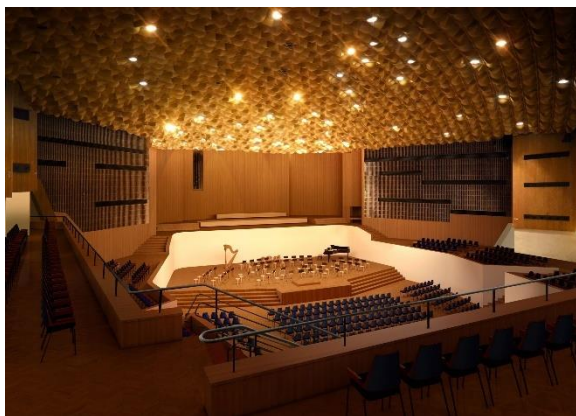


Figura 189: Beethovenhalle, Bonn (1959).



Figura 190: W. Disney Hall, LA (2003).

Ainda na procura de uma melhor resolução acústica, podemos refletir sobre as leis que abrangem e regulam a qualidade acústica dos edifícios religiosos. A Legislação é originária de um processo que constrói, a partir de uma sucessão de atos, fatos e decisões políticas, económicas e sociais, um conjunto

de leis com valor jurídico, para assegurar estabilidade governamental e segurança jurídica às relações sociais entre cidadãos, instituições e empresas. Na Legislação sobre acústica podemos encontrar a seguinte referência:

“ A prevenção do ruído e o controlo da poluição sonora visando a salvaguarda da saúde humana e o bem-estar das populações constitui tarefa fundamental do Estado, nos termos da Constituição da República Portuguesa e da Lei de Bases do Ambiente.” (Decreto-Lei n.º 9/2007 de 17 de Janeiro)

Através da legislação Portuguesa em acústica, pode-se ter uma melhor perceção dos princípios do funcionamento do licenciamento relativamente às questões relacionadas com a temática da acústica assim como os valores padrão dos índices de ruído especialmente sobre auditórios e salas.—Os Decretos-Lei e artigos sobre esta problemática vêm orientar no âmbito de o melhor caminho a seguir para a reabilitação de uma preexistência de um espaço religioso, direccionado para a inteligibilidade da palavra falada. Estes Decretos-lei são os seguintes: o *Decreto-Lei n.º 9/2007 de 17 de Janeiro* que regula os princípios do funcionamento do licenciamento; a *Declaração de Retificação n.º 18/2007* que incorpora uma pequena alteração do Decreto-Lei 9/2007; o *Decreto-Lei n.º 278/2007 de 1 de Agosto*, que também incorpora uma pequena alteração do Decreto-Lei 9/2007; o *Decreto-Lei n.º 96/2008 de 9 de Junho* que define os valores padrão dos índices de ruído.

.

CONCLUSÃO

A Igreja existente de N^a S^a do Amparo em Portimão, objeto de investigação nesta tese de dissertação, esta composta por uma grande nave em forma de sala assembleia, tipo salão, que foi construída no ano de 1984-1990, permitindo o desenvolvimento da liturgia. Este espaço litúrgico apresenta algumas carências e as duas propostas de reabilitação do edificado religioso vão dar resposta à melhoria dos requerimentos de uso a nível funcional, da atividade litúrgica e da atmosfera espiritual da Igreja. Tanto uma proposta como a outra, melhora os aspetos de identidade religiosa e simbologia do espaço interior. Tanto num caso como no outro, há uma melhora substancial dos aspetos formais que nos leva a uma leitura do espaço desde o seu carácter simbólico.

Na primeira proposta de reabilitação da igreja, nela que se introduz o conceito do “Manto”, tanto a forma interior como exterior são alteradas. O papel do desenho da nova cobertura altera completamente a imagem do edifício, pois a cobertura e as paredes se fundem criando uma forma espacial única, um Manto.

Na segunda proposta de reabilitação da igreja, o interior é alterado modificando o carácter simbólico-religioso da cobertura, no entanto exteriormente a nova cobertura não modifica a volumetria da igreja existente e conserva-se a identidade arquitetónica do edifício religioso.

A simbologia que aparece nos aspetos formais do projeto de reabilitação nas duas propostas é uma simbologia cristã com uma leitura muito direta para a comunidade religiosa. O Manto simboliza a proteção aos crentes e a Concha simboliza o batismo, iniciação cristã que abre as portas aos novos crentes. Ligado à simbologia estão os materiais construtivos e de revestimento utilizados, tanto no primeiro como no segundo projeto de reabilitação, o revestimento de madeira do interior da igreja, nos trás mais conforto acústico. Na primeira proposta do “Manto” a cobertura de madeira vai ter um papel protagonista. Na segunda proposta da “Concha”, a nova cobertura pendurada de madeira e painéis acústicos estabelecerá um diálogo e contraste com as paredes brancas do interior da igreja.

O projeto de reabilitação que tem como objetivo a reorganização do espaço interior de um edifício religioso, a melhoria a nível espacial, acústico e térmico e o repensar do espaço arquitetónico interior, com um novo conceito de nave, de iluminação, e de experimentação da atmosfera litúrgica dentro de um novo conceito espacial e uma nova materialização, parte na primeira proposta do “Manto”, numa reabilitação integral, em que o projeto foi levado ao limite na sua forma relativamente à cobertura que vai envolver o espaço existente provocando uma leitura de identidade do edificado completamente diferente ao seu origem arquitetónico. Na segunda proposta da “Concha”, na procura de preservar a identidade histórica do lugar, a reabilitação concentra-se maioritariamente na cobertura, mantendo a imagem original exterior do edificado religioso, no entanto trazendo uma nova vivência e outra atmosfera interior do espaço litúrgico.

Nas duas propostas o papel da iluminação é fundamental para dar força aos aspetos formais e simbólicos da cobertura como também da atmosfera litúrgica do espaço interior. Na primeira proposta do “Manto”, ao longo da cobertura existirão três vitrais de cada lado do altar no alçado Nascente e Poente e ainda um no alçado Norte, que direcionam a iluminação para os espaços litúrgicos principais, assim como proporcionam um ambiente tranquilo e de recolhimento. Na segunda proposta da “Concha”, além dos vitrais laterais já existentes, haverá também cinco pontos de entrada de luz natural, que se posicionará por cima do espaço do altar, batistério e coro, espalhando uma luz suave e tranquila, evidenciando estes espaços pela sua importância litúrgica.

Do ponto de vista simbólico as duas propostas proporcionam um espaço litúrgico e sagrado apto para a reunião e celebração do memorial cristão. Depois de uma reflexão comparativa dos aspetos acústicos referente à melhor transmissão da Palavra Sagrada verifica-se que as duas propostas são válidas, tanto pela sua forma como pelos materiais utilizados, que vão contribuir para um melhor conforto de vivência do espaço e da experiência acústica. No entanto a segunda proposta da “Concha” reúne mais condições para um melhor desempenho acústico, tendo mais planos refletos e pela forma côncava da concha, sobre a assembleia..

No aspeto programático as duas propostas de reabilitação da igreja melhoram o programa funcional. Segundo o proposto pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, (VIDA CATÓLICA N^o 9, Doc. 2, 1988, Setembro-Dezembro, pp.448 e 449), a organização espacial da primeira proposta de reabilitação do “Manto”, os espaços litúrgicos são ampliados assim como a sacristia, e o cartório. A zona de catequeses também se amplia e desloca-se para a cave. Na segunda proposta de reabilitação da “Concha”, o único espaço litúrgico a ser alterado é a capela do Santíssimo e a zona de apoio, que são reorganizadas para melhor desempenho das suas funções.

As duas propostas de reabilitação são válidas, por cumprir as duas com os objetivos da presente dissertação, referente aos aspetos funcionais e programáticos, acústicos e térmicos, simbólicos e litúrgicos. No entanto, sendo esta Igreja da ordem Jesuíta e a sua filosofia baseada nos princípios de simplicidade e economia, a segunda proposta da “Concha” se adapta melhor a estes requisitos, por ser um projeto que mantém o aspeto exterior mais modesto sem reclamar a atenção mas ao mesmo tempo com um papel importante no espaço público urbano.

BIBLIOGRAFIA

(Anônimo, 1976), “A influência da liturgia na arquitetura cristã”. Em Separata de Liturgia e Vida. Rio de Janeiro. (Disponível em: http://arquiteturaeliturgia.blogspot.de/2007/07/influncia-da-liturgia-na-arquitetura_15.html. Acesso a 25 Junho de 2014)

(Anônimo, 2003), “O Espaço no Tempo Litúrgico”. Em *Revista de Liturgia*. São Paulo, (n. 176, Mar/Abril).

(Anônimo, 2003), A reforma litúrgica do Concílio vaticano II. Em Y. BUYST e J. A. SILVA (Org.), (2003). *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. Col. Livros básicos de teologia v.9. São Paulo: Paulinas.

(Anônimo, 2004), “Um espaço para as celebrações da comunidade”. Em Y. BUYST e M.J. FRANCISCO (Org.), (2004). *O mistério celebrado: memória e compromisso II*. Col. São Paulo: Paulinas. (Livros básicos de teologia v.10)

(Anônimo, 2004), “Celebrar é preciso”. Em Y. BUYST e M. J. FRANCISCO (Org.), (2004). *O mistério celebrado: memória e compromisso II*. Col. Livros básicos de teologia v.10. São Paulo: Paulinas.

AKKACH, S. (2005), *Cosmology and architecture in pre-modern Islam: an architectural reading of mystical ideas*. Albany: State University of New York Press.

ANSON, P.F., e LASSUS, J. (n.d.), “A igreja através dos tempos”. Em Jornal digital *A Relíquia* – Informativo dos Antiquários, Leiloeiros e Colecionadores. Rio de Janeiro/ S. Paulo. (Disponível em: www.eclesia.com.br/biblioteca/historia/algreja-atraves-dos-tempos. Acesso em 19 de Abril de 2014).

Arco Editorial Ltda, (2014). *La Guarda Low, Carpinteria e Moretti Interholz: Cobertura do Shopping Iguatemi, Fortaleza*. Ceará, Brasil. (Disponível em: <http://arcoweb.com.br/noticias/arquitetura/guarda-low-carpinteria-moretti-interholz-cobertura-shopping-iguatemi-fortaleza>. Acesso em 20 de Novembro de 2014).

ARCOWEB. (2013), *Santuário de Santa Paulina*, H S Arquitetos. Santa Catarina (Disponível em: <http://archtendencias.com.br/arquitetura/santuario-de-santa-paulina-hs-arquitetos#.VW4x5BvbLIV>. Acesso em 2 de janeiro de 2015).

BAROBIO, D. (Org.), (1990), *A celebração na igreja*. São Paulo: Loyola.

BARREIROS, A. (2012), *Arquitetura Renascentista*. Lisboa. (Disponível em: <http://pt.slideshare.net/ccosta62/arquitectura-renascentista>. Acesso em 4 de Maio de 2014).

BARREIROS, A. (2012), *Arquitetura Românica*. Lisboa. (Disponível em: <http://pt.slideshare.net/abaj/arquitetura-romnica>. Acesso em 15 de Junho de 2014).

BAZIN, G. (1992), *História da arte da pré-história aos nossos dias*. Venda Nova: Bertrand Editora

BECKHÄUSER, A. (2004), *Introdução geral sobre o Missal Romano*. Petrópolis: Vozes.

BISTAFA, S. R., (n.d.), "Difusão sonora em salas: Paradigmas do passado e estado da arte". Em *I Seminário Música Ciência Tecnologia: Acústica musical*. (Disponível em: http://gsd.ime.usp.br/acmus/publi/textos/07_bistafa.pdf. Acesso em 8 de Maio de 2015)

BORONTO, L. E. (2001), “Uma só coisa é necessária a respeito da participação plena na celebração litúrgica”. Em F. J. ARIVALDO SILVA e M. SIVINSKI (Org.), (2001). *Liturgia: um direito do povo*. Petrópolis: Vozes.

BUYST, Y. (2001), *Celebrar com símbolos*. São Paulo: Paulinas.

CARVALHO, A. P. O. (2008), *Acústica ambiental e de edifícios*. FEUP.

CARVALHO, A. P. O. (1994), *Influence of architectural features and styles on various acoustical measures in churches*. Dissertação de Doutoramento, Universidade da Florida, USA. (Disponível em: <https://web.fe.up.pt/~carvalho/apocPHD.pdf>. Acesso em 20 Maio de 2014)

Centro de Documentação e Arquivo Histórico do Museu de Portimão. *Dossier Temático sobre os Bairros Operários*. Portimão

COSTA, L. (1941), “A arquitetura dos Jesuítas no Brasil”. Em *Revista digital do Serviço do Património Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro. (Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3181>. Acesso em 21 de Fevereiro de 2015).

CLAUSEN, M. (1992), *Spiritual space: Thereligious architecture of Pietro Belluschi*. Seattle: University of Washington Press.

Diário da República (2007). *Decreto-Lei nº 9/2007 de 17 de Janeiro*. Lisboa: Casa da Moeda. (1ª série – Nº12)

EVEREST, F. A. (2001), *The master handbook of acoustics*. Estados Unidos. McGraw Hill.

FITZ, L. (2011), *Os casos das igrejas de Eladio Dieste em Atlántida e Durazno*. Dissertação de Mestrado em Teoria, História e Crítica de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. (Disponível em:

<http://www.docomomo.org.br/ivdocomomosul/pdfs/24%20Leonardo%20Fitz.pdf>.
Acesso em 15 Abril de 2015)

FONSECA, J. (2001), “Demos graças a Deus: considerações em torno da liturgia eucarística”. Em F. J. ARIVALDO SILVA e M. SIVINSKI (Org.), (2001). *Liturgia: um direito do povo*. Petrópolis: Vozes.

FRANCISCO, M. J. (Org.), (2004), *O mistério celebrado: memória e compromisso II*. Em Col. Livros básicos de teologia v.10. São Paulo: Paulinas.

GATTI, V. (2001), *Liturgia e arte. Iluoghi della celebrazione*. Bolonha: Grafiche Dehoniane.

GLANCEY, J. (2001), *A história da arquitetura*. São Paulo: Edições Loyola.

GOZZOLLI, M. C. (1978), *Como reconhecer a Arte Gótica*. Lisboa: Edições 70.

HEATHCOTE, E. e SPENS, I. (1997), *Church builders*. Nova York: Academy Editions.

Igreja de Peregrinação do Padre Pio (2004). Itália. (Disponível em: <http://www.arcspace.com/features/renzo-piano-/padre-pio-pilgrimage-church/> . Acesso em 8 de Novembro de 2013)

LENCASTRE, M. (1998), *A inteligibilidade da palavra em igrejas católicas, Através de análises de carácter objetivo e subjetivo*. Dissertação de Mestrado, FEUP. (Disponível em: <http://dited.bn.pt/31595/2580/3103.pdf>. Acesso em 16 Março 2014).

LITWINCZIK, V. (n.d.), *Acústica e arquitetura. Melhor acústica, conhecimento em Acústica*. Florianópolis, Brasil. (Disponível em: <http://melhoracustica.com.br/acustica-e-arquitetura/>. Acesso em 8 de Maio de 2015).

LOWNEY, C. (2006), *Liderança heroica – as melhores práticas de liderança de uma Companhia com mais de 450 anos*. Lisboa: Verbo

LUTZ, G. (1900), *Liturgia ontem e hoje*. São Paulo: Paulus.

MACHADO, R. C. A. (2001), *O local de celebração: arquitetura e liturgia*. São Paulo: Paulinas.

MELO, J. R. (2001), “A participação ativa na liturgia: aspiração da reforma litúrgica do vaticano II”. Em F. J. ARIVALDO SILVA e M. SIVINSKI (Org.), (2001). *Liturgia: um direito do povo*. Petrópolis: Vozes.

MILANI, E. M. (2006), *Arquitetura, luz e liturgia: Um estudo da iluminação nas igrejas*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. (Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/Pesquisa/arquitetura%20luz%20e%20liturgia.pdf>. Acesso em 8 Maio 2013).

MONTEIRO DA COSTA, D. (Padre, Ed.) (2015), *Especial/Jesuítas*. Em ACTOS – Boletim Paroquial, nº 487, Publ. Mensal. Portimão: Fábrica da Igreja da Mexilhoeira Grande.

MONTEIRO DA COSTA, D. (Padre, Ed.) (2015), *Janeiro/2015*. Em ACTOS – Boletim Paroquial, nº 498, Publ. Mensal. Portimão: Fábrica da Igreja da Mexilhoeira Grande.

MORGADO, A. (1996), *Estudo acústico de igrejas portuguesas através de parâmetros subjetivos*. Dissertação de Mestrado, FEUP.

OLIVEIRA, E. AV. (2005), *Teatro como sistema modelizante*. (Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/cos/cultura/teatro.htm#Cenário>. Acesso em: 20 de Novembro de 2005).

OLIVEIRA, L. J. (2005), “Arquitetura e liturgia, o valor do essencial - o exemplo da Igreja do milênio em Roma”. Em *Revista Chiesa Oggi – Arquitetura e comunicazione*. (Disponível

em: <http://arquiteturaeliturgia.blogspot.de/2009/05/arquitetura-e-liturgia-o-valor-do.html>. Acesso em 30 Novembro de 2013)

Órgão Oficial do Patriarcado, (1988), *Vida Católica*. Revista quadrimestral, nº9, Doc.2, Setembro-Dezembro. Lisboa.

ORMNews, (2007). *Diretoria vai leiloar mantos de N^a S^a de Nazaré*. Pará, Brasil. (Disponível em: www.ormnews.com.br/noticia.asp?noticia_id=286616. Acesso em 1 de Janeiro de 2014).

PASTRO, C. (1993), *Arte sacra, o espaço sagrado hoje*. São Paulo: Loyola.

PASTRO, C. (1999), *Guia do espaço sagrado*. São Paulo: Loyola.

----- (2001), *Arte sacra*. São Paulo: Paulinas.

PATETTA, L. (2003), “A Arquitetura da Companhia de Jesus entre o Maneirismo e o Barroco”. Em *Atas do II Congresso Internacional do Barroco*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (Disponível em: ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7549.pdf. Acesso em: 17 de Março de 2014).

RODRIGUES, M.J.M., SOUSA, P.F. e BONIFÁCIO, H.M.P. (2005), *Vocabulário técnico e crítico de arquitetura*. Coimbra: Quimera.

Quatro elementos fundamentais de um espaço litúrgico (2005). (Disponível em: http://www.cnbb.org.br/documento_geral/Ficha08.doc. Acesso em 15 de Maio de 2005).

ROMERO, F. (2012), *Capela Miami*. Flórida (Disponível em: www.archtendencias.com.br/arquitetura/capela-miami-free-florida-eua. Acesso em 20 de Outubro de 2014).

Secretariado Nacional do Apostolado da Oração. (Ed.), (1963), *Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios*, (11^a Edição). Braga: Editorial A.O.

Secretariado da Conferência Episcopal Portuguesa, (Ed.), (1993), *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Secretariado Nacional de Liturgia. (1998), *Enquirido dos Documentos da Reforma Litúrgica*. Fátima: Gráfica de Coimbra Lda.

SCHUBERT, Mons. G. (1978), *Arte para a fé*. Petrópolis: Vozes.

SENDRA, J. J. (1999), *Computational acoustics in architecture*. Universidade de Sevilha, Espanha.

SIERRA, A. A. (2005), *Arquitectura religiosa del mundo*. (Disponível em: <http://www.elcolombiano.terra.com.co/BancoConocimiento/G/g_ranking_feb20/g_ranking_feb20.asp?CodSeccion=113&IDnews=2359>. Acesso em: 21 de Maio de 2005).

SILVA, J. A. (Org.), (2003), O mistério celebrado: memória e compromisso I. Em *Col. Livros básicos de teologia v.9*. São Paulo: Paulinas.

SILVA, J. A. (2003), “O mistério celebrado no primeiro milênio da era cristã”. Em Y. BUYST (Org.), (2003), *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. Col. Livros básicos de teologia v.9. São Paulo: Paulinas.

SILVA, T. E. L. (2008), *Guião da Acústica de Igrejas em Portugal*. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Porto: Universidade do Porto. (Disponível em: <http://paginas.fe.up.pt/~carvalho/teseTelma.pdf>. Acesso em 10 de Maio de 2013).

TEIXEIRA, N. C. (2003), *Comunicação na liturgia*. São Paulo: Paulinas.

WILFRIED, K. (1998), *Dicionário dos Estilos Arquitetónicos*. São Paulo: Martins Fontes.

WILMSEN, K. C. (2001), “O Ambão – Monumentum Paschale: Algumas considerações a respeito do espaço litúrgico atual”. Em J. ARIVALDO SILVA e M. SIVINSKI (Org.), (2001), *Liturgia: um direito do povo*. Petrópolis: Vozes.

INDICE DE PLANTAS PROJETO ARQUITETURA

00.00 – Levantamento Topográfico 1/1000

00.01 – Planta de Implantação 1/200

Pré- Existências

01.01 – Planta do Piso -1 1/100

01.02 – Planta do Piso 1 1/100

01.03 – Planta da Cobertura 1/100

02.01 – Corte AB 1/100

02.02 - Corte CD 1/100

03.01 – Alçado Sul 1/100

03.02 – Alçado Norte 1/100

03.03 – Alçado Nascente 1/100

03.04 – Alçado Poente 1/100

Proposta 1 - “ O Manto”

04.01 – Planta do Piso -1 1/100

04.02 – Planta do Piso 1 1/100

04.03 – Planta da Cobertura 1/100

04.04– Planta da Cobertura- Estrutura de madeira 1/100

05.01 – Planta do Piso -1 Cotada 1/100

05.02 – Planta do Piso 1 Cotada 1/100

06.01 – Corte AB	1/100
06.02 - Corte CD	1/100
06.03 – Corte EF	1/100
06.04 - Corte GH	1/100
06.05 – Corte IJ	1/100
06.06 - Corte KL	1/100
06.07 – Pormenor da Cobertura	1/100
07.01 – Alçado Sul	1/100
07.02 – Alçado Norte	1/100
07.03 – Alçado Nascente	1/100
07.04 – Alçado Poente	1/100
07.05 – Planta e Alçado da Cruz	1/100
08.01 – Planta de Alterações do Piso -1	1/100
08.02 – Planta de Alterações do Piso 1	1/100
08.03 – Corte AB de alteração	1/100
Proposta 2 - “ A Concha”	
09.01 – Planta do Piso -1	1/100
09.02 – Planta do Piso 1	1/100
09.03 – Planta da Cobertura	1/100
09.04– Planta da Cobertura - Estrutura Metálica	1/100
09.05 – Planta da cobertura - madeira “A Concha”	1/100
09.06 – Planta da Cobertura - Estruturas	1/100

10.01 – Planta do Piso -1 Cotada	1/100
10.02 – Planta do Piso 1 Cotada	1/100
11.01 - Corte AB	1/100
11.02 - Corte CD	1/100
11.03 - Corte EF	1/100
11.04 - Corte GH	1/100
11.05 – Pormenor da Cobertura	1/100
12.01 – Alçado Sul	1/100
12.02 – Alçado Norte	1/100
12.03 – Alçado Nascente	1/100
12.04 – Alçado Poente	1/100
13.01 – Planta de Alterações do Piso -1	1/100
13.02 – Planta de Alterações do Piso 1	1/100
13.03 – Planta de Alterações da Cobertura	1/100
13.04 – Planta de Alteração - Corte Longitudinal	1/100
13.05 – Planta de Alterações do Alçado Sul	1/100
13.06 – Planta de Alterações do Alçado Norte	1/100
13.07 – Planta de Alterações – Corte Transversal	1/100

ANEXOS

Fotos da Maquete



Figura 191: Vista geral da Igreja Nª Sª do Amparo, "O Manto". Norte - Sul.



Figura 192: Vista geral da Igreja Nª Sª do Amparo, "O Manto". Nascente - Poente.



Figura 193: Igreja "O Manto", zona Sul.



Figura 194: Igreja "O Manto", zona Sul - Nascente.



Figura 195: Igreja "O Manto", zona Norte.



Figura 196: Igreja "O Manto", zona Poente.



Figura 197: Igreja "O Manto", interior – nave e sacristia.



Figura 198: Igreja "O Manto", interior – nave e altar



Figura 199: Igreja “O Manto”, interior – cobertura.



Figura 200: Igreja “O Manto”, cave.



Figura 201: Vista geral da Igreja Nª Sª do Amparo, "A Concha". Nascente - Poente.



Figura 202: Vista geral da Igreja Nª Sª do Amparo, "A Concha".



Figura 203: Igreja "A Concha", zona Norte.



Figura 204: Igreja "A Concha", zona Poente.



Figura 205: Igreja "A Concha", zona Sul



Figur206: Igreja "A Concha", zona Sul - Nascente.

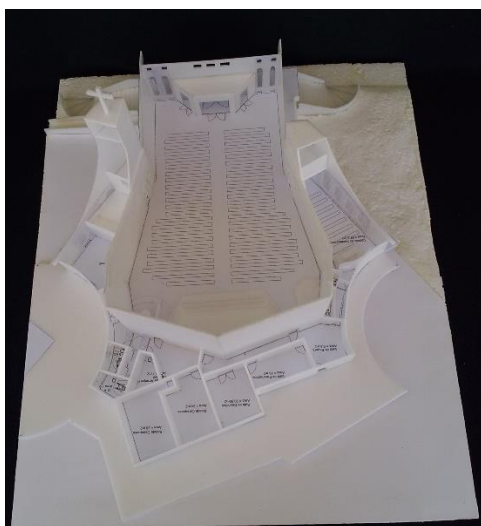


Figura 207: Igreja "A Concha", interior – nave, sacristia, capela



Figura 208: Igreja "A Concha", interior -nave, altar, capela